



ALINE APARECIDA VALENTE

**A MODA BRASILEIRA PODE MUITO MAIS: SOCIEDADE E
SUSTENTABILIDADE CULTURAL EM RONALDO FRAGA**

**LAVRAS-MG
2017**

ALINE APARECIDA VALENTE

**A MODA BRASILEIRA PODE MUITO MAIS: SOCIEDADE E SUSTENTABILIDADE
CULTURAL EM RONALDO FRAGA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, linha de pesquisa em Sustentabilidade e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Luciana Braga Silveira
Orientadora

Profa. Dra. Luciana Crivellari Dulci
Coorientadora

**LAVRAS-MG
2017**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Valente, Aline Aparecida.

A moda brasileira pode muito mais: sociedade e sustentabilidade cultural em Ronaldo Fraga / Aline Aparecida Valente. - 2017.

181 p.

Orientador(a): Luciana Braga Silveira.

Coorientador(a): Luciana Crivellari Dulci.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Moda sustentável. 2. Cultura. 3. Ronaldo Fraga. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

ALINE APARECIDA VALENTE

**A MODA BRASILEIRA PODE MUITO MAIS: SOCIEDADE E SUSTENTABILIDADE
CULTURAL EM RONALDO FRAGA**

**BRAZILIAN FASHION CAN DO MUCH MORE: SOCIETY AND CULTURAL
SUSTAINABILITY IN RONALDO FRAGA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, linha de pesquisa em Sustentabilidade e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 19 de maio de 2017.

Dra. Eloisa Helena de Souza Cabral, UFLA

Dra. Maria Cláudia Bonadio, UFJF

Dra. Wânia Rezende Silva, UEM

Profa. Dra. Luciana Braga Silveira
Orientadora

Profa. Dra. Luciana Crivellari Dulci
Coorientadora

**LAVRAS-MG
2017**

AGRADECIMENTOS

Desde quando eu comecei a pensar em escrever os meus agradecimentos, queria tanto escrever sobre algo que significasse o que aprendi vivendo perto de todas as pessoas que fizeram parte do percurso. Não consegui. Talvez por não acreditar que tudo acaba aqui. Que o caminho não se finda com a entrega da dissertação. Isso se deve ao fato de que o que vivi com essa gente, segue comigo. É tempo de agradecer não como despedida, mas agradecer por ter encontrado no caminho algumas das minhas melhores inspirações de um mundo mais justo e melhor. E agradecer pela oportunidade de conhecer histórias, encontrar caminhos, visualizar horizontes.

Meu agradecimento especial à minha querida orientadora Luciana Braga Silveira, por seu acolhimento, por sua disponibilidade, seu carinho, seu direcionamento, por tantos ensinamentos e, principalmente por ter acreditado em mim. Agradeço também, por ter convidado a Luciana Crivellari Dulci como coorientadora nesse percurso. Esse convite foi uma prova de cuidado imenso. A você, Luciana Dulci, obrigada por todos os apontamentos que você faz com os olhos brilhando. Pelo seu entusiasmo e sua alegria de viver. Vocês são imbatíveis. Mesmo que eu quisesse imaginar, não conseguiria expressar o que eu poderia aprender com vocês. Desde os primeiros encontros, tenho registrado o caminho tão bem sinalizado por vocês e que seria percorrido, juntas. Assim como o foi. Serei sempre grata por tudo, todas as palavras e todos os desafios propostos. Acredito que não será possível surpreender vocês o quanto merecem, mas o resultado deste trabalho sem a contribuição de vocês, sem a amizade e a paciência não seria possível. Meus mais sinceros agradecimentos e minha imensa admiração por vocês.

Agradeço aos colegas que estiveram comigo em sala de aula compartilhando experiências e reflexões e que serão referências muito importantes daqui pra frente. Obrigada a todos por todas as vezes que contribuíram com a minha pesquisa e por compartilharem comigo os seus saberes valiosos. Jamais serão esquecidos.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão (PPGDE), que foram fundamentais para a minha formação e que contribuíram por me apresentar a tantas leituras relevantes para o desenvolvimento da minha pesquisa. Agradeço também a todos os funcionários do Departamento, por estarem sempre atentos e disponíveis para ajudar no que foi preciso.

Aos membros da banca do exame de qualificação, Professoras Eloisa Helena de Souza Cabral, Wânia Rezende Silva e Maria de Lourdes Souza Oliveira (Maroca), pelas importantes contribuições e atenção com o meu trabalho de pesquisa.

Às amigas Geiziana Nunes e Diana Suzete, pela acolhida, apoio, amizade e longas conversas que foram um alento ao coração nesse tempo em Lavras.

À amiga Suely Ferreira, por todo cuidado e apreço que nunca me faltaram. Não teve distância que impedisse você de estar tão perto.

Aos meus amigos, que de uma forma ou de outra estiveram presentes. Agradeço imensamente por torcerem tanto, por apoiarem, por estarem sempre disponíveis, e, mesmo que por diversas vezes eu tenha me ausentado, vocês estavam sempre por perto. Nunca me senti sozinha. Estavam sempre à espreita e, por isso, o meu caminho ficou mais tranquilo, mais bonito e mais feliz. Não citarei o nome de cada um aqui, mas vocês se reconhecem nas palavras. No momento que eu escrevo, cada um de vocês é lembrado com um sorriso, coração aquecido e com os olhos marejados de saudade.

À minha tia Silvana Valente, pela generosidade, pelas palavras tão doces e amorosas. Obrigada pela pessoa maravilhosa que você é, e que Deus carinhosamente colocou na minha vida.

À minha prima Polyana Valente, por quem eu tenho uma imensa admiração pela força, pela mulher, pela beleza, pela leveza e por acreditar que ‘os sonhos não envelhecem’. Obrigada a você e ao seu ‘Sol’ exclusivo.

Ao amigo-irmão Luiz Antônio que no dia que eu falei que iria participar do processo seletivo, marcou um café com bolo para que a gente pudesse prostrar sobre o projeto. No longo café o projeto foi estruturado, e com todo cuidado fez uma leitura atenta, crítica e assertiva para no final me dizer: agora tá bom, você vai passar e vai ser lindo. E foi lindo mesmo. Muito obrigada por acompanhar com atenção o início, o meio e o fim. Agora sigamos para onde tem música e café.

A minha família por todo apoio, reconhecimento e amor. Meus pais, Luiz Antônio Valente e Maria Aparecida Valente, meus irmãos, Luiz Gustavo Valente e Geisiane Valente. Aos meus amados sobrinhos Yasmim Valente, Luiz Pedro Valente e Lara Valente, que me fazem acreditar na ternura da vida, sem vocês, a vida não teria sentido.

Agradeço especialmente ao meu irmão Fabrício Valente que é meu ombro amigo, que ficou tão ansioso quanto eu desde o processo seletivo. E todos os dias que estive estudando em Lavras, todos os dias do desenvolvimento da pesquisa e todos os dias da vida, segue

comigo. Obrigada pela nobreza da sua companhia, pela sua dignidade, por estar sempre por perto e por ser quem você é. Você sempre será minha fonte de inspiração.

Agradeço ao Guilherme Alencar por ter vindo pra mais perto. Obrigada pelo amor, pela sabedoria, pela (c)alma, pelo carinho, pela atenção que torna tudo mais fácil. Obrigada por fazer parte da minha vida. A você, todo o meu apreço, respeito, admiração e encanto. Sua importância é inefável.

Ao meu avô Antônio Valente Sobrinho (em memória), a sua lembrança não diminui a saudade. Obrigada por me mostrar que afeto, sensibilidade e valores é que dão sentido e significado à vida. Obrigada pelos anos que passou comigo, me dando tantos significados e, obrigada por ter me ensinando tudo que eu precisava.

Tenho a convicção que ter passado por aqui e por todos vocês, nada será como antes. Eu peço a Deus que eu nunca me esqueça, e que nada do que vivi, senti e aprendi tornem invisíveis aos meus olhos. A todos vocês, muito obrigada!

RESUMO

Os significados atribuídos à moda podem estar associados a um modelo a ser seguido, à representação de desigualdades, à diferenciação de grupos e valores, para ressaltar relações de poder, expressar a cultura e ainda, representar um processo de obsolescência programada. Por outro lado, dada a sua representatividade e abrangência, a moda pode ainda confluir com a sustentabilidade em seus diversos aspectos, tais como o ambiental, econômico, social e cultural. Dessa forma, repensar processos para produzir moda, na perspectiva sustentável, se tornou relevante, dentre os profissionais da área, nos últimos tempos em que estas reflexões estão mais presentes. Esta pesquisa propõe identificar elementos sobre a relação entre a moda e a sustentabilidade, através da análise do trabalho desenvolvido pelo estilista brasileiro Ronaldo Fraga, focando a perspectiva cultural de sustentabilidade. O trabalho do estilista contém aspectos importantes que contribuem para pensar a sustentabilidade na moda, para além dos aspectos materiais e procedimentais da produção. Nessa perspectiva, para esta investigação foram analisadas todas as 42 coleções apresentadas pelo estilista até a presente data, produzidas no período compreendido entre 1996 e 2016. Foi realizada uma pesquisa documental através dos *releases* das coleções, vídeos institucionais, imagens fotográficas e vídeos dos desfiles. Para a pesquisa bibliográfica utilizou-se de artigos, dissertações e teses sobre o trabalho desenvolvido por Ronaldo Fraga, além das teorias pertinentes às temáticas tratadas neste trabalho. A pesquisa, qualitativa, foi fundamentada na análise de conteúdo para o tratamento de dados. Dessa forma, os resultados foram discutidos através das categorias criadas a partir das análises das coleções do estilista. Partindo dos dados coletados foi possível interpretar aspectos que sinalizavam para uma reflexão sobre sustentabilidade, assim como perceber que o fator humano e cultural é cada vez mais importante neste conceito. Sendo assim, a moda pode contribuir para manter a cultura viva e, sustentar a cultura é sustentar a humanidade. Com esta investigação foi possível afirmar que o trabalho do estilista Ronaldo Fraga colabora na construção de um caminho para a sustentabilidade na moda numa perspectiva sociocultural.

Palavras-chave: Moda sustentável. Cultura. Ronaldo Fraga.

ABSTRACT

The meanings attributed to fashion may be associated with patterns to be followed, representation of inequalities, differentiation of groups and values, emphasizing power relationship, expression of culture or representation of a planned obsolescence process. On the other hand, because of its representativeness and extent, fashion may also come together with sustainability in its various aspects, such as environmental, economic, social and cultural ones. Thus, rethinking processes to produce fashion, from a sustainable perspective, has become relevant to the professionals of the area recently when these reflections are more present. This research proposes the identification of elements of the relationship between fashion and sustainability through the analysis of the work developed by Brazilian stylist Ronaldo Fraga, focusing on the cultural perspective of sustainability. Fraga's work contains important aspects that contribute to thinking sustainability in fashion, beyond the material and procedural aspects of production. From this perspective, all the 42 collections presented by the designer from 1996 to 2016 were analyzed. A documentary research was carried out through collections releases, institutional videos, photographic images and videos of fashion shows. For bibliographical research, articles, dissertations, and theses about the work developed by Ronaldo Fraga were used, in addition to the theoretics pertinent to the themes treated in this work. Qualitative research was based on content analysis for the data treatment. Therefore, the results were discussed through categories created from the analysis of Fraga's collections. Based on the collected data, it was possible to interpret aspects that signaled for a reflection on sustainability, as well as to recognize that the human and cultural factor is increasingly important in this concept. Hence, fashion can contribute to keeping a culture alive, and sustaining a culture is sustaining humanity. With this research, it was possible to affirm that the work of the stylist Ronaldo Fraga collaborates in the construction of a path to sustainability in fashion from a sociocultural perspective.

Keywords: Sustainable fashion. Culture. Ronaldo Fraga.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Objetivo Geral.....	14
1.2	Objetivos Específicos.....	14
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
2.1	Moda numa perspectiva sociocultural.....	15
2.2	Uma abordagem compreensiva sobre sustentabilidade ampliada.....	19
2.3	Efemeridade <i>versus</i> sustentabilidade.....	31
2.3.1	Ronaldo Fraga.....	36
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	42
3.1	Objeto e natureza da pesquisa.....	43
3.2	Delineamento da pesquisa e coleta de dados	44
3.3	Organização do material para análise a partir do estudo exploratório...	45
3.4	Roteiro para descrição das coleções.....	46
3.5	Descrição das coleções: período entre 1996 a 2016.....	46
3.6	Pesquisa documental.....	47
3.6.1	Estudo dos <i>releases</i> de Ronaldo Fraga.....	47
3.6.2	Análise dos vídeos dos desfiles, vídeos institucionais e fotografias.....	48
3.7	Pesquisa bibliográfica.....	51
3.7.1	Artigos, dissertações, teses.....	51
3.7.2	Temas abordados nas coleções.....	52
3.8	Análise e interpretação dos dados.....	58
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	63
4.1	Análise de conteúdo das coleções: período entre 1996 a 2016.....	63
4.2	A sustentabilidade na moda de Ronaldo Fraga.....	100
4.2.1	Cultura Brasileira.....	101
4.2.2	Diversidade Cultural.....	118
4.2.3	Globalização.....	131
4.2.4	Identidade Cultural.....	144
4.2.5	Memória.....	156
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	172

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais, debates e iniciativas, no campo acadêmico e na prática de profissionais da moda têm contribuído para as discussões e as proposições de novos caminhos para as questões que envolvem o ciclo da moda e seus impactos sociais, econômicos e ambientais. Nessa direção, muitas contribuições de pesquisadores, estilistas e *designers* têm resultado em novas técnicas e novas possibilidades, caracterizando um processo contínuo de transformação e reorganização desse campo, apontando novas possibilidades e novos caminhos alternativos aos que vem sendo utilizados.

As reflexões acerca das novas formas de pensar, produzir e consumir moda tem estimulado o surgimento de diversas abordagens sobre moda sustentável, tais como: *eco fashion*, moda artesanal, moda consciente, moda ética, moda responsável, *slow fashion*, *upcycling e zero waste*, conceitos que serão abordados com mais detalhamento em momento posterior deste trabalho. O discurso da sustentabilidade alcançou a moda ao se tratar dos impactos sociais e econômicos, com as denúncias sobre as péssimas condições de trabalho, a mão de obra escrava e mão de obra infantil; dos impactos ambientais, ao abordar o excesso no consumo de água, o uso de produtos tóxicos e descarte de resíduos têxteis, dentre outros. Sem dúvida, o interesse dos profissionais da área de moda em relação às questões que envolvem a sustentabilidade é pertinente, devido ao esgotamento dos recursos naturais, às precárias condições de trabalho às quais são submetidos muitos trabalhadores do setor, ao uso de agrotóxicos utilizados nas lavouras, resíduos químicos no beneficiamento dos tecidos, o grande descarte de resíduos têxteis e de roupas prontas no meio ambiente.

Contudo, é possível observar que uma compreensão de sustentabilidade na moda pode estar além de uma noção de sustentabilidade fundada na inovação técnica e procedimental em uso no processamento dos recursos naturais e na produção do vestuário. A questão da sustentabilidade na moda pode também se associar a um entendimento de sustentabilidade que considera pensar as identidades culturais, e também a cultura enquanto formas de fazer, bem como as formas diferenciadas de ser e estar no mundo. Este paradigma de sustentabilidade para a moda sugere processos que valorizem o conhecimento e os aspectos socioculturais, históricos e regionais e a preservação destes.

Sob essa perspectiva, destaca-se o trabalho do estilista brasileiro Ronaldo Fraga, nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais. Fraga é formado em Estilismo e Modelagem do Vestuário pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

As coleções desenvolvidas por Ronaldo Fraga são temáticas, e sublinham questões da sociedade, tratam de memória afetiva e ressaltam elementos que representam culturas regionais. O estilista conjuga, nas apresentações de suas coleções elementos visuais, sonoros e verbais, apresentando uma coerência e certa continuidade entre os desfiles.

Através do desenvolvimento de temas com conteúdo sociopolítico e cultural, Ronaldo Fraga conta histórias, apresenta e rediscute ideias e valores, nas apresentações dos seus desfiles. Os desfiles do estilista são narrativas da sociedade e, dessa forma, Fraga expressa e registra um tempo. O estilista busca apresentar e problematizar a cultura local sem deixar de lado um olhar cosmopolita, construído ao longo de uma rica trajetória de experiências com culturas locais e globais.

O trabalho de Ronaldo Fraga por se tratar de desfiles temáticos e apresentar elementos relevantes para reflexões sobre cultura, identidade cultural, memória e história, tem inspirado diversos estudos acadêmicos, em diferentes áreas do conhecimento tais como sociologia, arte, literatura, *design*, história e sustentabilidade. Os temas que inspiram suas coleções, bem como a sua interlocução com a música, literatura, poesia, artes plásticas, têm instigado reflexões sobre a possibilidade de se tratar da sustentabilidade sobre outras bases. O trabalho desenvolvido pelo estilista apresenta as culturas regionais, as formas diversas de se viver no mundo, os saberes e os fazeres, elementos que conduzem a uma noção de sustentabilidade fundada nos aspectos sociocultural e ético.

Muito tem se discutido sobre a sustentabilidade na moda partindo dos elementos materiais e técnicos da produção e denunciando excessos e desperdícios. Porém, o trabalho de Ronaldo Fraga inspira uma reflexão sobre sustentabilidade para além do debate centrado na finitude, escassez de recursos naturais e dos impactos socioambientais gerados pela indústria da moda. O estilista parece dialogar com a questão da sustentabilidade por outro viés, discutindo a cultura do consumo, a relação entre o local e o global e as identidades culturais.

O meu primeiro contato com o trabalho do estilista Ronaldo Fraga se deu na *Exposição Rio São Francisco, um Rio Brasileiro*, em 2012, no Mezanino do Palácio Gustavo Capanema, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. O estilista já havia abordado o Rio São Francisco como tema da sua coleção de verão 2008/2009, apresentada no São Paulo *Fashion Week* (SPFW), considerado o maior evento de moda do Brasil. Segundo Godart (2010, p.54), “o conjunto de desfiles de moda é conhecido sob o anglicismo *Fashion Week*, semana da moda”. Foi a partir do material de pesquisa para o desenvolvimento da coleção que Ronaldo Fraga idealizou a exposição sobre o rio.

No mesmo ano, visitei a *Exposição Ronaldo Fraga Caderno de Roupas, Memórias e Croquis*, em Belo Horizonte/MG. Exposição que abordou os temas de inspiração e o processo criativo de 35 coleções do estilista, desde o primeiro desfile em 1996 até o desfile apresentado em 2012. As exposições traduziam a memória afetiva do estilista Ronaldo Fraga. Sobre o Rio São Francisco, o estilista retratou a importância do rio para os ribeirinhos, as lendas, os ofícios das bordadeiras e a cultura local. Fraga (2012, p.107) considera que “nenhum outro rio do país desperta tanto afeto nos brasileiros quanto o rio São Francisco”. Em *Cadernos de Roupas, Memórias e Croquis*, o estilista mostrou que estabelece uma memória afetiva com objetos e o simbolismo que contam histórias das pessoas, dos lugares e as suas próprias histórias.

As impressões causadas pelo contato com o trabalho de Ronaldo Fraga motivaram a escolha desse estilista e de seu trabalho como objeto de pesquisa para o desenvolvimento do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Moda, Cultura da Moda e Arte, pela Universidade Federal de Juiz de Fora¹. Para o trabalho, foi considerada a análise de duas coleções: *O rio São*, Verão 2008/09, apresentada no São Paulo *Fashion Week* (SPFW), e a coleção Verão 2011, apresentada na abertura da 6ª edição do Minas *Trend Preview*, que aconteceu em abril de 2010, no Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte/MG. A 6ª edição do Minas *Trend Preview* contou com a curadoria do estilista que apresentou como tema central “Água”, com um projeto cenográfico desenvolvido com foco em sustentabilidade e reaproveitamento de materiais. O trabalho de conclusão de curso buscou apresentar um debate sobre sustentabilidade considerando as combinações entre as produções de moda que o estilista apresentou, através das duas coleções citadas acima, com as questões ambientais e culturais.

A partir dessa experiência com o trabalho de monografia, veio a motivação para dar continuidade à pesquisa e aprofundar mais sobre o trabalho desenvolvido pelo estilista Ronaldo Fraga e esta oportunidade se deu através do Mestrado. Com o andamento da presente pesquisa, observou-se que as coleções apresentavam uma correlação entre si, elementos recorrentes, ideias, valores e símbolos que estimularam análises em todas as coleções. Dessa forma, definiu-se que seriam analisadas as 42 coleções desenvolvidas pelo estilista. Estas

¹ VALENTE, Aline Aparecida. **Criação e sustentabilidade ambiental: marcos na obra de Ronaldo Fraga**. Trabalho de conclusão (Especialização), Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Instituto de Artes e Design. Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte, 2012.

foram apresentadas nos eventos de moda *Phytoervas Fashion*², Semana de Moda/Casa de Criadores e São Paulo *Fashion Week* (SPFW), que se referem aos desfiles realizados no período entre 1996 e 2016.

Nesse percurso, percebi que o trabalho do estilista apresentava elementos relevantes que possibilitariam reflexões relacionando moda e sustentabilidade, tendo como elemento-chave a noção de cultura.

Dessa forma, a moda apresentada pelo estilista, com sua riqueza e complexidade de elementos estéticos, motivou o desenvolvimento do presente trabalho, uma vez que sua obra permite associações e reflexões sobre a moda em uma plataforma possível para a expressão de ideias associadas à questão da sustentabilidade.

Essa pesquisa teve como alvo de interesse a reflexão sobre como a moda tem contribuído com o debate sobre sustentabilidade, repensando o uso adequado dos recursos naturais, mas também inspirando o questionamento sobre as relações sociais e os valores que sustentam a própria sociedade.

Numa perspectiva da importância social, a moda é uma forma de entendimento, representação e expressão da sociedade, apresentando as dinâmicas sociais, deglutindo, recriando, repercutindo e reverberando questões presentes no imaginário coletivo, dentre as quais, a preocupação com a sustentabilidade do planeta, das comunidades e de suas culturas.

Buscou-se compreender com essa investigação, como a moda enquanto expressão da sociedade é um fenômeno que indaga e ao mesmo tempo responde sobre questões da contemporaneidade, com foco no debate sobre a sustentabilidade.

A linha de pesquisa Sustentabilidade e Extensão do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão da Universidade Federal de Lavras (UFLA) contribuiu para o desenvolvimento da presente pesquisa com os debates em torno da construção e dos usos das noções da sustentabilidade, fornecendo subsídios para a reflexão sobre os possíveis diálogos entre a moda e a sustentabilidade.

Para apresentar a revisão bibliográfica, os dados coletados, as análises dos dados e o resultado das análises, esta dissertação está dividida em quatro capítulos, além das considerações finais. O primeiro capítulo refere-se a esta introdução.

O segundo capítulo é constituído pela revisão bibliográfica sobre moda na perspectiva sociocultural e sobre como a efemeridade da moda se contrapõe aos princípios da

² Evento de moda criado em 1994 com o objetivo de dar visibilidade a novos estilistas.

sustentabilidade. Buscou-se também apresentar a trajetória do estilista Ronaldo Fraga, enfocando especialmente a sua atuação sociopolítica. E, através do trabalho desenvolvido pelo estilista, considerou-se um caminho para tratar da relação entre moda e sustentabilidade.

O terceiro capítulo apresenta e define a Metodologia utilizada na pesquisa e o caminho percorrido para atingir os objetivos propostos no presente estudo. Ainda neste capítulo, são apresentadas as Análises e a Interpretação dos Dados, a partir da técnica da análise de conteúdo. Para tanto, procurou-se descrever o processo de coleta de dados e a organização do material para análise, além de apresentar as análises das coleções desenvolvidas pelo estilista Ronaldo Fraga que configuram e evidenciam uma forma de pensar a sustentabilidade na moda. Foram analisadas todas as 42 coleções produzidas pelo estilista, que são apresentadas neste capítulo através das categorias analíticas criadas no processo de análise de conteúdo, utilizados para tratamento dos dados segundo Bardin (2009). Para o *corpus* de discussão do resultado das análises foram escolhidos 18 desfiles a partir do estudo exploratório. Durante o percurso do estudo, foram feitas diversas revisões e associações dos desfiles. Foram analisados os temas e os sujeitos protagonistas das coleções, resultando na escolha dos 18 desfiles mais representativos para o *corpus* de discussão da presente pesquisa. Todas as coleções são apresentadas neste capítulo através de tabelas que relacionam as informações e os elementos levantados com as análises dos desfiles.

As coleções escolhidas para a discussão teórica relacionando os elementos às questões da sustentabilidade serão analisadas no capítulo quarto que apresenta os Resultados e as Discussões. Com base nas categorias finais desenvolvidas a partir do método da análise de conteúdo, este capítulo buscou refletir sobre a perspectiva da sustentabilidade na moda através das coleções criadas e apresentadas pelo estilista Ronaldo Fraga. Este detalhamento foi realizado com o aporte teórico relacionado às categorias finais. São estas: Cultura Brasileira, relacionada ao sentir, ao pensar, ao ser e ao fazer, ao pertencimento; Diversidade Cultural, considerando as formas diferenciadas de ser e estar no mundo; Globalização, indicando questões sobre o local e o global; Identidade Cultural, referindo-se ao indivíduo na sociedade e Memória, tratando da importância da preservação da história de lugares e pessoas.

Tanto a moda como a sustentabilidade são temas muito pesquisados e discutidos há muitos anos em diversos campos, principalmente nos espaços acadêmicos. As implicações e os questionamentos acerca da relação entre moda e sustentabilidade apresentam diversos aspectos e podem resultar em diversas concepções. Diante disso, a partir das análises das coleções do estilista Ronaldo Fraga e considerando os desafios da relação entre moda e

sustentabilidade, pergunta-se: qual o caminho de diálogo possível entre a moda e a sustentabilidade sob o viés sociocultural?

1.1 Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar a perspectiva de sustentabilidade presente no trabalho do estilista Ronaldo Fraga e como a sua obra estimula uma reflexão sobre esse próprio conceito, a partir de um trabalho no campo da moda.

1.2 Objetivos Específicos

- Identificar e avaliar os elementos presentes nas coleções do estilista Ronaldo Fraga que indicam coerências e conexões entre as coleções;
- Investigar e analisar as ideias, valores e conceitos subjacentes aos elementos simbólicos das coleções do estilista;
- Analisar e descrever a forma como uma coleção de moda pode constituir e representar questões sobre sustentabilidade.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo busca-se apresentar uma revisão bibliográfica acerca da relação entre a moda e a sustentabilidade. Será também apresentada a trajetória do estilista Ronaldo Fraga, de forma a discutir de que forma o seu trabalho tem representado o diálogo entre moda e a sustentabilidade.

2.1 Moda numa perspectiva sociocultural

Encontram-se diversas definições para a moda relacionando-a a história da moda ou como a moda pode refletir e elucidar sobre um tempo e uma sociedade. As abordagens variam dependendo da origem de suas teses, sejam elas provenientes da história, sociologia, antropologia, comunicação, filosofia ou *design*.

De acordo com Dulci (2009, p. 14-15), “a moda é um fenômeno social que expressa valores políticos, morais, culturais – em usos, hábitos e costumes – e abarca, portanto, qualquer manifestação material que represente tais valores, crenças e costumes”. Através da moda, pode-se buscar compreender e refletir sobre uma sociedade, a cultura e sobre um tempo. A moda vai além da roupa. A roupa materializa os sentidos da moda.

Ainda de acordo com a autora (2009),

A moda é uma manifestação cultural conhecida, sobretudo no ocidente, a partir do século XIX. Este fenômeno social tem importância como um dos principais campos de estudo para a compreensão de mecanismos de expressão modernos, no plano simbólico (DULCI, 2009, p. 14).

A moda implica compreender as expressões culturais, as transformações na sociedade e a retratar um tempo. É uma plataforma importante para debates e reflexões sobre valores, sobre os aspectos culturais e sociais.

Conforme Cidreira (2013),

A moda é concebida como modo de vida e é, sobretudo, esta percepção que possibilita a união entre a moda e a cultura. A própria compreensão da moda enquanto fenômeno cultural só foi possível a partir do momento em que a própria noção de cultura incorporou a ideia de modo de vida (CIDREIRA, 2013, p.23).

Dada a sua relevância em ser concebida como modo de vida e como manifestação cultural, a moda permite refletir e compreender as formas diferenciadas de viver no mundo.

Ainda de acordo com Cidreira (2013),

Atualmente, é fácil defender o argumento de que Moda e Indumentária são fenômenos culturais no sentido de que a cultura pode ser entendida como um sistema de significados, como formas pelas quais as experiências, os valores e as crenças de uma sociedade se comunicam através de atividades, artefatos e instituições (CIDREIRA, 2013, p.23).

Cidreira (2005, p.116) considera que “a indumentária assume uma responsabilidade informativa que dá conta dos diferentes períodos da civilização e da condição de vida dos homens socialmente constituídos”. A moda permite “pensar além da moda”, ou seja, a moda reflete, expressa e informa sobre a cultura enquanto formas de fazer, ser e estar no mundo.

Diversas concepções teóricas trataram sobre a importância histórica da moda como linguagem visual através da indumentária. Como coloca Crane (2006, p. 199), “as roupas, em seu papel de comunicação simbólica, tiveram fundamental importância no século XIX, como meio de transmitir informações tanto sobre o papel e a posição social daqueles que as vestiam quanto sobre sua natureza pessoal”. Ainda hoje é possível considerar a moda como uma forma de transmitir informação sobre a posição social e/ou estilo de vida, porém, observa-se uma transformação paradigmática relacionada a mudanças em processos de produção e de hábitos de consumo de produtos de moda que considerem, por exemplo, a sustentabilidade.

Nesse ponto, a moda como importante forma de transmitir informações, informa sobre as transformações na sociedade, sobre valores e até mesmo faz uma autocrítica.

Freyre (2009, p. 28) escreve que a moda é um “fenômeno social ou cultural, mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter, por algum tempo, determinada posição social”.

Na abordagem de Freyre (2009) ressalta-se o uso da palavra “coercitivo”. Nesse sentido, coercitivo pode-se relacionar ao sistema de moda como um sistema que se caracteriza como uma imposição de novos estilos. Da mesma forma, as expressões “mudança periódica” e “uso passageiro” podem representar o sistema de moda com os desfiles periódicos que indicam a mudança de estilos, sinalizando o desfile anterior como um estilo que passou. O que caracteriza um modelo insustentável.

A moda estabelece diálogo com diversos estudos e sentidos, como por exemplo, com as áreas de *design*, artes, história, sociologia, economia, entre outras. A sua contribuição pode compreender o reflexo e o impacto na sociedade, na cultura, no mercado e em relação à sustentabilidade. A dinâmica da moda configura-se uma estrutura econômica relacionada ao setor de bens de capital, como máquinas e equipamentos e ao setor químico, como tintas e corantes. Além do movimento que a moda faz para a valorização e fomento dos produtos locais, regionais e/ou nacional no mercado global.

A moda é o segundo maior empregador da indústria de transformação do país, o primeiro é o de alimentação e bebidas (juntos). Segundo dados³ do Programa de Internacionalização da Indústria da Moda Brasileira (TEXBRASIL⁴) referentes ao setor da indústria de moda nacional e seu desempenho em 2015, o faturamento foi de 36,2 bilhões de dólares. O setor têxtil brasileiro ocupa a posição do quinto maior do mundo, emprega cerca de 1,5 milhão de empregados diretos e 8 milhões se adicionarmos os indiretos, sendo 75% mão de obra feminina. O Brasil tem mais de 100 escolas e faculdades de moda, é autossuficiente na produção de algodão e é a indústria que tem quase 200 anos no país.

Observa-se que o processo de criação e desenvolvimento das coleções de moda envolvem inúmeros cenários, que vão além da comercialização de roupas. De acordo com Martins (2011, p.15), “a criação de uma coleção de moda é o resultado do desenvolvimento de um conjunto de peças de roupas para uma determinada estação”. Os lançamentos das coleções de moda são feitos através dos desfiles que acontecem duas vezes ao ano para a apresentação das coleções verão e inverno do ano posterior.

Historicamente, sobre o sistema de moda na atualidade,

Foi Charles Fredrick Worth quem, em 1850, em Paris, introduziu a dinâmica moda tal como a conhecemos hoje, com a inauguração de uma loja e de uma produtora de moda, incorporando e promovendo mudanças regulares, visando o mercado através de coleções que buscavam implantar uma identidade de marca. E a implantação de moda enquanto sistema (CIDREIRA, 2005, p.51).

³ Dados referentes ao ano de 2015.

⁴ A TEXBRASIL atua junto às empresas do setor têxtil e de confecção no desenvolvimento de estratégias para conquistar o mercado global. O programa é fomentado pela Associação Brasileira de Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). Disponível em: <<http://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor#sthash.rekZbDxM.dpuf>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

Segundo Michetti (2012, p.90, grifo da autora), “a figura do *estilista-criador* ou *criador de moda*, à qual é atribuída a tarefa de conferir o efeito do especial à “marca”, isto é, a unicidade e a originalidade mesmo ao produto fabricado em série”.

Foi com uma multinacional de origem francesa, a Rhodia, que nasceu a iniciativa de fazer grandes eventos que ocorreriam em todo o Brasil defendendo a ideia de uma ‘criação brasileira de moda’[...]. Entre 1963 e 1970 tais desfiles ocorreram anualmente na Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT) (MICHETTI, 2012, p.174).

Os desfiles periódicos de coleções da moda brasileira iniciaram nos anos de 1990 com o evento *Phytoervas Fashion*. O evento se transformou em Morumbi *Fashion Brasil*, e posteriormente em São Paulo *Fashion Week* (SPFW). São Paulo também conta com o evento Semana de Moda/Casa de Criadores e no Rio de Janeiro, o *Fashion Rio*. O São Paulo *Fashion Week* faz parte do calendário de lançamento de moda internacional, assim como Paris, Londres, Milão e Nova York.

Algumas abordagens sobre moda sustentável contrapõem sobre o sistema de moda, e podem estar relacionadas às questões ambientais, sociais e/ou culturais. Como por exemplo, de acordo com Salcedo (2014, p.32) a *eco fashion* ou *ecomoda* “engloba todas aquelas peças de roupas e outros produtos de moda feitos por métodos menos prejudiciais ao meio ambiente. Esse termo enfatiza, portanto, a redução do impacto ambiental”. Sobre a moda ética Salcedo (2014, p.33) contribui, “leva em conta o meio ambiente e se concentra também na saúde dos consumidores e nas condições de trabalho das pessoas na indústria da moda. A ênfase recai tanto sobre o aspecto ambiental como sobre o aspecto social”. E, o *slow fashion*, que de acordo com Salcedo (2014, p.33) trata-se da “maior conscientização de todas as partes envolvidas, a velocidade mais lenta e a ênfase na qualidade dão lugar a relações diferentes entre o estilista e o produtor, o fabricante e as peças, a roupa e o consumidor”. Como se pode observar, a moda faz uma crítica à própria moda e, nessa perspectiva, pode motivar a mudança de comportamento do consumidor e pode até mesmo refletir sobre o sistema de moda.

De acordo com Crane (2011)

Nos últimos cinquenta anos, diversas sociedades avançadas tornaram-se aos poucos “sociedades de consumo”, nas quais o consumidor desempenha importante papel no estímulo do desenvolvimento econômico. Cientistas,

cientistas sociais, jornalistas e políticos preocupados com o futuro do meio ambiente afirmam que é insustentável a continuidade do nível e dos tipos de consumo hoje prevalentes. [...] O consumo deve deixar de ser o motor principal do desenvolvimento econômico (CRANE, 2011, p. 229).

Dessa forma, a moda representa um papel importante para que outros aspectos sejam determinantes na mudança de comportamento do consumidor. Aspectos que podem estar relacionados à cultura do local, com a história do produto, por exemplo. Crane (2011, p.229) afirma que “o significado do consumo para o consumidor deve mudar radicalmente. As bases sobre as quais os consumidores constroem suas identidades sociais através do consumo devem ser reavaliadas”.

São necessárias mudanças significativas na relação entre a moda e consumo, impactando diretamente em uma importante característica da moda, a sua efemeridade. Característica que será abordada ainda neste capítulo.

2.2 Uma abordagem abrangente sobre sustentabilidade ampliada

Para tratar da dinâmica da sustentabilidade na moda, a fundamentação teórica na presente pesquisa considerou relacionar os conceitos e interpretações sobre desenvolvimento sustentável e ecodesenvolvimento. Porém, busca-se ampliar as reflexões sobre sustentabilidade, de forma que englobe questões relacionadas às ideias, valores, formas de ser e estar no mundo e modos de vida, que se referem ao conceito antropológico de cultura.

Sendo assim, para o desenvolvimento da presente pesquisa, consideram-se reflexões relacionadas à sustentabilidade cultural e social. Com isso, o campo de análise foi delimitado: a análise da sustentabilidade com enfoque sociocultural. Dessa forma, optou-se por usar o conceito para além da perspectiva apenas ecológica no estrito senso, mas, focar questões que envolvam a noção de desenvolvimento sustentável considerando os aspectos social e cultural.

Segundo Sachs (1993, p.25-27) as cinco dimensões de sustentabilidade do ecodesenvolvimento compreende: sustentabilidade social; econômica; ecológica; espacial e sustentabilidade cultural.

a) Sustentabilidade Social: O processo deve se dar de tal maneira que reduza substancialmente as diferenças sociais. Considerar “o desenvolvimento em sua multidimensionalidade, abrangendo todo o espectro de necessidades materiais e não materiais”.

- b) **Sustentabilidade Econômica:** A eficiência econômica baseia-se em uma “alocação e gestão mais eficientes dos recursos e por um fluxo regular do investimento público e privado”. A eficiência deve ser medida, sobretudo, em termos de critérios macrosociais.
- c) **Sustentabilidade Ecológica:** Compreende a intensificação do uso dos potenciais inerentes aos variados ecossistemas, compatível com sua mínima deterioração. Deve permitir que a natureza encontre novos equilíbrios, através de processos de utilização que obedeçam a seu ciclo temporal. Implica também em preservar as fontes de recursos energéticos e naturais.
- d) **Sustentabilidade Espacial:** Pressupõe evitar a concentração geográfica exagerada de populações, atividades e de poder. Busca uma relação equilibrada cidade-campo.
- e) **Sustentabilidade Cultural:** Significa traduzir o “conceito normativo de ecodesenvolvimento em uma pluralidade de soluções particulares, que respeitem as especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e de cada local” (SACHS apud FILHO, 1993, p.133-135).

Ressalta-se neste trabalho a abordagem que se refere à sustentabilidade social e cultural, com o intuito de fornecer subsídios e consistência teórica às análises dos elementos identificados nas coleções do estilista Ronaldo Fraga. Ainda, na presente pesquisa, considera-se a utilização da expressão “sustentabilidade ampliada” para tratar e discutir os resultados das análises das coleções do estilista Ronaldo Fraga.

Com o intuito de discutir sobre o trabalho desenvolvido pelo estilista Ronaldo Fraga, a expressão “sustentabilidade ampliada” faz, na presente pesquisa, referência a uma compreensão de sustentabilidade que considera o refletir sobre a sociedade e o reconhecimento e valorização dos aspectos socioculturais, históricos e locais. Como foi dito anteriormente, essa pesquisa não considera uma noção de sustentabilidade fundada apenas na inovação técnica e procedimental do uso de recursos naturais no que se refere à produção de moda. Os discursos sobre os conceitos de sustentabilidade na moda na maioria das vezes podem estar relacionados aos aspectos materiais e aos processos de produção.

Embora possa representar um conceito relativamente novo, as primeiras preocupações com o design e o ambiente foram levantadas já na década de 1960. A partir de então, diferentes ações para a redução do impacto causado pela moda no meio ambiente e na sociedade já foram tomadas. Mesmo que o foco ainda esteja centrado na seleção de materiais adequados, a indústria moderna da moda já percorre hoje muitos outros caminhos diferentes que vão além da preocupação com o material correto (GWILT, 2014, p.18).

O processo de produção, o uso e o descarte dos produtos da moda provocam grande impacto socioambiental. Para o desenvolvimento de uma moda sustentável seria necessário repensar todo o ciclo da moda:

- a) Materiais; utilização de produtos químicos e consumo excessivo de água nas plantações e no beneficiamento e tratamento das fibras e tecidos;
- b) Processo produtivo; condições de trabalho nas fábricas;
- c) Logística e distribuição das peças; o transporte em rodovias que é poluente;
- d) Descarte; os resíduos têxteis e as peças prontas que vão para o lixo.

O ciclo da moda com a inserção de materiais e técnicas sustentáveis é um dos caminhos para a sustentabilidade na moda. Mas outros caminhos adicionais podem ser apresentados referindo-se a aspectos de cunho imaterial, relativo às ideias e conceitos que problematizam as relações sociais e a cultura do consumo, bem como questionam as desigualdades socioculturais. Portanto, para tratar da sustentabilidade na moda na presente pesquisa, optou-se a utilização da expressão “sustentabilidade ampliada”, que não considera somente os aspectos materiais e o processo de produção, mas focalizam esses outros caminhos e possibilidades para o desenvolvimento da sustentabilidade na moda.

A expressão “sustentabilidade ampliada” não é um conceito inédito, lançado por este trabalho. É resultado de reflexões de uma reflexão sobre o próprio conceito de sustentabilidade desenvolvido no debate internacional sobre as questões ambientais e problematizado por autores dedicados ao tratamento teórico desse tema.

O conceito de “sustentabilidade ampliada” foi instituído pela Agenda 21 Brasileira, elaborado e implementado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 21 Brasileira (CPDS), criada por decreto presidencial em 26/02/1997.

A Agenda 21 Brasileira é um processo e instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável e que tem como eixo central a sustentabilidade, compatibilizando a conservação ambiental, a justiça social e o crescimento econômico. O documento é resultado de uma vasta consulta à população brasileira, sendo construída a partir das diretrizes da Agenda 21 global (SÁ, 2006, p.55).

Portanto, a Agenda 21 Brasileira trata-se de um instrumento criado a partir da Agenda 21 global, com base na realidade brasileira. De acordo com o *site*⁵ do Ministério do Meio Ambiente, sobre a Agenda 21 global,

A Organização das Nações Unidas – ONU realizou, no Rio de Janeiro, em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD). A CNUMAD é mais conhecida como Rio 92, referência à cidade que a abrigou, e também como “Cúpula da Terra” por ter mediado acordos entre os Chefes de Estado presentes. 179 países participantes da Rio 92 acordaram e assinaram a Agenda 21 Global, um programa de ação baseado num documento de 40 capítulos, que constitui a mais abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, denominado “desenvolvimento sustentável”. O termo “Agenda 21” foi usado no sentido de intenções, desejo de mudança para esse novo modelo de desenvolvimento para o século XXI. A Agenda 21 pode ser definida como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, que concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

Sobre a Agenda 21 Brasileira, Novaes (2003) contribui,

Agenda 21 não é apenas um documento. Nem é um receituário mágico, com fórmulas para resolver todos os problemas ambientais e sociais. É um processo de participação em que a sociedade, os governos, os setores econômicos e sociais sentam-se à mesa para diagnosticar os problemas, entender os conflitos envolvidos e pactuar formas de resolvê-los, de modo a construir o que tem sido chamado de sustentabilidade ampliada e progressiva (NOVAES, 2003, p.5).

Sobre o conceito de sustentabilidade ampliada, a Agenda 21 Brasileira considera,

A metodologia de trabalho aprovada pela Comissão de Política de Desenvolvimento Sustentável (CPDS) selecionou as áreas temáticas e determinou a forma de consulta e construção do documento Agenda 21 Brasileira. A escolha dos temas centrais foi feita de forma a compreender a complexidade do país e suas regiões dentro do conceito da sustentabilidade ampliada. São eles: gestão dos recursos naturais, agricultura sustentável, cidades sustentáveis, infraestrutura e integração regional, redução das

⁵ Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

desigualdades sociais e ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável. As áreas temáticas tiveram como princípio para sua definição não só a análise das potencialidades, como é o caso da gestão dos recursos naturais, grande diferencial do Brasil no panorama internacional, mas, também, fragilidades reconhecidas historicamente no processo de desenvolvimento, ou seja, as desigualdades sociais (AGENDA 21 BRASILEIRA, 2002, p.7).

Em seu livro “Desenvolvimento Sustentável, o desafio do século XXI”, José Eli da Veiga faz uma crítica ao conceito de sustentabilidade ampliada instituído pelo documento Agenda 21 Brasileira,

Em tom pouco modesto, o citado documento afirma ter consagrado “o conceito de sustentabilidade ampliada e progressiva”. Ampliada porque preconiza a ideia da sustentabilidade permeando todas (sic) as (sete) dimensões da vida: a econômica, a social, a territorial, a científica e tecnológica, a política e a cultural (VEIGA, 2010, p.189).

Como pode ser observado, a Agenda 21 Brasileira considera a sustentabilidade ampliada como um processo que engloba os fatores sociais e ambientais. Em contrapartida, como se posiciona Veiga (2010), não se pode dizer que o conceito abarca todos os aspectos da sustentabilidade. Ressalta-se que a expressão “sustentabilidade ampliada”, que é utilizada na presente pesquisa é reapropriada tendo por base a crítica de Veiga, que considera que a expressão “sustentabilidade ampliada” não condiz com o que o conceito apresenta. Na presente pesquisa, utiliza-se essa expressão para dar relevância aos aspectos sociais e culturais, elementos trabalhados nas coleções do estilista Ronaldo Fraga para investigar um caminho entre a moda e a sustentabilidade.

Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade são conceitos que suscitam diversos debates. E o que pode ser efetivamente considerado sustentável também instiga diversas interpretações.

Para a presente pesquisa, considera-se o conceito de desenvolvimento sustentável como sendo o conceito que foi discutido pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, em 1987. Conforme Veiga (2010),

Desde 1987, um intenso processo de legitimação e institucionalização normativa da expressão “desenvolvimento sustentável” começou a se firmar. Foi nesse ano que, perante a Assembleia Geral da ONU, Gro Harlem

Brundtland, a presidente da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, caracterizou o desenvolvimento sustentável como um “conceito político” e um “conceito amplo para o progresso econômico e social” (VEIGA, 2010, p.113).

De acordo com Vizeu et al. (2012),

Em dezembro de 1983, o secretário geral das Nações Unidas apontou Gro Harlem Brundtland, primeira ministra da Noruega, nessa época, para coordenar uma comissão independente com foco nos problemas relacionados à crise ambiental e ao desenvolvimento. Essa iniciativa ficou conhecida por Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e teve seus trabalhos encerrados em 1987 com a publicação do relatório “Nosso Futuro Comum”, também conhecido como “Relatório Brundtland”. Foi no relatório Brundtland que a expressão “desenvolvimento sustentável” foi pioneiramente definida como “o desenvolvimento que atende às necessidades presentes sem comprometer a habilidade das gerações futuras em atenderem às suas próprias necessidades”. O relatório sugeria que o “desenvolvimento sustentável” deveria ser reconhecido como o propósito orientador da ação política e econômica internacional (VIZEU et al., 2012, p.574).

Todavia, alguns autores discordam e apontam limitações sobre o conceito de desenvolvimento sustentável no Relatório. É o caso, por exemplo, de Vizeu et al. (2012), que considera que o relatório não questiona sobre o que são de fato necessidades humanas e como essas estão diretamente relacionadas com as formas culturais de cada sociedade.

Apesar da retórica conservacionista, esse relatório corrobora a perspectiva desenvolvimentista do capital que entende o ambiente como “meio” ou repositório de recursos a serem utilizados para satisfação das necessidades humanas. Segundo, entende necessidades baseadas de uma perspectiva ocidental globalizante que ignora as inúmeras diferenças culturais entre as nações. Terceiro, tanto não distingue a diferença entre desejos e necessidades, como não reconhece que necessidades são socialmente construídas (VIZEU et al., 2012, p.580).

O autor conclui,

Como conceito, a ideia de desenvolvimento sustentável é apresentada de forma dissociada da sua concepção social-histórica, ou seja, a sua concepção é apresentada sem levar em consideração seus limites, a sua relação com o

real. É apresentada como racionalidade absoluta, mas na realidade tem pouca sustentação por servir a qualquer momento, em qualquer situação dentro da lógica espacial e temporal estática e imutável (VIZEU et al. 2012, p.580).

Como se pode observar, mesmo nas breves citações acima, não há um consenso sobre as concepções relacionadas ao Relatório, o que instiga diversas reflexões sobre o que é uma sociedade sustentável.

Na entrevista concedida à Bonadio e Penna (2016), o estilista Ronaldo Fraga considera o desconforto com o termo sustentabilidade e esboça uma crítica sobre questões relacionadas à sustentabilidade na moda. Fraga ressalta,

Tem uma coisa que acho muito séria, que é o termo. Não sei se ela inventou, mas quem fala disso lindamente, a Marina Silva (política e ambientalista brasileira, Ministra do Meio-Ambiente entre 2003-2008), sobre sustentabilidade estética. Se discute muito a sustentabilidade no campo ambiental, mas acho que a parte que caberia à moda seria a sustentabilidade estética. O que seria isso? Por exemplo, de tempos em tempos, eu coloco um trabalho o que muitos intitularam como “coleções etnográficas”. Sobre o fazer tradicional ao redor do Brasil. Eu fiz um trabalho no interior de Pernambuco uma vez, porque a região sempre viveu dos bordados e a atividade estava em decadência, as filhas das bordadeiras ganham mais dinheiro com prostituição do que com bordado, ou seja, há uma ancestralidade de um povo se perdendo. O pouco que existe, o atravessador, por questão de custo, estava levando para elas bordarem no poliéster, na viscolycra. Isso para mim é um caso de ser visto pela “sustentabilidade estética”. Não há vestígio de história, ao patrimônio público, não tem respeito da memória. Então a discussão que me interessa em termos de sustentabilidade é essa, a estética. Onde você preserva a memória, a cultura... estamos falando de educação, com ela você preserva o mundo. Agora essa história de vamos fazer uma roupa de garrafa PET, um algodão orgânico tal, essa conversa me enche o saco. (FRAGA apud BONADIO; PENNA, 2016, p.178-179).

A declaração do estilista, citada acima, considera um caminho onde a moda poderia ser considerada sustentável, relacionado à sustentabilidade estética. Nesse caso, poderia conjugar a moda com o patrimônio e com a história, por exemplo. Visto que sustentabilidade estética é um conceito relativamente novo, a ambientalista Marina Silva o associa à memória do país, aos elementos estéticos relacionados ao patrimônio histórico. Marina Silva considera a sustentabilidade estética como um dos pilares da sustentabilidade.

Em uma palestra intitulada “Palestra com Marina Silva sobre os desafios do desenvolvimento sustentável” (2015), no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), a ambientalista proferiu,

É importante ter claro que quando se fala a palavra desenvolvimento sustentável não se está falando apenas do aspecto ambiental, que já é muito importante. Quando se fala a palavra desenvolvimento a gente está se referindo a um modelo de desenvolvimento e um modelo de desenvolvimento não pode se ater apenas as bases naturais desse modelo. É por isso que falar de desenvolvimento sustentável pressupõe diferentes dimensões. Uma dimensão econômica, uma dimensão social, uma dimensão ambiental, uma dimensão política, uma dimensão ética e até mesmo estética. Ou seja, a sustentabilidade não é apenas uma maneira de fazer as coisas, de uma forma respeitosa com o meio ambiente, é uma maneira de ser. É isso também, mas é, sobretudo, uma maneira de ser. Uma visão de mundo, um ideal de vida. [...] Quando nós dizemos que precisamos sair do atual modelo para um modelo sustentável de desenvolvimento, o que eu estou fazendo quando faço essa afirmação? Mesmo que eu não diga nenhuma palavra contra o atual modelo, eu já estou fazendo uma crítica radical, profunda ao atual modelo. Eu estou pela afirmativa dizendo que o atual modelo é insustentável. Insustentável não apenas do ponto de vista ambiental, de que ele é insustentável do ponto de vista econômico, social, ambiental, cultural, político e de valores (PALESTRA..., 2015).

A declaração de Marina Silva (2015) contribui para importantes reflexões sobre os aspectos éticos que envolvem uma sociedade sustentável. A ética pressupõe o cuidado e o respeito. No trabalho desenvolvido por Ronaldo Fraga é possível perceber o resultado do envolvimento do estilista com as diversas maneiras de ser no mundo, com os saberes e fazeres locais, com outras visões de mundo, questões que presumem o cuidado com a cultura local, com a história do outro e com o ambiente.

Nesse ponto, o trabalho do estilista nos leva a considerar os aspectos ideológicos da sustentabilidade, a pensar a moda com valores e ética. Uma estratégia que não se restringe às interferências no ciclo da moda, em seus aspectos materiais, mas reafirmando um cuidado com o equilíbrio das questões éticas e sociais.

Os impactos socioambientais da moda mostram que o ciclo da moda é um ciclo insustentável. Explorar novos caminhos e abordagens para a sustentabilidade na moda faz com que considere não só a produção da roupa com materiais sustentáveis, mas um caminho

que considere a cultura local, que preserve uma tradição, por exemplo, e, que dessa forma, pode impactar positivamente como um caminho da sustentabilidade cultural e social.

Sobre as considerações relacionadas à sustentabilidade no aspecto social, cultural, ético e estético, Marina Silva (2015) considera,

Um modelo para ser sustentável do ponto de vista social tem que transformar as riquezas produzidas e fazer um processo de distribuição dessas riquezas criando igualdade de oportunidade, suprimindo as pessoas de uma base essencial para que desenvolvam suas potencialidades. Isso tem a ver com equidade social. [...] Um modelo pra ser sustentável, ainda diz as Nações Unidas, precisa ser do ponto de vista cultural. Se nós tivermos um modelo que vai homogeneizando a cultura, todo mundo se transformando na mesma coisa, isso é insustentável do ponto de vista cultural. Não há como ter troca na igualdade, só existe a troca na diferença. E a tendência é a homogeneização da própria cultura. A diversidade cultural é muito importante. [...] Um modelo para ser sustentável também precisa ser do ponto de vista ético. Boa parte dos problemas já tem respostas técnicas. O que falta é o compromisso ético de colocar as nossas técnicas a serviço da decisão que nós tomarmos. [...] Um modelo para ser sustentável também precisa ser do ponto de vista estético. [...] Tem coisas que devem ser preservadas pelo valor acústico que elas tem, pelo valor imagético que elas tem, pelo valor pictórico que elas tem, pelo valor simbólico que elas tem, pelo valor histórico que elas tem. Nós somos muito mais do que aquilo que pode ser monetarizável (PALESTRA..., 2015).

Considerando os aspectos da sustentabilidade numa perspectiva social, cultural, ética e estética, aspectos que foram abordados por Marina Silva (2015), pode-se reconhecer como outros caminhos da sustentabilidade a serem explorados pela moda. Não considerar somente o valor econômico dos produtos de moda, mas o que a moda pode apresentar e representar relacionados à cultura local, história de um povo, patrimônio cultural e tradição.

Quando um estilista desenvolve uma coleção em parceria com uma comunidade local, o processo de produção envolve uma série de etapas e processos que podem impactar na comunidade mesmo depois da coleção finalizada. Antes mesmo do desenvolvimento do trabalho junto à comunidade, o processo de pesquisa do estilista perpassa pela sensibilização da comunidade com o entorno onde vivem. Esse processo pode ser reconhecido como uma forma de resgate do sentimento de pertencimento e da valorização do local pelas pessoas da comunidade. Ao se debruçar sobre o trabalho que a comunidade desenvolve, o estilista pode auxiliar no resgate de técnicas manuais e artesanais, por exemplo, que com o tempo teriam

deixado de ser desenvolvidas. E, ainda, a intervenção do estilista pode agregar valor aos produtos desenvolvidos pela comunidade, tornando-os uma fonte de geração de renda. Neste ponto, é possível identificar a sustentabilidade nos aspectos social, cultural, ético e até mesmo estético.

Sobre a importância do debate sobre moda sustentável, o Relatório de Economia Criativa (2010) informa,

No Seminário Internacional da UNCTAD em janeiro de 2010 sobre a Redefinição da Sustentabilidade na Agenda Internacional organizado conjuntamente pelos Programas de Biocomércio e Economia Criativa da UNCTAD em associação com a ONG *Green Greener*, um grupo de profissionais comprometidos da moda ecológica, incluindo a *London Fashion Association*, propôs um plano de ação para estabelecer a base para uma legislação significativa, a fim de transformar a moda sustentável em uma norma até 2030 (RELATÓRIO..., 2010, p.67).

As práticas que apresentam menor impacto ambiental e que denunciem práticas abusivas da indústria da moda nos aspectos socioambientais estão inseridos em debates em torno de uma moda sustentável.

Conforme o Relatório de Economia Criativa (2010),

A moda sustentável, que utiliza produtos têxteis feitos de fibras orgânicas, naturais e recicladas, se tornou uma nova tendência. Os produtos têxteis são tecidos manualmente ou feitos de fibras naturais abastecidas pela chuva, como algodão orgânico, seda, cânhamo, juta e bambu. Os processos de produção da indústria da moda sustentável são não poluentes ou menos poluentes e, muitas vezes, utilizam pouca energia além da criatividade humana, talento e qualificações. Além de utilizar materiais naturais, a moda sustentável destaca identidades e culturas locais, tanto etnicamente quando eticamente. As roupas são provenientes do comércio justo, o que significa que as pessoas que as produzem recebem um preço justo e possuem condições de trabalho decentes. Além disso, os produtos da moda sustentável são recursos desejáveis biodegradáveis ou fáceis de reciclar, considerando-se que uma parte substancial de nossos aterros é composta de roupas baratas e jogadas fora. De acordo com o conceito da moda ecologicamente correta, não se deve evitar apenas os processos de produção prejudiciais ao meio ambiente, mas também o excesso de cultivo de espécies selvagens para obtenção de suas peles ou fibras naturais. Deve-se observar que os diversos processos da produção têxtil, de couro e outras produções relacionadas à moda, como joias, cosméticos e perfumes, utilizam substâncias químicas tóxicas e produzem efluentes que podem poluir o ar, a

água e o solo. Por exemplo, o algodão internacional é responsável por 11% dos pesticidas e 25% de todos os inseticidas utilizados por ano, ao passo que o algodão cultivado organicamente não envolve o uso de substâncias químicas que podem causar danos às espécies (RELATÓRIO..., 2010, p.67).

O Relatório da Economia Criativa (2010) chama a atenção para alguns caminhos para a moda sustentável. Desde os aspectos materiais, técnicos e procedimentais que consideram matéria-prima sustentável, como fibras e tecidos que são produzidos e manufaturados de forma que não agredem o meio ambiente até aspectos relacionados à cultura local, identidade local, e que a moda seja produzida e comercializada com propósitos éticos. Ainda, o cuidado que deve ter quem produz a moda, sobre o descarte da peça pronta no meio ambiente. Um caminho para a moda sustentável na perspectiva social e ambiental.

Sobre a relação entre a sustentabilidade ambiental e uma sociedade sustentável Manzini e Vezzoli (2011) contribui,

A relação entre sustentabilidade ambiental e sociedade sustentável deve ser compreendida em sua complexidade. Só é possível existir a primeira (a sustentabilidade ambiental) em uma sociedade que a promova e a sustente (sustentabilidade sustentável). Mas, enquanto o perfil da sustentabilidade ambiental se baseia em certos dados, ou no mínimo em dados mensuráveis e verificáveis, isso não ocorre com o perfil da sociedade sustentável: dada a sustentabilidade ambiental, existe uma multiplicidade de caminhos para chegar a ela e, assim, a uma multiplicidade de sociedades sustentáveis possíveis. Além disso, enquanto a sustentabilidade ambiental é um objetivo a ser alcançado, a sociedade é uma construção humana e, como tal, sempre modificável e em transformação (MANZINI; VEZZOLI, 2011, p.44-45).

Pode-se considerar que uma sociedade sustentável se faz num processo contínuo de construção de ideais e ações. Contínua também é a forma de repensar os modos de vida e as relações sociais, por se tratar de questões em transformação na sociedade.

Leff (2010, p.31), afirma que “a sustentabilidade aponta para o futuro”. De acordo com o autor (2010, p.76), “a transição para a sustentabilidade não é o desenvolvimento de uma história natural ou o desdobramento de uma essência ecológica no mundo, mas a abertura para uma alternativa social”. De acordo com o autor,

Para construir a sustentabilidade é necessário desconstruir as estruturas teóricas e institucionais, as racionalidades e ideologias que favorecem os atuais processos de produção, os poderes monopolistas e o sistema totalitário

do mercado global, para abrir canais em direção a uma sociedade baseada na produtividade ecológica, na diversidade cultural, na democracia e na diferença (LEFF, 2010, p.79).

Leff (2010) apresenta uma teoria sobre a perspectiva de sustentabilidade fundamentada na diversidade, na criatividade humana e na harmonia das relações sociais. O que pode ser considerado um novo caminho para repensar a moda. Além do ciclo da moda sustentável como alternativa para diminuir os impactos socioambientais, a moda pode considerar estratégias de sustentabilidade que adote práticas de trabalhos que envolvam o trabalho no nível local com características regionais e com elementos que explorem e incorporem na moda a diversidade cultural.

Preciosa (2005) escreve sobre a moda e sobre Ronaldo Fraga,

Quando ousa arriscar, bagunça com os valores assentados e pode nos sugerir versões da nossa própria existência bem mais afinada com os acontecimentos do mundo. [...] Por que será então que a moda não arrebatou de vez para si esse papel que Ronaldo Fraga lhe atribuiu: a de uma espécie de diagnosticador do tempo e propositor de outras formas de vida?” (PRECIOSA, 2005, p.75).

A autora ressalta o potencial da moda e, para isso se apoia no trabalho que o estilista Ronaldo Fraga apresenta diante aos acontecimentos desse mundo. Os desfiles que o estilista desenvolve parecem retratar acontecimentos importantes em debate na sociedade, como coloca Preciosa (2005), é como um “diagnosticador do tempo e propositor de outras formas de vida”. O trabalho do estilista pode induzir outras formas de pensar a sustentabilidade na moda, pode estimular outros caminhos sobre um tema relevante e que está em evidência no nosso tempo: a sustentabilidade.

Alinhando-se os conceitos e os desafios sobre a noção de sustentabilidade e considerando-se o entrecruzamento com a potencialidade da moda, observa-se que novos caminhos e perspectivas possíveis podem ser encontrados para reflexões e atuação na moda no que se refere à sustentabilidade.

2.3 Efemeridade *versus* sustentabilidade

Assinala-se o aspecto da efemeridade na moda associado a uma característica do sistema de moda que é a dinâmica do novo. Nesse ponto, a moda inspira questionamentos sobre a questão do descarte de peças prontas no meio ambiente, sobre aspectos relacionados ao consumo, considerando a novidade que a moda institui com o seu sistema, a substituição de produtos com a periodicidade que o sistema de moda apresenta. Appadurai (2008, p. 49), reforça que “a moda sugere alta velocidade, rápida rotatividade”. Pode-se considerar que o sistema da moda faz com que os produtos sejam rapidamente descartados no ambiente.

Lipovetsky (2009) afirma,

Generaliza-se cada vez mais a temporalidade que governa desde sempre a moda: o presente. Nossa sociedade-moda liquidou definitivamente o poder do passado encarnado no universo da tradição, modificou igualmente o investimento no futuro que caracterizava a era escatológica das ideologias. Vivemos nos programas curtos, na mudança perpétua das normas, na estimulação para viver imediatamente: o presente erigiu-se em eixo da duração social (LIPOVETSKY, 2009, p.310).

Lipovetsky (2009) completa,

Dizer que nossa sociedade funciona no presente não significa que o passado seja desvalorizado; significa que ele não é mais modelo a ser respeitado e reproduzido. Admiramo-lo, mas ele não comanda mais; as grandes obras do passado têm um imenso prestígio, mas produzimos “sucessos” feitos para não durar, com obsolescência incorporada (LIPOVETSKY, 2009, p.317).

De acordo com o autor, o passado deixa de ser uma referência à medida que o novo é feito para durar um tempo determinado, até que outra novidade – já prevista e esperada – substitua esse novo e o torne passado, numa rápida dinâmica.

Ainda de acordo com Lipovetsky (2009),

À medida que a moda engloba esferas cada vez mais amplas da vida coletiva, o reino da tradição se eclipsa, não representa mais que uma “torrente bem fraca” comparado ao “grande rio” da moda. Aí está o novo histórico: nossas sociedades funcionam fora do poder regulador e integrador do passado, o eixo do presente tornou-se uma temporalidade socialmente prevalente. Por toda parte se desenvolvem os fenômenos de paixonite e a

lógica da inconstância, por toda parte se manifestam o gosto e o valor do Novo; são normas flutuantes, continuamente reatualizadas, que nos socializam e guiam nossos comportamentos. O império da moda assinala essa imensa inversão da temporalidade social, consagrando a preeminência do presente sobre o passado, o advento de um espaço social apoiado no presente, o próprio tempo da moda (LIPOVETSKY, 2009, p.313-314).

O novo, associado ao sistema de moda, é o que lhe confere o aspecto do efêmero. Cada coleção de moda que é desenvolvida e apresentada nos desfiles como novidades consiste em tratar a coleção anterior como peças em desuso. Dessa forma, o que passou, o que já foi apresentado pela moda deixa de ser uma referência no presente. A moda vai pressupor algo “novo” para o presente. E, assim, o momento presente que a moda institui como referência torna-se o direcionamento do nosso comportamento.

Nesse ponto, observa-se um sistema de moda que se contrapõe às algumas propostas sobre os conceitos de desenvolvimento sustentável.

De acordo com Salcedo (2014),

A expressão “desenvolvimento sustentável” foi utilizada pela primeira vez quase trinta anos atrás, em 1987, no *Relatório Brundtland*, documento de caráter socioeconômico elaborado para a Organização das Nações Unidas (ONU) por uma comissão chefiada pela doutora Gro Harlem Brundtlan. Originalmente, o relatório recebeu o nome de *Nosso futuro comum* e nele a expressão “desenvolvimento sustentável” aparecia definida como: “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras” (SALCEDO, 2014, p.14, grifo da autora).

Salcedo (2009, p.14) ainda considera outra definição sobre desenvolvimento sustentável, “trata-se da definição proposta em 2002 por um delegado sul-africano em Johannesburg, durante o *World Summit on Sustainable Development*, que propõe: desenvolvimento sustentável é: bastante, para todos e para sempre”.

O sistema da moda já vem apresentando mudanças de paradigmas devido à escassez de recursos naturais, ao uso de produtos químicos com potencial poluidor e ao volume de descarte no meio ambiente de resíduos têxteis e de peças prontas de vestuário, por exemplo.

Neste sentido, a moda se descaracteriza como aspecto social presente, conforme citado anteriormente (Lipovetsky, 2009). A moda, dessa forma, passa a se basear em reflexões sobre o futuro, levantando questões acerca da produção de fibras e tecidos sem comprometer o meio

ambiente, sobre a vida útil do produto, sobre a gestão dos resíduos têxteis e do descarte. E ainda, a moda passa a considerar o passado, buscando a inserção dos trabalhos manuais, das tradições culturais locais nas peças produzidas.

O debate acerca da moda sustentável considera os aspectos materiais, os processos de produção e o ciclo de vida de uma peça de roupa. O ciclo de vida de uma peça de roupa compreende desde a produção da fibra e do tecido, o desenvolvimento e a confecção das peças, a distribuição, o consumo, o uso, até o descarte das peças. Como considera Salcedo (2014, p.17), “produzimos resíduos e poluição em um ritmo mais rápido do que aquele necessário para a natureza absorvê-los”.

Segundo Salcedo (2014, p.15), atualmente, “o modelo de desenvolvimento é um sistema insustentável”, o que pressupõe não conseguir mantê-lo por muito tempo. Portanto, os hábitos de consumo e os impactos dos produtos que consumimos são aspectos relevantes para tratar do cuidado com o meio ambiente. Considerando a complexidade de uma moda sustentável relacionada ao seu ciclo de produção, um novo paradigma pode ser analisado e compreendido para repensar a moda numa perspectiva sustentável, para além dos processos que relacionam o sistema da moda. Isto conduz a considerar a moda sustentável numa perspectiva relacionada à valorização da cultura local, às diversas formas de ser e estar no mundo. Esta perspectiva pode se referir a uma forma de repensar e ampliar o diálogo entre a moda e a sustentabilidade.

Salcedo (2014) escreve sobre alguns desafios para os profissionais da moda, atualmente, relacionados à sustentabilidade. Dentre ele, vale ressaltar,

Pensar em criar laços emocionais; A moda é um sistema que faz com que os consumidores se sintam atraídos a comprar coisas novas a cada temporada. [...] Esse sistema cria uma necessidade de mudança constante, consumo contínuo e acúmulo, cada vez maior, de roupas a serem descartadas. Uma indústria da moda mais sustentável deve identificar formas de produzir roupas que promovam maior compromisso entre o consumidor e a peça, de tal maneira que a vida da peça seja maior, ameaçando, assim, sua obsolescência programada (PACKARD apud SALCEDO, 2014, p.41).

Esse compromisso, esse laço emocional entre o consumidor e a peça pode, por exemplo, ser resultado de uma moda que expressa a cultura local, as tradições, as diversas formas de viver no mundo. Dessa forma, passa a conhecer e consumir a história de um local, a história de um povo.

Nesse sentido, considerando a moda como meio de expressão de diferentes significados, sua existência tem função para além das necessidades de se cobrir o corpo em função de condições climáticas. A moda tem importância, sobretudo, por expressar a cultura, além de inspirar, cativar e provocar reflexões e atuações importantes na sociedade.

Muitos estilistas tiveram e têm atuação relevante no mercado de moda brasileiro expressando a cultura do país. Piazza (2015, p.48) discute sobre o trabalho de Zuzu Angel, apontando como “muito antes de o mercado local discutir a identidade da moda brasileira, a estilista já pesquisava materiais e referências locais para suas coleções. Rendas vindas do Nordeste, materiais brasileiros como contas, conchas e pedrarias”. Os elementos da cultura local podem ser associados ao sentimento de pertencimento que pode favorecer o laço emocional com o produto de moda, como coloca Salcedo (2014), citada acima.

Sobre o estilista Lino Villaventura, Borges (2011) contribui,

Muito estreita é a relação de Lino Villaventura, talvez o primeiro estilista contemporâneo a fazer uso sistemático das rendas e do artesanato têxtil em seus vestidos. Como está sediado em Fortaleza, Ceará, emprega bordadeiras altamente especializadas (BORGES, 2011, p.127).

A estilista Fernanda Yamamoto, em sua coleção Inverno 2106, inspirou-se no trabalho das rendeiras da região do Cariri paraibano. O desfile da coleção de Yamamoto contou com a participação de algumas bordadeiras desfilando as peças produzidas por elas.

E, ainda, os estilistas Walter Rodrigues, Isabela Capeto e Jefferson de Assis, integram o Núcleo de *Design* da Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (ASSINTECAL)⁶, realizadora do Inspiramais⁷. De acordo com o *site* do evento (Inspiramais, 2016), através do Inspiramais, Rodrigues, Capeto e Assis coordenam e participam de projetos que “buscam nos reaproveitamentos de materiais, na cultura popular

⁶ Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos. Tem como propósito a mobilização setorial e apoio para o crescimento sustentável das empresas. Disponível em: <<http://www.assintecal.org.br/>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

⁷ Salão de *Design* e Inovação de Materiais, que tem como principal missão inspirar a cadeia produtiva da moda brasileira e internacional, proporcionando a valorização dos produtos nacionais, troca de conhecimento e apresentando materiais inéditos, que se destacam por seu design e tecnologia inovadores e pensamento sustentável. Disponível em: <<http://www.inspiramais.com.br/o-evento>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

brasileira e nos elementos existentes na natureza soluções para desenvolver uma moda atual, moderna e também com valor agregado⁸”.

Um dos projetos da Assintecal, que alia *design* e sustentabilidade na moda, o Ecodesign, é comandado por Isabela Capeto. A estilista através do projeto percorre diversas cidades brasileiras com a palestra intitulada como: “Identidade e Criação – construção de uma marca através da valorização da cultura brasileira”. No *site*⁹ do Inspiramais, a estilista Capeto (2016) considera,

Estamos avançando em algumas questões relativas à sustentabilidade e a moda. Possuímos recursos naturais incríveis, fontes de matérias primas e nossa missão é levar estas informações as empresas para que futuramente, tenhamos um sistema mais sustentável de produção em moda brasileira¹⁰.

De acordo com Berlim (2012, p.61), “a marca que trouxe maior visibilidade para os têxteis orgânicos e para a relação entre moda e meio ambiente foi a carioca Osklen”. À frente da Osklen está o empresário e estilista Oskar Metsavaht.

Sobre a Osklen, Berlim (2012) ressalta,

A grife desenvolve materiais naturais e reciclados na produção de suas coleções, como seda, lã e algodão orgânicos, malha PET, sementes e couro de tilápia. Demonstrando que essas matérias-primas ecológicas podem ser transformadas em belas criações luxuosas, a Osklen vem nos últimos cinco anos se posicionando no setor como uma empresa de “perfil” responsável socialmente e ambientalmente. Segundo conceito descrito pela empresa, seus produtos e anúncios representam a luta contra o aquecimento global e o estilo da mulher e do homem contemporâneos, em um mundo onde convivem o urbano e a natureza, o global e o local, o orgânico e o tecnológico (BERLIM, 2012, p.89).

Como podem ser observadas, algumas atuações no cenário da moda inserem nas etapas de produção de moda, materiais e processos sustentáveis. E, outras, a inserção da cultura local no processo de desenvolvimento de produtos. O trabalho desenvolvido pelos profissionais da moda pode ser considerado como uma autocrítica que a moda tem feito

⁸ Disponível em: <<http://www.inspiramais.com.br/noticias-detalhes/Isabela-Capeto-Walter-Rodrigues-e-outros-estilistas-apostam-na-brasilidade-e-no-artesanal-para-o-Verao-e-Inverno-2017>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

⁹ Idem.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.inspiramais.com.br/o-evento>>. Acesso em: 10 mai. 16.

acerca do seu aspecto insustentável. Em um momento que o debate sobre sustentabilidade tem relevância e impacto na sociedade, a moda contribui com reflexões e atuações importantes sobre o tema.

O estilista Ronaldo Fraga vem atuando junto a comunidades locais num processo de valorização da cultura local. Também, tem apresentado através dos desfiles que desenvolve algumas questões que estão em debate na sociedade e acrescentam contribuições importantes para uma autocrítica da moda, como por exemplo, os produtos chineses com baixo custo, a mão de obra escrava, a poluição ambiental, a diversidade cultural.

Dentre diversos estilistas brasileiros que desenvolvem trabalhos que relacionam a moda e a sustentabilidade, optou-se por analisar o trabalho do estilista Ronaldo Fraga por considerar que ele incorpora na moda questões em debate na sociedade e instiga um caminho para repensar a sustentabilidade na moda. Sobre o estilista, Berlim (2012, p.83) aponta, “seu trabalho se fundamenta em especial nas narrativas do povo e sua diversidade cultural, ambiental e racial”.

De acordo com a autora,

O conceito de sustentabilidade engloba as questões culturais e humanas – especialmente quando gera renda, bem-estar social, preservação cultural e ambiental e “reflexão” –, trabalho que Ronaldo vem desenvolvendo em sua própria marca, nos projetos dos quais participa [...] e em seu discurso, quando ministra palestras (BERLIM, 2012, p.83-84).

O trabalho do estilista permite reflexões importantes no aspecto social, cultural e humano, ou seja, nas formas de preservar, produzir, consumir e refletir a própria sociedade.

2.3.1 Ronaldo Fraga

Ronaldo Fraga, mineiro de Belo Horizonte, nasceu em 27 de outubro de 1966, é formado em Estilismo e Modelagem do Vestuário pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 1996, o estilista Ronaldo Fraga apresentou a sua primeira coleção *Eu amo coração de galinha* (Inverno 1996), no evento *Phytoervas Fashion*, em São Paulo/SP. Além do *Phytoervas Fashion*, o estilista apresentou coleções no evento Semana de Moda – Casa de Criadores, em São Paulo/SP, nos anos 1997 e 1998. De acordo com Queiroz e Botelho (2007, p.142-145) com a coleção *Rute Salomão* (Inverno 2001), Ronaldo Fraga estreou na décima

edição do São Paulo Fashion Week (SPFW), que até então se chamava Morumbi *Fashion* Brasil. O estilista também apresentou algumas de suas coleções fora do Brasil: Chile (2006), Japão (2008), Inglaterra (2009), México (2010), Colômbia (2010), Holanda (2011) e Angola (2016).

No artigo *Conversas com Ronaldo Fraga*, Bonadio e Penna (2016) apresentam entrevistas que fizeram com o estilista. Em um trecho, Fraga responde sobre as principais características de sua marca,

Hoje a marca tem estabelecido uma relação muito próxima com a cultura em geral, que sempre foi um desejo meu, acho que se existe uma face da moda que é extremamente sedutora e transformadora é como vetor cultural. Acho que como economia, os chineses têm mostrado ao mundo que não estão de brincadeira e estão fazendo isso muitíssimo bem, então nos cabe hoje entender a moda como esse vetor cultural. Esse é o grande desafio para o Brasil, entender a cultura brasileira, a história brasileira, pensar na “marca Brasil” como reflexo dos produtos que consumimos aqui. Essa é a minha busca... ela continua me permitindo a investigação e troca com a literatura, etnografia, com fazeres tradicionais, música e outros produtos brasileiros, que julgo mais bem resolvidos do que a moda (FRAGA apud BONADIO; PENNA, 2016, p.172).

As coleções de Ronaldo Fraga dialogam com diversas áreas e temas, tais como, artes plásticas, artesanato, literatura, música, teatro, dança, regionalismo, dentre outros. Estas associações presentes em seu trabalho expressam um tempo, a sociedade e considera reflexões sobre questões do passado. Um exemplo, com a coleção *Quem matou Zuzu Angel?* (Verão 2001/02), o estilista abordou o período histórico e político do país e falou sobre a ditadura militar através da história da estilista Zuzu Angel. Da mesma forma, Ronaldo Fraga trabalha questões que se referem ao tempo presente, como por exemplo, com a coleção *El dia que me quieras: uma música, um vestido, muitas estórias* (Inverno 2017), em que abordou o preconceito e a violência contra mulheres-trans, uma questão em grande evidência na sociedade atual.

Ao mesmo tempo ao falar do passado, o estilista Ronaldo Fraga faz uma reflexão do presente. Na coleção *Descosturando Nilza* (Verão 2005/06), por exemplo, o estilista abordou o ofício de costureira. Foi uma referência à costureira da rua, costureira do bairro, que costura roupas sob medida para um batizado, um casamento ou uma formatura. Uma profissão em desuso na atualidade. E, dessa forma, o estilista permitiu uma contraposição quando

associamos esse trabalho da costureira às roupas fabricadas em série que hoje se encontram disponíveis no mercado, e que não imprimem a personalidade do cliente. A questão das roupas produzidas em série sobrepondo o trabalho manual, foi abordada com a coleção *A China de Ronaldo Fraga* (Inverno 2007).

Cabe lembrar que as coleções são abordadas com maior detalhamento no capítulo Metodologia da Pesquisa.

Em uma entrevista à Revista TPM, seção Moda/Páginas Vermelhas, o estilista falou do seu ofício, com ênfase no seu posicionamento político,

Faz alguns anos que tomei consciência da força que é um desfile de moda no Brasil. Que entra na casa das pessoas de uma forma avassaladora. É uma mídia espontânea violentíssima e atinge todas as classes, de todas as formas. Então, quando conto uma história a cada estação, alguns estão pensando ali que estou só vendendo roupa. Embora respeite, acredite, me emocione, a moda é muito mais do que um vetor econômico. A moda pode ser um vetor de transformação social. É um vetor de apropriação cultural, antropofágico, antropológico [...]. Eu gostaria de me dedicar mais à moda como instrumento de transformação social, de mudar a realidade do Brasil através da moda, mas nivelando por cima, sem adaptar o valor das comunidades menores ao que o mercado está pedindo. Tenho muito prazer em visitar comunidades afastadas e ajudá-las a se inserir no mercado (FRAGA apud OBNISKI, 2012).

Dessa forma, observa-se a intenção do estilista de desenvolver e apresentar a moda como uma forma propulsora de ideias, valores e reflexões, como um refletir da própria sociedade. E, ainda os caminhos que a moda pode percorrer para desenvolver um trabalho aliado à cultura local.

Algumas coleções resultaram da participação do estilista em projetos sociais: *Corpo Cru* (Inverno 2002), *Cordeiro de Deus* (Verão 2002/03), *Turista Aprendiz na Terra do Grão-Pará* (Verão 2012/13), *Turista Aprendiz em Terra Áspera* (Inverno 2014), *Fúria das Sereias* (Verão 2015/16). A participação do estilista em projetos sociais diminui a distância entre o *design* e as comunidades que participam dos projetos. As comunidades têm acesso a orientações sobre técnicas e processos que o *design* introduz e, essa troca de saberes e fazeres pode agregar valor aos produtos desenvolvidos na comunidade.

Por apresentar, em seus desfiles, uma sensibilidade na abordagem de culturas marginalizadas, por enfatizar e destacar a beleza e a importância da diversidade cultural, o estilista já recebeu alguns prêmios pela sua atuação.

Em 2008, Ronaldo Fraga recebeu o “Prêmio Faz Diferença¹¹”, do Jornal “O Globo”, em parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), na categoria Ela/Moda em reconhecimento pela sua participação e atuação no “Programa Talentos do Brasil¹²”.

Com o “Prêmio Trip Transformadores” (2011), o estilista teve o reconhecimento pelo trabalho realizado em prol da valorização da cultura brasileira. No texto de apresentação do estilista homenageado¹³, a revista Trip ressalta a participação do estilista em projetos sociais,

Desde 1996, quando estreou nas passarelas, o estilista mineiro Ronaldo Fraga, 44 anos, vem revelando o Brasil aos brasileiros. Membro do seletivo grupo de estilistas que utiliza as coleções para contar histórias relevantes de nossa cultura, Fraga já trouxe à baila o samba de Noel Rosa, a loucura genial de Arthur Bispo do Rosário, a transposição das águas do rio São Francisco e as circunstâncias suspeitas da morte da estilista Zuzu Angel, crítica da ditadura que faleceu em um acidente de carro. Não precisou muito para ser considerado um dos nomes mais importantes na construção da identidade da moda brasileira. Hoje, seu nome é lembrado sempre que o assunto é o design

¹¹ Mais informações sobre o Prêmio Faz Diferença. Disponível em: <<http://eventos.oglobo.globo.com/faz-diferenca/2015/anos-anteriores/2008-confira-os-vencedores-do-premio/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

¹² O Programa “Talentos do Brasil” foi criado em 2005. É uma iniciativa do Governo Federal, presidido pela Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário. De acordo com as informações sobre o Programa, “O Talentos do Brasil promove e estimula a troca de conhecimentos, valorizando a identidade cultural, promovendo a geração de emprego e renda e agregando valor à produção de grupos de artesãos rurais. Apoiar a estruturação de grupos produtivos de forma sustentável, focada no mercado e na gestão participativa. A iniciativa reúne em torno de duas mil artesãs e artesãos, formam quinze grupos produtivos que integram as cooperativas de artesãs e, juntos, constituem a Cooperativa Nacional Marca Única, a Cooperúnica, do Programa Talentos do Brasil” (MDA/SAF)¹². Fraga participa de três desses grupos, Mulher Peixe (Mato Grosso do Sul), Dois Pontos (Paraíba) e Lã Pura (Rio Grande do Sul). O “Talentos do Brasil” conta com a parceria da Caixa Econômica Federal, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (Abit), Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (Asbraer), Fundação Mineira de Educação e Cultura (Fumec), agência alemã de cooperação técnica GTZ e Ministério do Turismo. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-talentos/sobre-o-programa>>. Acesso em: 19 abr. 16.

¹³ Trip Transformadores. **Ronaldo Fraga**. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2011/ronaldo-fraga>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

nacional, e seus trabalhos fazem parte de algumas das principais exposições sobre estética contemporânea, cada vez mais ávida por tradições locais e produtos artesanais que tragam oxigênio para um mundo globalizado e pasteurizado. Para contar o Brasil, é preciso conhecê-lo. Fraga sonha um dia em empreender uma viagem como a de Mário de Andrade, que na década de 20 realizou viagens etnográficas pelo Norte e pelo Nordeste. Enquanto isso não é possível, contenta-se em desenvolver projetos com grupos e cooperativas de artesãs, das quais encomenda detalhes de suas coleções, como bordados e rendas. Desde 2008, é um dos designers envolvidos com o projeto Talentos do Brasil, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, que pretende resgatar técnicas artesanais quase perdidas. Por meio de oficinas e cursos, os designers ajudam as cooperativas a aplicar suas técnicas em artigos contemporâneos, de maior valor de mercado (Trip Transformadores, 2011).

O Prêmio JK de Cultura e Desenvolvimento de Minas Gerais (2016) contemplou 50 pessoas e instituições do estado que acreditam e contribuem para a cultura de Minas Gerais, dentre eles, Ronaldo Fraga.

O estilista também tem participado de diversas iniciativas, como consultor e palestrante, que têm o intuito de estimular e fortalecer a moda em diversas regiões do Brasil.

Sobre a atuação do estilista Ronaldo Fraga no cenário político, Santos (2012) aborda,

A exemplo da eficácia das ações de Ronaldo Fraga, visando relacionar o fenômeno moda ao campo cultural, no ano de 2007, o então ministro da Cultura, Gilberto Gil, entregou a Comenda da Ordem Cultural – prêmio concedido a personalidades da cultura brasileira – ao estilista. Foi a primeira vez no Brasil que a moda foi tratada como instrumento de reafirmação cultural por órgãos políticos (SANTOS, 2012, p. 81)

Ainda de acordo com a autora,

Entendido como parte de um processo de valorização do papel do estilista no cenário político e cultural, no ano de 2010 foi criado o Colegiado Setorial de Moda junto ao Conselho Nacional de Política Cultural. Foram convidados, para o I Seminário de Moda Nacional, profissionais relacionados a diversas áreas da moda, como indústria, educação e criação. [...] Na votação para os delegados do conselho, instituíram eixos nos quais delegados seriam os representantes: Criativo, Associativo/Institucional e Empresarial. Ronaldo Fraga foi o delegado mais votado em eleição (SANTOS, 2012, p. 81).

A valorização da moda no cenário político corrobora para que projetos de desenvolvimento local, por exemplo, obtenham recursos para financiamento. Essa expressividade e representatividade da moda que Ronaldo Fraga apresenta e acredita leva-nos a observar e a refletir sobre o seu trabalho numa perspectiva de ideias, valores e conceitos, associando a moda à cultura. Cabe ressaltar uma declaração do próprio estilista Ronaldo Fraga: “a moda brasileira pode muito mais¹⁴”. Nesse sentido, o trabalho do estilista indica outras formas de pensar a moda, como a moda pode refletir sobre a sociedade e, ainda, a forma como a moda pode dialogar com a sustentabilidade.

Nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido pelo estilista Ronaldo Fraga permite se pensar em uma noção de sustentabilidade ampliada na moda, para além das questões materiais e processos de produção. Uma noção que considera os aspectos culturais, as diversas formas de viver no mundo, a cultura local.

¹⁴ Esta declaração foi feita pelo estilista, no período em que Ronaldo Fraga decidiu não apresentar coleção no SPFW, no Inverno/2012. OBNISKI, Luciana. Estilista critica a sociedade de consumo e dispara: “A moda brasileira pode muito mais”. **TPM**, 06 de fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ronaldo-fraga>>. Acesso em: 4 mai. 2016.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesse capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa. Para isso, buscou-se apresentar a descrição do objeto da pesquisa e natureza da pesquisa e, descrever a estrutura e coleta de dados.

Para analisar os dados da pesquisa qualitativa pautou-se na técnica da análise de conteúdo. Essa técnica demandou um estudo exploratório e, este por sua vez, compreendeu o processo de descrição e transcrição dos desfiles apresentados pelo estilista Ronaldo Fraga, que consistiu no material para análise e interpretação dos dados da presente pesquisa.

Durante todo o processo de envolvimento com o universo da pesquisa foram consideradas interpretações do pesquisador, compreendendo a importância dos elementos simbólicos no trabalho do estilista Ronaldo Fraga. Segundo Santaella e Nöth (2004, p.24, apud Paula, 2009, p.3), “assim como a comunicação, também os signos, isto é, a produção e troca simbólicas, sempre existiram e são fatores de constituição da própria condição humana”. Os símbolos são materiais que traduzem ideias e conceitos, dessa forma, através desses elementos simbólicos é possível entender diversos aspectos que são discutidos na sociedade e que o estilista apresenta nas suas coleções. Esses elementos que estão presentes nas apresentações dos desfiles do estilista Ronaldo Fraga foram identificados na trilha sonora, na maquiagem, nos penteados dos modelos¹⁵, na performance, nas roupas, acessórios e calçados, nas linguagens não verbais e na cenografia.

Sobre cenografia, Viana e Pereira (2015) escrevem,

Cenografia para ser literal, é grafia da cena, grafia do espaço da cena. Assim, expandindo o conceito de que cenografia é só cenário, vamos perceber que iluminação é cenografia. Ela interfere na cena, criando ambientes, sugerindo estados emocionais... muda as cores! Logo, é cenografia, como podem ser também a música, os adereços e os figurinos (VIANA; PEREIRA, 2015, p.4).

Todos estes símbolos presentes nas apresentações dos desfiles do estilista Ronaldo Fraga são considerados na presente pesquisa como elementos estruturantes. Esses elementos

¹⁵ Alguns desfiles do estilista Ronaldo Fraga apresentam vestuário tanto feminino, como também masculino e infantil. E, em alguns desfiles, o estilista apresenta somente roupas femininas. Portanto, optamos por utilizar de forma geral em referência a qualquer desfile, o adjetivo masculino, tanto no plural como no singular, “o modelo” e/ou “os modelos”.

evidenciam de maneira empírica os significados presentes no trabalho desenvolvido pelo estilista e, além disso, compõem-se os elementos estruturantes que norteiam a estratégia adotada para o procedimento da análise e interpretação dos dados.

Esses elementos compreendem os símbolos presentes na cenografia, na trilha sonora, na maquiagem, nos penteados dos modelos, na performance das apresentações, nas roupas, acessórios e calçados, e, que, na presente pesquisa foram considerados como elementos estruturantes. Foram considerados como estruturantes porque evidenciam, através dos símbolos nas apresentações dos desfiles, a estrutura do discurso e do conteúdo dos desfiles.

Assim, faz-se a abordagem da análise e interpretação dos dados adotando o enfoque centrado nos elementos estruturantes.

3.1 Objeto e natureza da pesquisa

De acordo com Queiroz e Botelho (2007, p.137-146), o estilista Ronaldo Fraga estreou no *Phytoervas Fashion*, em 1996, e apresentou no evento a coleção *Eu amo coração de galinha*. Além dessa coleção, Fraga apresentou no *Phytoervas Fashion*, as coleções *Álbum de Família* e *Em nome do Bispo* e na Semana de Moda/Casa de Criadores, em São Paulo/SP, o estilista apresentou *O império do falso na bacia das almas*, *O Jantar*, *Vendedor de milagres* e *A Carta*. Com a coleção *Rute Salomão*, em 2001, Fraga estreou na São Paulo *Fashion Week* (SPFW), que até então se chamava *Morumbi Fashion Brasil* e estava na décima edição. Todas as coleções subsequentes foram apresentadas no SPFW, principal evento de moda brasileira, que está em sua 42ª edição¹⁶.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foi considerada a análise das 42 coleções apresentadas por Ronaldo Fraga, que se refere ao período entre os anos de 1996 a 2016. A escolha da totalidade das coleções do estilista até a presente data foi relevante para atingir os objetivos propostos na presente pesquisa e dessa forma, foi possível observar a coerência entre os temas abordados nas coleções.

O processo de pesquisa e desenvolvimento de uma coleção de moda até chegar à apresentação do desfile, perpassa pela determinação do tema, os elementos de inspiração, os materiais como os tecidos, as técnicas, as cores e estampas. Todo esse processo compreende uma configuração material e simbólica.

¹⁶ A 42ª edição aconteceu no período de 23 a 28 de outubro de 2016.

Portanto, para compreender o trabalho do estilista Ronaldo Fraga foi preciso investigar como a apresentação de um desfile representa a importância de todo o processo de criação e desenvolvimento de uma coleção de moda. Dessa forma, observou-se que as referências imagéticas de um desfile de moda traduzem o conceito de uma coleção que os estilistas imprimem em suas marcas. Em relação aos desfiles de Ronaldo Fraga, pode-se observar que o estilista aponta para uma reflexão histórica-social e político-cultural, faz associações da moda com diferentes frentes, registra histórias de pessoas e lugares e revela valores, ideias e conceitos.

3.2 Delineamento da pesquisa e coleta de dados

Dado a natureza do objeto de pesquisa oferecer muitos elementos para interpretação e discussão, considerou-se que a pesquisa com abordagem qualitativa fundamentada na análise de conteúdo para o tratamento analítico dos dados, seria a mais apropriada para apreender toda a complexidade do objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto zelosamente escrito, com perspicácia e competência científica, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p.222).

Ressalta-se a preocupação em compreender os aspectos simbólicos durante todo o processo de coleta de dados. A base da presente pesquisa foi a partir do estudo exploratório, que será descrito mais adiante.

Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques

(GODOY, 1995, p.21). Quanto aos meios para a coleta de dados, optou-se para o estudo, a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa documental possibilitou ampliar o objeto de estudo. De acordo com Godoy (1995, p.21), “a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas”.

Com o intuito de aprofundar sobre os temas das coleções dos desfiles de Ronaldo Fraga, paralelamente à pesquisa documental, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como fonte de pesquisa. Godoy (1995, p.21) ressalta que com “o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, busca-se novas e/ou interpretações complementares”.

A pesquisa bibliográfica foi importante considerando-se que, o trabalho de Ronaldo Fraga foi objeto de estudo de artigos, dissertações e teses. Além disso, alguns pesquisadores desenvolveram pesquisas sobre algumas coleções específicas do estilista. Dessa forma, a revisão das produções acadêmicas sobre os temas abordados nos desfiles do estilista mereceu destaque pela relevância, pela ênfase aos elementos de desfiles específicos, tornando-se uma fonte interessante de dados.

Ainda, constitui fontes de dados relevantes, e representou um guia com uma ordem cronológica das coleções e desfiles, o *site*¹⁷ do estilista Ronaldo Fraga, que apresenta dados, informações e observações pessoais do estilista. Também foram considerados nesse estudo dois livros que, com o mesmo intuito, trazem informações sobre os temas das coleções e imagens dos desfiles, referente ao período de 1996 a 2007: o livro Ronaldo Fraga/Coleção Moda Brasileira¹⁸, e o livro¹⁹ do próprio estilista, publicado em 2012 sobre o processo criativo dos desfiles que foram apresentados entre os anos de 1996 a 2012.

3.3 Organização do material para análise a partir do estudo exploratório

O percurso para as análises consistiu na coleta de materiais sobre as coleções desenvolvidas por Ronaldo Fraga, e na organização desse material em ordem cronológica. Todo material foi separado em pastas de arquivos no computador, de acordo com a coleção a qual se referiam. Essa forma de organização possibilitou visualizar uma linha do tempo

¹⁷ <http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>

¹⁸ QUEIROZ e BOTELHO, 2007.

¹⁹ FRAGA, 2012.

referente à construção e desenvolvimento do trabalho que o estilista Ronaldo Fraga apresenta. A partir de um roteiro pré-elaborado, que será apresentado na sequência, foram realizadas algumas etapas que constituem a estrutura da presente pesquisa e que serão abordadas nesse capítulo. Portanto, nos próximos subitens será apresentada a forma como se realizou o caminho percorrido para o desenvolvimento da presente pesquisa, o material do estudo exploratório e a geração dos dados que serviram de base para a análise de conteúdo.

3.4 Roteiro para descrição das coleções

Com o intuito de que prevalecesse uma coerência na análise da obra de Ronaldo Fraga, articulando os conceitos que o estilista trabalha, as suas ideias e valores subjacentes, foi construído um roteiro que orientaria a descrição detalhada das coleções. O roteiro foi determinante para um alinhamento na descrição dos desfiles, e para que mantivesse a mesma sequência de desenvolvimento da descrição. A partir desses pressupostos, foi considerada a seguinte ordem: *releases*; vídeos dos desfiles; vídeos institucionais; imagens; depoimento do próprio estilista sobre os desfiles e sobre os temas abordados nas coleções. A descrição dos desfiles apoiou-se também em revistas especializadas, artigos, dissertações e teses sobre o trabalho desenvolvido por Ronaldo Fraga.

Conforme mencionado anteriormente, utilizou como referências iniciais e como guia cronológico, o *site* do estilista e os livros sobre as coleções de Ronaldo Fraga. Através desse material foi possível encontrar diversos *releases*, imagens e informações sobre várias das suas coleções, ressaltando que tanto o *site* quanto os livros não têm informações completas e nem todas as coleções.

3.5 Descrição das coleções: período entre 1996 a 2016

A descrição detalhada das coleções foi feita por ordem cronológica dos desfiles. Todo o material foi analisado separadamente, desfile por desfile. O resultado foi a descrição dos desfiles do início ao fim, com detalhamento das roupas, maquiagem e penteados dos modelos, da trilha sonora, cenário, performance e transcrição na íntegra de eventuais textos narrados em alguns desfiles. Com o propósito de descrever criteriosamente as coleções buscou-se apoiar em uma análise baseada na pesquisa documental e bibliográfica.

3.6 Pesquisa documental

Por meio da pesquisa documental foi possível analisar os desfiles na perspectiva do processo de desenvolvimento das coleções. Para tanto, trabalhou-se com os *releases* escritos por Ronaldo Fraga, documento no qual o estilista expressa o seu envolvimento com o tema da coleção, traduz um pensamento e faz uma reflexão sobre o tema abordado na coleção.

Na pesquisa documental, ainda foram analisados os vídeos dos desfiles e vídeos institucionais disponíveis na internet; imagens dos desfiles disponíveis em sites especializados em moda e sites oficiais dos desfiles e os depoimentos do estilista Ronaldo Fraga sobre o processo de criação do desfile. Dessa forma, foi possível o aprofundamento dos temas das coleções apresentados nos desfiles, a identificação da trilha sonora, do cenário e das performances das apresentações, que foram interpretadas a partir da análise de conteúdo.

3.6.1 Estudo dos *releases* de Ronaldo Fraga

O estilista Ronaldo Fraga disponibiliza em seu *site* os *releases* das coleções. Neles, Fraga apresenta uma abordagem sobre o processo de escolha dos temas e sobre os elementos que compõem o desfile.

Os *releases* possibilitaram compreender a percepção do estilista acerca de sua própria obra e o processo de criação da coleção do tema de cada desfile. As declarações dadas por Ronaldo Fraga à imprensa sobre suas coleções também foram utilizadas e permitiram complementar as informações fornecidas pelos *releases*. Os *releases* foram escritos muitas vezes com a utilização de recursos literários ou com uma forma de expressão mais delicada. Um exemplo é o *release* escrito no formato de uma carta destinada a alguém, em que se observa um texto lúdico e com elementos de nostalgia, e, ainda, remete a uma forma de comunicação de um tempo passado. A carta como uma forma de expressão está presente em algumas coleções do estilista, como, *A Carta* (Verão 2000/01), *Cordeiro de Deus* (Verão 2002/03), *Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará* (Verão 2012/13) e *Nara Leão ilustrada por Ronaldo Fraga* (Verão 2007/08). Outras vezes, nos *releases*, são utilizadas sinestésias que se traduzem nos desfiles, como por exemplo, quando o estilista escreve para contextualizar a cartela de cores escolhida para a coleção, “[...] tudo tem cheiro de banho tomado. Cores de

sabonete [...]”²⁰. Em outra ocasião, Ronaldo Fraga escreve, “a cartela privilegia desde o delicado azul de altar de coroação, rosa ‘*cashmere bouquet*’, até o verde samambaia-chorona [...]. Todas as cores têm um aspecto de essenciais, lavadas pelo tempo”²¹.

São os *releases*, como documentos escritos que revelam a afetividade do estilista com sua obra. Também é através dos *releases* que se observa o trabalho de pesquisa do estilista para o desenvolvimento do tema da coleção. A configuração dos *releases* não apresenta todos os elementos das coleções, mas em alguns deles é possível encontrar a descrição dos tecidos e das cores, a evidência de alguns detalhes, mas principalmente as ideias, as concepções do estilista, a interpretação que ele mesmo faz sobre o trabalho que desenvolve e que permearam o processo de construção dos desfiles. Dessa forma, o estudo dos *releases* revelou-se muito importante para a pesquisa, uma vez que é a descrição do desfile pelo próprio estilista, como uma carta de apresentação que contempla a inspiração do tema, o processo de pesquisa e o processo de desenvolvimento da coleção.

3.6.2 Análise dos vídeos dos desfiles, vídeos institucionais e fotografias

Nas apresentações dos desfiles do estilista Ronaldo Fraga, além da apresentação das roupas exibidas nos corpos dos modelos, observa-se uma estrutura discursiva, composta por diversos elementos simbólicos, como objetos, detalhes na maquiagem, adereços que inspiram no espectador certas impressões, ideias e sentimentos. Esses elementos podem ser identificados na estrutura da passarela que constitui um cenário para uma narrativa que o desfile apresenta; na trilha sonora, cuja melodia ou letra de música provocam sensações tais como, suspense, alegria, euforia, nostalgia; na maquiagem dos modelos, sinalizando abandono, noite mal dormida, apatia, bronzeados, choro; nos penteados dos modelos, compondo personagens em alguns desfiles; na performance dos modelos, como uma interpretação da narrativa apresentada; além dos acessórios e calçados que imprimem as ideias e valores sobre os temas e detalhes da coleção. Um conjunto de elementos que pode ser considerado como sendo uma cena teatral.

²⁰ Parte do *release* da coleção *Descosturando Nilza* (Verão 2005/06). Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

²¹ Parte do *release* da coleção *Quem matou Zuzu Angel?* (Verão 2001/02). Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 31 out. 2016.

Ao articular e rearticular esses componentes simbólicos Ronaldo Fraga cria associações, visando criar sensações, significados, visando estimular a reflexão sobre diversas questões sobre o tema do desfile apresentado.

Sobre as apresentações dos desfiles de Ronaldo Fraga, Kalil (2007, p.8) escreve “é um desfile-acontecimento que nos leva para algum canto de seus pensamentos, esperanças ou preocupações”.

Todos os símbolos que estão na estrutura da passarela e são evidenciados na trilha sonora, na maquiagem, nos penteados dos modelos, na performance, nas roupas, acessórios e calçados constituem o que chama-se aqui de “elementos estruturantes dos desfiles”.

Sua força criativa é movida por imagens que vão se transformar em profissões de fé, protestos, festas, celebrações, sons, coreografias e... roupas. [...] Um desfile de Ronaldo Fraga é esperado com a mesma ansiedade com que se antecipa um espetáculo teatral ou de dança de um grupo do qual se é seguidor fiel e encantado. Desfiles que são manifestos em favor da liberdade, da graça, da poesia; ou libelos contra o preconceito racial, o trabalho escravo, o mundo cruel das prisões ou qualquer outro tema que fascine ou perturbe seu universo particular (KALIL, 2007, p.7-8).

Com essa abordagem, verifica-se que o processo de criação do estilista ultrapassa a criação e exibição das peças do vestuário, provocando a reflexão sobre diversas questões histórico-social e político-cultural. Cada elemento estruturante tem uma função na cena do desfile relacionado ao tema da coleção apresentada. A atmosfera criada nos textos dos *releases* fica perceptível nos desfiles.

Utilizou-se nas análises os vídeos com a apresentação dos desfiles para que fosse possível observar o cenário, a trilha sonora e a iluminação utilizadas, os movimentos, a performance e a expressão dos modelos. Buscou-se, dessa forma, obter informações sobre os significados de cada recurso utilizado, de cada detalhe proposto, das narrativas construídas, a fim de se alcançar as concepções do estilista, as quais seriam elementos essenciais para as análises. A análise dos vídeos possibilitou a observação desses elementos estruturantes antes considerados incompreensíveis apenas com a leitura dos *releases*. Ressalta-se que os vídeos dos desfiles são materiais de difícil acesso, dessa forma, nem sempre foi possível utilizar esse recurso nas análises.

Como estratégia para se analisar os recursos visuais e sonoros que o estilista utiliza nos desfiles foram observados e descritos os elementos que compõem os cenários, destacando

cores, as conexões com as roupas e com o tema abordado no desfile. A iluminação também foi descrita com as nuances identificadas nas apresentações, por vezes alinhadas às cores das roupas, por vezes à trilha sonora ou à narração de textos gravados que fizeram parte das apresentações de alguns desfiles. Tais efeitos contribuíam para a criação de atmosferas e sensações relacionadas aos temas apresentados nos desfiles.

As trilhas sonoras também agregaram informações relevantes sobre as coleções, fornecendo, juntamente com os cenários e performances, elementos simbólicos que seriam desvendados na fase da análise. Portanto, buscou-se ouvir todas as músicas identificadas nos desfiles e pesquisar sobre o compositor e cantor da música, e posteriormente conectá-las à narrativa da apresentação do desfile, considerando a letra e a melodia.

Foram utilizados também os vídeos institucionais, que são os vídeos de divulgação dos desfiles. Além de abordarem a ideia principal do desfile, esse material destaca detalhes do processo criativo. Alguns vídeos institucionais descrevem tecidos e materiais utilizados nas peças, enfatizam a trilha sonora, bem como exibem declarações e anotações do estilista. E, ainda, esses podem representar uma reprodução de um painel de inspiração que foi utilizado para o desenvolvimento da coleção. Contudo, também há um número reduzido de vídeos institucionais.

Também foram consideradas as declarações de Ronaldo Fraga feitas em coletivas de imprensa durante os eventos em que ocorreram os desfiles. Através desses depoimentos foi possível perceber o discurso do estilista, o seu olhar, as suas percepções, valores e as ações praticadas na concepção dos desfiles. Assim, buscou-se compreender como o estilista define o seu próprio trabalho e como o seu entendimento sobre a moda se expressa nos desfiles.

Com os depoimentos do estilista foi possível enriquecer a pesquisa, considerando que o estilista aborda questões em voga na sociedade, propondo através do seu trabalho reflexões a esse respeito.

Outro item considerado na coleta de dados foram as fotografias dos desfiles de Ronaldo Fraga. Buscou-se com as análises das fotografias observar os detalhes das peças, acessórios, maquiagem e penteados dos modelos e, os cenários construídos para os desfiles. Verificou-se que, por meio das imagens, foi possível captar a configuração do processo de criação e a construção da narrativa do estilista. A observação das fotografias possibilitou obter informações sobre modelagem das peças, cores, estampas e acessórios. Esse trabalho foi feito paralelamente com a análise dos vídeos, para que fosse possível levantar os elementos simbólicos presentes na emissão da mensagem do estilista.

De acordo com Boccato e Fujita (2006, p.86), “toda imagem é representativa, tem um suporte, é referencial, estética, artística, sintética, emotiva, objetiva e subjetiva. Além disso, a fotografia é real, pois, documenta”.

Dessa forma, a análise das imagens não é considerada como uma complementação das informações, mas sim, um documento que possui um enunciado representativo, um elemento discursivo relevante, podendo, no caso aqui estudado, reconhecer a consistência da prática do trabalho apresentado pelo estilista.

3.7 Pesquisa bibliográfica

O levantamento do material de pesquisa através da pesquisa bibliográfica compreendeu os artigos, dissertações e teses. Alguns trabalhos acadêmicos dizem respeito a um desfile específico, contemplando informações detalhadas sobre o tema de uma coleção.

3.7.1 Artigos, dissertações, teses

Diversos dados sobre as coleções e desfiles de Ronaldo Fraga não puderam ser obtidos com a pesquisa documental, foram levantados e complementados à partir da leitura da produção acadêmica que tem o trabalho de Ronaldo Fraga como objeto de estudo. A pesquisa bibliográfica contribuiu para completar e aprofundar as informações e para a compreensão de algumas singularidades das coleções do estilista.

Devido à sua complexidade e riqueza simbólica o trabalho de Ronaldo Fraga instiga diversas análises no campo acadêmico. Como já foi dito, as áreas do conhecimento interessadas no trabalho desenvolvido por Ronaldo Fraga são variadas, como por exemplo, artes visuais, artes gráficas, *design*, história, literatura e sociologia. A variedade desse material ampliou as possibilidades de análise, sobretudo dos elementos não verbais das coleções. Diversos trabalhos acadêmicos que abordam o trabalho desenvolvido pelo estilista Ronaldo Fraga, delineiam coleções específicas. Com isso, a produção acadêmica utilizada para a presente pesquisa, contribuiu com o aprofundamento dos temas abordados nos desfiles e com o seu detalhamento.

3.7.2 Temas abordados nas coleções

Os desfiles do estilista Ronaldo Fraga são temáticos. São os temas de inspiração que podem ser considerados como ponto de partida para o desenvolvimento das coleções. Esses são resultados de pesquisa e até mesmo, da vivência pessoal do estilista. Pode-se afirmar, portanto, que os desfiles são o resultado de pesquisa somado à percepção e ao olhar que Ronaldo Fraga imprime. Essa percepção é possível identificar nos *releases*, que ressaltam o seu envolvimento pessoal e/ou a experiência vivenciada com o tema.

Alguns temas podem ser identificados nos títulos dos desfiles, outros foram identificados nos *releases* ou em depoimentos do próprio estilista disponíveis em alguns vídeos institucionais e declarações feitas em coletivas de imprensa. A partir da análise desse material sintetizou-se uma tabela para organização dos temas dos desfiles e, esta, foi sendo alterada e constituída com novas informações à medida que o presente estudo foi se desenvolvendo. Constatou-se que o cuidado com a organização dos temas dos desfiles seria importante para as análises e, também relevante na etapa da categorização da análise de conteúdo.

Abaixo segue a relação dos temas de inspiração dos desfiles apresentados pelo estilista Ronaldo Fraga (Tabela 1).

Tabela 1 – Temas de inspiração dos desfiles de Ronaldo Fraga (continua)

Ano/Estação	Desfile/Tema/Título	Inspiração
1996 Inverno	Eu amo coração de galinha	Autobiografia do estilista Ronaldo Fraga.
1996/97 Verão	Álbum de família	Literatura brasileira. “Álbum de família”, de Nelson Rodrigues e “São Bernardo”, de Graciliano Ramos. A história de uma saga familiar.
1997 Inverno	Em nome do Bispo	Arthur Bispo do Rosário, artista plástico brasileiro, portador de sofrimento mental.
1997/98 Verão	O império do falso na bacia das almas	Comércio popular, os camelôs, a China, o Paraguai. Expressão do mundo globalizado.
1998 Inverno	O Jantar	Personagens que a roupa pode criar.
1998/99 Verão	O vendedor de milagres	Sala de ex-votos, promessas. A moda pode fazer ‘milagres’, como o corpo perfeito.
1999 Inverno	A Roupa	Representação social. Roupa para cada ocasião.
1999/00 Verão	Bibelôs	Bibelôs de porcelana. Memória afetiva. Fragilidade. A cultura e as lembranças em torno de objetos representativos que dão vida e enriquecem as casas.
2000 Inverno	Células de Louise	Artista plástica francesa, Louise Bourgeois ²²
2000/01 Verão	A Carta	Expressou a admiração pelo estilista brasileiro, Jun Nakao através de uma carta. Contrastes entre a cultura brasileira e nipônica.

Fonte: Tabela criada a partir da pesquisa exploratória. Do autor (2017).

²² De acordo com Carol Garcia sobre a Semana de Moda/Casa de Criadores, para a escultora franco-americana Louise Bourgeois, moda é contexto. A roupa é impregnada de significados pessoais calcados na experiência, como se fosse um retrato do momento vivido. [...] Louise criou instalações, uma delas, para a 23ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1996, com suas próprias roupas dispostas em cabides feitos de ossos. GARCIA, Carol. **Ampulheta**. 7ª edição. Inverno 2000. Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/modabrasil/acontece/calendario_semanamoda/ronaldo.htm>. Acesso em: 7 jan. 2016.

Tabela 1 – Temas de inspiração dos desfiles de Ronaldo Fraga (continua)

Ano/Estação	Desfile/Tema/Título	Inspiração
2001 Inverno	Rute Salomão	Uma história de amor entre um judeu ortodoxo e uma cristã.
2001/02 Verão	Quem matou Zuzu Angel?	Estilista brasileira, Zuzu Angel ²³ .
2002 Inverno	Corpo Cru	Função da roupa. O corpo subjugado pela roupa. Projeto social na Febem, em Belo Horizonte/MG.
2002/03 Verão	Cordeiro de Deus	Uma história de amor fictícia contada através de uma carta escrita por um detento. O desfile retratou um domingo de visita em um presídio. Projeto social na Penitenciária José Maria Alckmin, em Ribeirão das Neves/MG.
2003 Inverno	As viagens de Gulliver	Literatura estrangeira, “Viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift. Retratou uma crise identitária, um vazio alimentado pela modernização, verticalização e crescimento desordenado das cidades.
2003/04 Verão	Costela de Adão	Artesanato de barro do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais.
2004 Inverno	Quantas noites não durmo	Compositor e cantor brasileiro, Lupicínio Rodrigues. Clima de glamour decadente dos anos 1930 e 40.
2004/05 Verão	São Zé	Cantor e compositor brasileiro, Tom Zé.

Fonte: Tabela criada a partir da pesquisa exploratória. Do autor (2017).

²³ Zuleika Angel Jones (1921-1976) era mineira, de Curvelo. Em 1971, seu filho Stuart Angel Jones, ativista do Movimento Revolucionário 8 de Outubro, o MR-8, foi preso e desapareceu. Zuzu armou um desfile em Nova York, na residência do cônsul-geral do Brasil, nos Estados Unidos, que para fins legais e diplomáticos, era considerado território brasileiro. Foi um desfile protesto contra a morte e a ocultação do corpo de Stuart e um alerta para o que acontecia com tantas pessoas que protestavam contra o regime militar. Foi uma das primeiras vezes que a moda serviu como suporte para uma mensagem explicitamente política. Zuzu morreu num acidente de carro. Décadas depois, confirmou-se que a estilista foi vítima de um atentado planejado pelo governo militar. PIAZZA, Arianna. **Coleção Folha Moda**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

Tabela 1 – Temas de inspiração dos desfiles de Ronaldo Fraga (continua)

Ano/Estação	Desfile/Tema/Título	Inspiração
2005 Inverno	Todo mundo e ninguém ²⁴	Literatura brasileira, Carlos Drummond de Andrade.
2005/06 Verão	Descosturando Nilza	Ofício, homenagem à costureira Nilza Vilela.
2006 Inverno	Festa no céu	Conto, “Festa no céu” de Câmara Cascudo. ‘Festa no céu’ com a chegada da mãe de Ronaldo Fraga, de seu pai e de seu irmão.
2006/07 Verão	A cobra ri: uma estória de Guimarães Rosa	Literatura brasileira. História de Diadorim, do livro “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa.
2007 Inverno	A China de RF	China. Tradição, cultura milenar. Mão de obra escrava.
2007/08 Verão	Nara Leão: ilustrada por Ronaldo Fraga	Cantora brasileira, Nara Leão.
2008 Inverno	Loja de tecidos	Primeiro emprego de Ronaldo Fraga.
2008/09 Verão	O rio São	Rio São Francisco. Chamou atenção para a salinização do rio. Abordou as histórias em torno do rio, a importância do rio para os ribeirinhos, a transposição, a preservação da cultura.
2009 Inverno	Tudo é risco de giz	Espetáculo “Giz”, de Álvaro Apocalypse.
2009/10 Verão	Disneylândia de Ronaldo Fraga	Disneylândia e América Latina. Universalidade de valores perpassa pela

Fonte: Tabela criada a partir da pesquisa exploratória. Do autor (2017).

²⁴ Em entrevista para a Folha de São Paulo/Ilustrada, Fraga sobre a coleção, “A inspiração para a coleção não vem da figura de Drummond ou de suas roupas: ele usou bege e cinza a vida inteira; só quando estava perto de morrer foi usar jeans e tênis. É uma tentativa de diálogo com o tempo em que estamos vivendo. Como Drummond, quero falar de todo o tempo e não falar de tempo nenhum. No desfile, uma blusa romântica tipo anos 50 aparece com uma calça desestruturada dos anos 80, por exemplo. Eu procurei usar tecidos que pareçam estar em extinção”. ARAÚJO, Jackson. Ronaldo Fraga se inspira em Drummond. Folha de São Paulo/**Ilustrada**, São Paulo, 19 de janeiro de 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1901200507.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

Tabela 1 – Temas de inspiração dos desfiles de Ronaldo Fraga (continua)

Ano/Estação	Desfile/Tema/Título	Inspiração
		globalização. O estilista faz uma analogia entre a fantasia da Disneylândia, com o colorido do México e com as belezas da América Latina.
2010 Inverno	Pina Bausch	Bailarina e coreógrafa alemã, Pina Bausch ²⁵ .
2010/11 Verão	O Turista Aprendiz	Literatura brasileira, “O Turista Aprendiz”, de Mário de Andrade ²⁶ .
2011 Inverno	Athos do início ao fim	Artista plástico brasileiro, Athos Bulcão.
2011/12 Verão	O cronista do Brasil	Compositor e cantor brasileiro, Noel Rosa. Ronaldo Fraga apresentou um carnaval sofisticado, delicado e boêmio.
2012/13 Verão	Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará	Literatura brasileira, “O Turista Aprendiz”, de Mário de Andrade. Projeto social junto a Cooperativa de Biojoias de Tucumã/PA. O <i>release</i> da coleção era uma carta de Ronaldo Fraga a Manuel Bandeira, inspirada na carta que Mário de Andrade enviou a Bandeira, quando foi pela primeira vez em Belém/PA.

Fonte: Tabela criada a partir da pesquisa exploratória. Do autor (2017).

²⁵ Fraga declarou em entrevista ao Estadão, em 2010, “Desde a primeira vez em Cravos, sempre que via um espetáculo dela saía com a cabeça virada. Pina criava a partir do nada. E eu posso fazer a roupa a partir de um saco plástico”. **Estadão/Moda**. Agência Estado. 20 de janeiro de 2010, 8h48. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estilista-mineiro-homenageia-pina-bausch-na-spfw,49858>>1. Acesso em: 10 dez. 2016. Sobre o espetáculo “Cravos”, Fraga (2012, p.67) escreve, “Meu primeiro contato com a obra de Pina Bausch foi no início dos anos 1990, através de uma imagem da peça ‘Cravos’, inspirada nas ditaduras sul-americanas: uma bailarina caminhava em meio a milhares de cravos e tocava bandoneon, vigiada por cães raivosos. Essa cena foi a primeira de muitas que ficariam para sempre tatuadas em minha memória.

²⁶ “O Turista Aprendiz é uma obra de Mário de Andrade. O livro é considerado um dos mais importantes livros de ‘descobrimento’ do Brasil, foi escrito em forma de diário, com informalidade, humor e elevada percepção para o prosaico e o inusitado, para narrar duas viagens de Mário. “[...] O contato, ora com a floresta, ora com o sertão, e seus diversos tipos humanos e manifestações culturais, religiosidade, folguedos, danças, músicas, quase sempre impregnados de sincretismo e superstição, causa grande impacto em nosso ‘turista’, consolidando uma visão de nacionalidade abrangente em oposição aos valores regionais até então majoritários” (TORELLY, 2015, p.11-12).

Tabela 1 – Temas de inspiração dos desfiles de Ronaldo Fraga (conclusão)

Ano/Estação	Desfile/Tema/Título	Inspiração
2013 Inverno	Ô fim do cem fim	O livro “Ô fim do cem fim”, de Paulo Marques de Oliveira. O livro é uma autobiografia de Paulo Marques de Oliveira ²⁷ , que se considerava cientista, astrofísico, teólogo autodidata.
2013/14 Verão	F.u.t.e.b.o.l	Futebol anos 1930, 40 e 50 ²⁸ .
2014 Inverno	Carnesecca ou um Um Turista Aprendiz em terra áspera	Literatura brasileira, “O Turista Aprendiz”, de Mário de Andrade e a literatura de Graciliano Ramos. Projeto social junto ao Sindicato de Curtumes do Ceará.
2014/15 Verão	O caderno secreto de Cândido Portinari	Artista plástico brasileiro, Cândido Portinari.
2015 Inverno	A terra sonâmbula	Obra da pintora e escultora brasileira, Lygia Clark e o texto ‘Murar o medo’, do escritor moçambicano Mia Couto, publicado no livro ‘Terra sonâmbula’.
2015/16 Verão	Fúria das sereias	Projeto social na Comunidade da Penha, em João Pessoa/PB. Biojoias com escamas de peixes.
2016 Inverno	...E por falar em amor	Hilda Hilst, Fabrício Carpinejar e “Um Livro de Amor”, de Cristiane Mesquita e Rosane Preciosa.

Fonte: Tabela criada a partir da pesquisa exploratória. Do autor (2017).

²⁷ Paulo Marques de Oliveira Mineiro de Salinas, escreveu o livro “Ô fim do cem fim”, com o objetivo de descrever a possibilidade de que o mundo pudesse acabar causado pela bomba atômica. Paulo já foi internado com esquizofrenia.

²⁸ “Me embriago aqui pelo futebol passional e romântico de 1930, 40 e 50. Pelo futebol de várzea e seus uniformes feitos a mão. Pelas cores fortes e listras gráficas. Por histórias particulares que ilustram um tempo em que o futebol no Brasil era sinônimo de paixão, arte e magia”. Parte do *release* da coleção *F.U.T.E.B.O.L.* Disponível em: < <http://ronaldofraga.com/blog/?cat=77>>. Acesso em: 19 dez. 16.

Tabela 1 – Temas de inspiração dos desfiles de Ronaldo Fraga (conclusão).

Ano/Estação	Desfile/Tema/Título	Inspiração
2016/17 Verão	Re-existência	Histórias dos refugiados. Ronaldo Fraga viajou à África, se inspirou na literatura de Valter Hugo Mãe, nascido em Angola e do escritor moçambicano Mia Couto. Uma homenagem aos africanos, aos refugiados. Falou sobre nossa intolerância com o outro e com a condição do outro. Histórias de ausências, de angústia, de medo, de indiferença e histórias de esperança. Reflexão sobre as pessoas, suas raízes, as escolhas ou a falta delas.
2017 Inverno	El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias	Intolerância. Mulheres-trans.

Fonte: Tabela criada a partir da pesquisa exploratória. Do autor (2017).

3.8 Análise e interpretação dos dados

Para a análise e interpretação dos dados coletados para essa pesquisa optou-se pela análise de conteúdo, porque permitiria analisar detalhadamente os dados que foram levantados na etapa anterior, por meio das pesquisas documental e bibliográfica. A análise de conteúdo também possibilitaria a melhor compreensão dos dados, através da identificação de significados e simbolismos presentes no trabalho do estilista.

Godoy (1995, p.23) escreve que “a análise de conteúdo parte do pressuposto de que, por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar”. Para examinar os dados coletados com a exploração do material de pesquisa das coleções do estilista Ronaldo Fraga, a análise de conteúdo foi importante para que as interpretações das informações obtidas fossem além do que foi descoberto com os documentos. Com os procedimentos da análise de conteúdo foi possível apreender mensagens que estavam implícitas, o que permitiu mais clareza e acuidade relacionada ao simbolismo das coleções do estilista.

De acordo com Bardin (2009), “a análise de conteúdo permite a verificação de hipóteses, ou a descoberta do que está por trás de cada conteúdo manifesto, possibilitando o desvendamento de significações diferentes em cada tipo de discurso”. Assim, a aplicabilidade do método da análise de conteúdo foi considerada por ser útil para desvendar outras significações e reforçar o conteúdo latente da pesquisa documental.

Com base em Bardin (2009), o trabalho da análise de conteúdo foi realizado em três fases: pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase que tem como objetivo a organização propriamente dita. Consiste na escolha e sistematização das ideias iniciais dos documentos que serão analisados e estabelece indicadores para a interpretação final dos dados. Nessa fase, buscou-se organizar o material levantado: os *releases* das coleções, vídeos dos desfiles e vídeos institucionais, imagens, depoimentos do estilista Ronaldo Fraga sobre os desfiles apresentados e a análise dos temas que inspirou o desenvolvimento das coleções. Também foi considerada na fase de pré-análise a pesquisa bibliográfica que possibilitou a complementação de dados sobre as coleções e desfiles. Sistematizando, a organização e estudo do material a ser analisado consideraram as seguintes etapas:

- a) Leitura dos *releases* das coleções do estilista Ronaldo Fraga como documento escrito contendo informações sobre o objeto de inspiração e pesquisa para o desenvolvimento da coleção;
- b) Descrição e transcrição dos desfiles através dos vídeos dos desfiles e dos vídeos institucionais, relacionando o cenário, a trilha sonora, iluminação e performance das apresentações;
- c) Observação das imagens dos desfiles, com foco nos detalhes das modelagens das peças, cores, tecidos, texturas, acessórios, maquiagem, penteados dos modelos;
- d) Leitura dos depoimentos do estilista Ronaldo Fraga sobre o processo de criação das coleções;
- e) Estudo dos temas abordados nas coleções pelo estilista como objetos de inspiração para o desenvolvimento das coleções.

A segunda fase, exploração do material, consistiu em codificar todo o material de análise, formando unidades de registros. Para a codificação e categorização das unidades de

registros iniciais, foram escolhidas palavras-chave ou frases que expressassem uma categoria e que tivesse mais próxima do objeto.

Como aponta Bardin (2009, p.145), “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”.

Ainda de acordo com a autora, os critérios de categorização podem ser semântico (temático); sintático, se referem aos verbos e adjetivos; léxico, classificação das palavras segundo o seu sentido e ainda, expressivo. O que vai ser considerado para a constituição das categorias é o aspecto comum entre as coleções, o aspecto que as aproxima. Sobre a análise de conteúdo como instrumento de pesquisa, a identificação e referências para constituir as categorias, Freitas, Cunha e Moscarola (1997), afirmam,

A análise de conteúdo é uma técnica de refino, portanto delicada, e que exige, para satisfação da curiosidade do investigador, muita dedicação, paciência e tempo, além de intuição, de imaginação para perceber o que é importante e de criatividade para escolher as categorias (FREITAS; CUNHA; MOSCAROLA, 1997, p.105).

Nesse sentido, buscou-se criar as primeiras categorias identificando no material analisado referências mais próximas das coleções analisadas, de maneira indutiva, até que as categorias ficassem mais claras, apropriadas e consonantes com o referencial teórico previamente proposto no estudo.

As categorias iniciais são as primeiras impressões, intuições e associações que surgiram no processo de pesquisa com os materiais definidos para o desenvolvimento desse estudo e resultaram em palavras-chave, expressões ou frases e se referem à concepção dos desfiles como um todo, emergindo os elementos visuais, sonoros e verbais. Observa-se que as categorias iniciais constituem os primeiros resultados, estão perto do próprio objeto.

As categorias iniciais que emergiram da análise da coleção *Álbum de família*, por exemplo, referiram-se à maneira como esse desfile de Ronaldo Fraga foi construído. Esse trabalho apresentava as diferentes fases da vida, o batismo, a juventude, a velhice, traduzindo nas peças de roupas e acessórios a narrativa da história familiar. Os modelos eram personagens, recordações, como que guardadas em um álbum de fotografia. Dessa forma, as categorias iniciais levantadas foram: a) fases da vida, b) fotografia como registro do tempo e c) relacionamento afetivo.

As categorias seguintes, as intermediárias, emergiram da conjunção e da progressão das categorias iniciais. No caso do desfile *Álbum de família* foram: a) identidade pessoal e b) representação social. Observa-se que se avançou um pouco mais na abstração.

Já as categorias finais resultaram do agrupamento e entrelaçamento das categorias intermediárias de acordo com os significantes e os sentidos que foram atribuídos às coleções desde as categorias iniciais. A categoria final do desfile *Álbum de Família* foi ‘memória’. Observa que essa categoria final aponta para conceitos teóricos e se caracterizam por um maior grau de abstração que as categorias anteriores.

Lembrando que, como destaca Silva e Fossá (2013, p.8), “não existem “regras” tanto para a nomeação das categorias, quanto para a determinação do número de categorias”.

Dessa forma, nesse trabalho optou-se pela seguinte sistemática: foram constituídas as categorias iniciais, configurando as primeiras impressões, considerando-se que estão mais próximas do objeto de pesquisa. As categorias foram agrupadas conduzidas por similaridade de conteúdo resultando nas categorias intermediárias, e, por fim, emergiram as categorias finais por aproximação de significações e contando com o aporte do referencial teórico.

Com o intuito de organizar os dados coletados e a progressão da categorização, foi constituída uma tabela referente ao período analisado, entre os anos de 1996 a 2016, totalizando 42 desfiles, de acordo com o modelo, conforme a Tabela 2. Essa organização, de maneira completa, pode ser visualizada na Tabela 3, no capítulo “Resultados e Discussões” da presente pesquisa.

Tabela 2 – Modelo da tabela utilizada para a construção das categorias analíticas

Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
--	------------------------	---------------	------------------------------	----------------------

Fonte: Do autor (2017).

Com a construção da tabela procurou-se apreender:

- a) Elementos discursivos, presentes nos discursos verbais e não verbais (imagéticos) de acordo com a descrição detalhada dos desfiles na etapa de coleta de dados. Nesse momento buscou-se condensar os elementos relevantes, de forma que sinalizasse um recorte da descrição detalhada das coleções;

- b) Definição das categorias iniciais, a formação das unidades de registro constituída por palavras, expressões ou frases, resultado das primeiras impressões, intuições e associações que surgiram no processo de descrição detalhada das coleções;
- c) Justificativa, indicando a análise baseada nos estudos dos *releases*, vídeos dos desfiles e vídeos institucionais, depoimentos do estilista Ronaldo Fraga e objetos de inspiração para a concepção dos desfiles, com o intuito de apontamento para construção das categorias que se seguiram, intermediárias e finais;
- d) Agrupamento e progressão das categorias iniciais para a construção das categorias intermediárias, que estão correlacionadas com as categorias iniciais de acordo com a aproximação dos sentidos;
- e) Na sequência, as categorias finais, que emergiram do agrupamento das categorias intermediárias. As categorias finais estão mais perto do abstrato, e respaldadas pela discussão teórica.

As categorias iniciais e intermediárias fazem a ponte entre o objeto de estudo em seu estado empírico e a abstração teórica, efetivada pelas categorias finais. Dessa forma, a partir das categorias finais é que se buscará analisar a noção do pensamento sobre sustentabilidade presente no trabalho do estilista Ronaldo Fraga.

A terceira fase da análise de conteúdo se refere ao tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Procurou-se condensar os dados, o que possibilitou aproximação, agrupamentos e generalizações dos dados analisados. Nessa fase, buscou-se apoiar no referencial teórico para discutir sobre a relação entre a moda e a sustentabilidade ampliada através das análises das coleções de Ronaldo Fraga, e, nesse sentido, procurou descrever os elementos identificados nas coleções dando ênfase aos aspectos da sustentabilidade. Pode-se considerar que houve um aprofundamento dos aspectos levantados, promovendo reflexões teóricas acerca da relação entre a moda e a sustentabilidade ampliada. Os subsídios teóricos que fundamentaram esses aspectos e que possibilitaram tratar mais detalhadamente sobre a moda de Ronaldo Fraga e a sustentabilidade ampliada é que dão origem ao capítulo Resultados e discussões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse capítulo, são apresentados os resultados das análises das coleções apresentadas pelo estilista no período de 1996 a 2016. Para tanto, a técnica análise de conteúdo foi aplicada, resultando nas categorias iniciais, intermediárias e, posteriormente nas categorias finais, pelas quais buscou-se apresentar a correlação das categorias atribuídas à sustentabilidade.

As coleções apresentadas pelo estilista Ronaldo Fraga, objeto de estudo dessa pesquisa, foram analisadas por meio da categorização que, como aponta Bardin (2009, p.145), “é uma classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”.

4.1 Análise de conteúdo das coleções: período entre 1996 a 2016

Como já foi destacado, a interpretação dos dados se deu através do método da análise de conteúdo. No processo de análise das coleções, foram feitas e refeitas diversas tabelas identificando-se em algumas coleções a presença de mais de uma categoria final. As tabelas foram sendo construídas e alteradas à medida que as pesquisas bibliográfica e documental se desenvolviam e as análises avançavam, levando em consideração elementos simbólicos manipulados pelo estilista em seus desfiles e que apontavam para os sentidos e ideias organizados no seu discurso.

Outras tabelas se constituíram de acordo com a aproximação dos temas das coleções, das questões recorrentes que foram sendo identificadas e das reflexões que o estilista propunha nas apresentações dos desfiles.

As tabelas favoreceram a visualização e a progressão das categorias analíticas, caracterizando um caminho para se chegar às categorias finais com coerência e apontamentos importantes sobre a sustentabilidade. O processo de progressão da categorização se apresenta na Tabela 3.

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categoria Final
Inverno 1996 Eu amo coração de galinha	Roupas coloridas, cores vibrantes e fortes. Humor, penas de galinha, ovo, coração de galinha, coração humano nas estampas e acessórios. A expressão dos modelos sinalizava a narrativa de um universo pessoal.	a) Cidade interiorana b) Fronteiras entre o local e o global	Indica a alegria de ousar, de arriscar, de descobrir e a novidade. Como podemos ser, até onde podemos ir. Sair de um lugar ‘cercado’ como um galinheiro.	a) Identidade pessoal b) Limites territoriais	Identidade cultural
Verão 1996/97 Álbum de Família	A performance dos modelos e as roupas mostraram o cotidiano de uma família registrado em ocasiões como: o nascimento, batizado, primeira comunhão, juventude, a velhice. Ocasiões que geralmente são registradas em fotografias e guardadas em um álbum. As roupas eram ‘familiares’.	a) Fases da vida b) Fotografia como registro do tempo c) Relacionamento afetivo	A apresentação do desfile imprimiu uma associação às casas dos avós, das mães, casas que possuem álbuns de fotografias, com fotos de batizados, primeira comunhão, e diversas fases da vida da família. Esses personagens nascem,	a) Identidade pessoal a) Representação social	Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	Os modelos eram como personagens que representavam um tio, um pai, avô, irmã caçula, a mãe. Os modelos se apresentaram com adornos, que fortaleciam a caracterização particular dos personagens, como: um rádio, asas de anjo de primeira comunhão.		crescem, fazem escolhas, têm preferências, têm características singulares e morrem.		
Inverno 1997 Em nome do Bispo	Algumas roupas confortáveis remetiam às roupas de pacientes em uma clínica psiquiátrica – lugar onde Bispo do Rosário viveu a maior parte da sua vida e construiu suas obras. De certa forma, uma espécie de ‘limitação’ diante da sociedade.	a) Espiritualidade e misticismo b) Imaginação c) Isolamento social	A inspiração do estilista Ronaldo Fraga foi a vida e obra de um artista diagnosticado com esquizofrenia e que viveu à margem da sociedade.	a) Criatividade <i>versus</i> adversidade	Cultura brasileira, Diversidade cultural e Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	<p>Peças de roupas que remetiam a uniformes, como utilizado na Colônia Juliano Moreira. Outras peças quando Bispo foi militar, outras remetiam obra de Bispo – como o Manto da Apresentação. Modelos entraram com uma máscara no formato do rosto do estilista, o que indica uma experiência pessoal do estilista como se tivesse no lugar de Bispo. Bispo imaginou e recriou o seu mundo. Arthur Bispo do Rosário ‘ressignificava’ objetos e Ronaldo Fraga ressignificou Bispo. O estilista fez uma representação da obra e da vida de Bispo.</p>		<p>O trabalho realizado por Bispo é genuinamente brasileiro, uma mistura do imaginário, criatividade, espiritualidade e fé.</p>		

Fonte: Tabela criada a partir estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Verão 1997/98 O império do falso na bacia das almas	Algumas peças de roupas foram confeccionadas com material descartável denotavam a cópia, que desvaloriza o trabalho autoral. O desfile também evidenciou as revistas de moda que geralmente ‘apresentam’ a imagem do corpo perfeito. Uma ideia que pode ser falsa.	a) Cópia <i>versus</i> original b) Fotografia de moda c) Modelo ideal de beleza através da roupa	O acesso à imagem da moda através de revistas especializadas pode influenciar a busca de um corpo/modelo ideal. A diferenciação e/ou a exclusividade são afetadas pelas cópias no mercado informal e popular.	a) Autoral <i>versus</i> popular b) Estética idealizada pela moda	Globalização
Inverno 1998 O Jantar	Relações familiares representados numa ocasião específica, um jantar. As peças de roupas se misturaram: masculino e feminino, peças confortáveis para uma ocasião informal com peças mais sofisticadas.	a) Regras sociais b) Sofisticação <i>versus</i> simplicidade	Como a roupa pode construir personagens. E eles podem ser representados em ocasiões diversas.	a) Identidade pessoal b) Representação social	Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Verão 1998/99 Vendedor de milagres	Alguns modelos estavam com pernas, braços, cabeças enfaixadas. Uma alusão às partes do corpo que precisam de um ‘milagre’ para atingir uma beleza ‘perfeita’ que a moda <i>mainstream</i> geralmente apresenta. Como se as roupas pudessem ‘dar’ um corpo novo. Duas modelos estavam vestidas em uma mesma peça de roupa, como se as roupas tornassem as pessoas iguais.	a) Fé e milagre b) Fotografia de moda c) Modelo ideal de beleza através da roupa	As roupas podem permitir uma diferenciação individual, mas, em contrapartida, a busca pela estética apresentada pela moda como perfeita, tornaria a todos iguais, através das roupas.	a) Estética idealizada pela roupa b) Identidade pessoal c) Representação social	Identidade cultural
Inverno 1999 A Roupa	Uma crítica à passividade diante das imposições da moda e das mídias. Como se as roupas determinassem a nossa personalidade e pudéssemos ser	a) Uniformização e padronização	As roupas passam a ser mais valorizadas do que as situações do cotidiano. Uma roupa para ir a um	a) Identidade pessoal b) Representação social	Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	<p>outra pessoa. Chapéus de cozinheiro, uma espécie de demonstração de como a roupa sinaliza visualmente ‘para quê’ a pessoa está vestida. Roupas com um papel social, comunicando alguma coisa a alguém.</p>		<p>restaurante, a uma festa, para ser aceito em um determinado espaço ou grupo.</p>		
Verão 1999/2000	<p>Algumas peças de roupas eram como se fossem pedaços de porcelana</p>	<p>a) Fragilidade do tempo</p>	<p>As roupas trouxeram uma sensação de casa de vó. As</p>	<p>a) Identidade pessoal</p>	<p>Memória</p>
Bibelôs	<p>quebrados, indicando a fragilidade das peças e, ‘colando’ as peças quebradas se mantém viva a lembrança. Os elementos visuais de um tempo passado estavam representados nas estampas.</p>	<p>b) Recordações afetivas</p>	<p>lembranças que ficavam na estante da sala, junto às fotos da família. E que, como o tempo, são frágeis, podem quebrar e até serem esquecidas.</p>	<p>b) Nostalgia</p>	

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2000 Células de Louise	Os modelos maquiados pareciam apáticos, como ‘ossos’ carregando as roupas. As roupas tinham aspecto de roupas antigas, como se estivessem guardadas nas gavetas, com aspecto de inacabadas, como se contasse uma história ou descrevesse uma ruptura.	a) Fragilidade humana b) Imaginação	O estilista Ronaldo Fraga mergulhou nas obras e na vida de artista Louise Bourgeois.	a) Criatividade <i>versus</i> adversidade	Diversidade cultural e Memória
Verão 2000/01 A Carta	Algumas peças de roupas traziam estampas de ‘desenhos de criança’, velas de aniversário. De acordo com o <i>release</i> : “a coleção foi uma carta aberta a Jum Nakao. (...) a coleção falou dos contrastes entre a cultura brasileira e a nipônica. Ternura e tecnologia”.	a) Vínculos afetivos	A coleção imprimiu uma sensação de infância, de lembrança, de encontros afetivos.	a) Influências pessoais	Diversidade cultural e Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2001 Rute Salomão	O cenário apresentou o ‘muro das lamentações’, reproduzido ao fundo da passarela, onde os modelos paravam em sinal de devoção. Pães foram espalhados pela passarela. Muitos símbolos da cultura judaica estavam presentes nas peças de roupas: bordados, acessórios e nos penteados. Uma camisa com um buraco e tinta vermelha sinalizava o sangue e o sofrimento do povo judeu.	a) Amor b) Religiosidade c) Tradição <i>versus</i> liberdade	O desfile transcorreu como uma narrativa sobre a cultura do povo judeu. Uma história de amor entre um judeu ortodoxo e uma cristã.	a) História b) Intolerância religiosa	Diversidade cultural
Verão 2001/02 Quem matou Zuzu Angel?	No cenário, bonecos confeccionados em algodão cru, pendurados no centro, ao longo da passarela, em posição de tortura.	a) Ditadura militar b) Resistência política	Uma narrativa da história da luta e perda de Zuzu Angel.	a) História b) Influências Pessoais	Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	<p>O que dava a impressão de que representavam os militantes que foram torturados e mortos, e, na passarela foram representados sem identificação como sendo rostos esquecidos. Os sapatos femininos dos modelos eram estampados com pés, dando a impressão de que estivessem descalças no piso da passarela com desenhos de nuvens. Maquiagem com olhos borrados, como se tivessem chorado, cabelos desarrumados, que fazia com que os modelos parecessem cansados e tristes.</p>	<p>c) Violência política</p>	<p>As roupas curtas do vestuário masculino fizeram uma alusão ao filho da estilista Zuzu Angel, Stuart Angel, que teve a vida precocemente interrompida, vítima da ditadura.</p>		

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2002 Corpo Cru	A roupa tem mais valor que o corpo. O corpo que é “alimentado” pelas imposições do sistema de moda, com passividade, sem criatividade e sem liberdade. O corpo como simples suporte da roupa.	a) Aproximação pela roupa b) Corpo subjugado pela roupa c) Padronização do corpo	Somos todos ‘pedaços de carne crua’ sem a roupa que carregamos. Diferenciamo-nos ou nos tornamos iguais pelas peças de roupas que vestimos.	a) Estética idealizada pela roupa b) Identidade pessoal c) Representação social	Identidade cultural
Verão 2002/03 Cordeiro de Deus	Uma história de amor fictícia de um presidiário que espera a visita da mulher amada. Ronaldo Fraga constrói uma narrativa com elementos do cotidiano de um presídio. E, para o desfile sugere um domingo, o dia instituído como dia de visita. Uma coleção com muitas	a) Amor b) Isolamento social c) Relações afetivas conturbadas d) Religiosidade e) Sistema prisional	O tempo de espera é contado, o tempo perdido, dentro de um limite real contrapondo ao mundo que existe atrás dos muros e das celas. O amor é o que alimenta a esperança.	a) Limites territoriais	Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	<p>estampas relacionadas ao ambiente carcerário, ao cotidiano no presídio ou desenhos feitos por eles nas celas, tais como, “amor de mãe”, carneiros, riscos como contagem do tempo, sereias, Jesus Cristo. Algumas peças de roupas lembravam os uniformes dos detentos, com números indicando seu registro no sistema prisional. O desconforto é apresentado na maquiagem dos modelos, como se estivessem com hematomas no rosto como se sugerisse uma mulher que apanhasse do homem que lhe escreve a carta de amor.</p>				

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2003 As viagens de Gulliver	O desfile abordou a falta de encantamento com o cotidiano. As roupas eram ‘vazias’ como descrevia o <i>release</i> apontando para a forma que recebemos todas as coisas, sem expressividade, sem alegria.	a) Apatia social b) Despertar olhares	A performance do desfile denota a importância de despertar a nossa essência e não seguirmos a vida sem olharmos o outro e tudo o que nos cerca.	a) Identidade pessoal b) Sociedade	Identidade cultural
Verão 2003/04 Costela de Adão	As roupas, a maquiagem e os penteados dos modelos se assemelhavam às bonecas de barros, do artesanato típico da região do Vale do Jequitinhonha. O barro estava no chão da passarela, e as flores feitas pelas artesãs foram reproduzidas para o cenário.	a) Artesanato brasileiro b) Fronteira entre o local e o global c) Tradição	A coleção que retrata a força transformadora das mãos das mulheres. O próprio título/tema da coleção remete ao feminino “Costela de Adão”. Baseada no trabalho feito à mão, o estilista ‘ilustra’ a essência da tradição.	a) Identidade regional b) Limites territoriais c) Trabalho manual	Cultura brasileira e Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2004	Anos 1930 e 40. O clima da coleção	a) Boemia	As roupas e a postura dos	a) Identidade	Identidade
Quantas noites não durmo	foi a vida noturna. Maquiagem borrada, penteados desfeitos, gravatas soltas, brincos e anéis no formato do comprimido de Viagra, uma associação a amores casuais.	b) Glamour c) Música	modelos sugerem as noites fora de casa em noitadas.	personal b) Representação personal	cultural
Verão 2004/05 São Zé	As roupas desconstruídas, como se partes de uma peça tivessem sido costuradas em outras partes. A passarela era composta de blocos irregulares com letras grandes, e as modelos traziam letras adesivas espalhadas pelo corpo. Um vídeo de animação foi exibido no desfile.	a) Dinamismo b) Irreverência	Tom Zé pode vir de diversas formas. Ronaldo Fraga misturou figuras como liquidificador e ventilador. O estilista imprimiu nas estampas e nas cores, a alegria e a inquietação do artista.	a) Identidade personal	Cultura brasileira e Diversidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2005 Todo mundo e ninguém	Tanto as roupas como o cenário traziam manuscritos, poesias, folhas de papel. A maquiagem dos modelos, com a pele esbranquiçada, cabelo desalinhado, proporcionou um aspecto de fragilidade. As estampas, os bordados nas roupas remetiam à delicadeza e uma relação afetiva do estilista com a obra de Drummond.	a) Fragilidade humana b) Literatura brasileira como registro do tempo	O <i>release</i> da coleção é uma crônica para Carlos Drummond de Andrade.	a) Temporalidade	Cultura brasileira e Memória
Verão 2005/06 Descosturando Nilza	O cenário simulava um salão de costura, com máquinas e costureiras. As roupas lembravam roupas reproduzidas das revistas de moda que a costureira copiava. O ‘descosturar’ é colocar na passarela	a) Convenções sociais b) Famílias tradicionais c) Histórias pessoais d) Ofício como registro do tempo	A suavidade da coleção está nas cores das roupas e no cuidado com quem trabalha com o estilista e com o ofício de	a) Trabalho manual	Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	quem trabalha nos bastidores, afirmou o estilista no <i>release</i> . Os modelos estavam com cabelos presos e almofadas com alfinetes coloridos nos cabelos. Uma coleção leve, com cores suaves e românticas.		costureira, que já esteve presente em tantas famílias, cuidando das roupas de tantas ocasiões.		
Inverno 2006	A passarela era formada por uma	a) Infância	Uma fábula infantil de	a) Identidade	Memória
Festa no céu	estrutura de ferro em cima de uma grande piscina de bolinhas. O desfile apresentou informações sobre perdas e ganhos do próprio estilista. Nas roupas tinham aplicações de bichos que a fábula “Festa no céu” traz. E a coleção teve as cores, roxo e preto, que podem ser associadas à morte.	b) Perdas	Câmara Cascudo para contextualizar a vida e a festa no céu com a presença da mãe, do pai e do irmão de Ronaldo Fraga.	Pessoal	

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Verão 2006/07 A cobra ri: uma estória de Guimarães Rosa	O chão da passarela, feito de serragem, era o desenho de uma cobra. Um efeito que fazia com que os modelos andassem num movimento de rio ou dentro da mata. Ronaldo Fraga trouxe o masculino e o feminino de Diadorim nas roupas. Trouxe árvores, cobras, lua, sol, flores, noite e pássaros em bordados. A maquiagem simulava modelos queimadas de sol. No final do desfile uma iluminação vermelha ao fundo da passarela e, na extensão, uma luz azul... o céu e o inferno do Grande Sertão: Veredas.	a) Fauna e flora b) Nordeste c) Religiosidade d) Sertão e) Tradição	Ora as modelos mostravam uma postura masculina, no caminhar e com as mãos nos bolsos, ora femininas, de vestidos e caminhando de maneira mais suave.	a) Identidade regional	Cultura brasileira, Diversidade cultural e Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2007 A China de Ronaldo Fraga	O trabalho em série, sem a expressividade de um trabalho manual. Ronaldo Fraga contextualizou a cópia, as fábricas, os uniformes, mas também a tradição da China. O cenário reproduziu o refeitório de uma fábrica chinesa com os funcionários uniformizados e fazendo uma refeição em silêncio.	a) Modernização tecnológica b) Produtos chineses como registro do tempo c) Tradição cultural	A mistura da riqueza cultural e milenar da China e, em contrapartida, produtos que perdem a singularidade por serem produzidos em massa e com materiais baratos.	a) Sociedade	Diversidade cultural, Globalização e Identidade Cultural
Verão 2007/08 Nara Leão ilustrada por Ronaldo Fraga	As estampas das roupas apresentaram as diversas fases da vida de Nara Leão, sua travessia musical, o posicionamento político da cantora. No cenário composto por vários barquinhos suspensos,	a) Ditadura militar b) Música brasileira como registro do tempo c) Resistência	O <i>release</i> foi uma carta que o estilista escreve a Nara Leão. Ressalta tanto no <i>release</i> quanto no desfile que Nara era sensível, afetuosa e	a) História	Cultura brasileira e Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	a cantora Fernanda Takai cantou, num pequeno palco na passarela, músicas de Nara. Nara Leão também estava nos vestidos, nas estampas e nos penteados usados pelas modelos, que reproduziram o corte de cabelo da cantora. Os sapatos uma alusão ao fusca que a cantora circulava pelo Rio de Janeiro.	política	delicada, além de militante política engajada. Era o Rio de Janeiro inteiro, da zona sul à favela.		
Inverno 2008 Loja de tecidos	O cenário com peças de roupas de outras coleções em tecido branco/transparente presos em uma espécie de árvores secas remetia a uma memória das coleções anteriores	a) Fotografia de moda b) Moda como registro do tempo c) Regras sociais	As roupas eram elegantes, com recortes que valorizam as formas e texturas dos tecidos.	a) Influências pessoais b) Nostalgia	Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	e da própria história do estilista que teve contato com tecido em seu primeiro emprego como desenhista, em uma loja de tecidos em Belo Horizonte, MG.				
Verão 2008/09 O rio são	A coleção do Rio São Francisco, das cores, lendas, dos pássaros, das casas ribeirinhas, dos peixes, das histórias do passado e da incerteza do futuro. O cenário com grandes bacias de sal chamou atenção para a salinização do rio. A trilha sonora era como se fosse um grito de alerta para chamar a atenção para o impacto das mudanças em torno do rio.	a) Águas brasileiras b) Conflitos ambientais c) Fauna e flora d) Religiosidade e lendas	Ronaldo Fraga abordou no desfile a salinização do rio, a transposição de suas águas, a importância do rio para os ribeirinhos, as mudanças sociais ambientais e culturais.	a) Preservação da cultura b) Trabalho manual	Cultura brasileira, Diversidade cultural e Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2009 Tudo é risco de giz	Ronaldo Fraga apontou o tempo, passado, presente e futuro. O cenário foi reproduzido como o espetáculo Giz, de Álvaro Apocalypse. A trilha sonora e o cenário davam a impressão de uma casa abandonada pelos moradores provocando uma sensação de suspense, de medo.	a) Fragilidade humana b) Perdas e ganhos c) Relacionamento afetivo d) Valores humanos	Desfilaram idosos e crianças. Alguns traziam uma placa escrito de giz palavras como: linda, feliz, amada, formosa, valorizando as características pessoais e sentimento.	a) Identidade pessoal	Diversidade cultural e Memória
Verão 2009/10 Disneylândia de Ronaldo Fraga	O cenário era como uma vila desfeita, uma estrutura de madeira, sem paredes, onde os modelos circulavam como se entrassem e saíssem de diferentes territórios, adentrassem diferentes culturas. As misturas das culturas	a) Fronteiras políticas e econômicas b) Histórias cotidianas c) Idealização da realidade	Uma mistura cultural da Disneylândia com a América Latina. Através da cultura nos aproximamos dos países “vizinhos”, contudo o desfile ressalta uma cultura	a) Identidade regional b) Limites territoriais	Diversidade cultural, Globalização e Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	estavam nas roupas, acessórios e maquiagem. A trilha sonora imprimiu uma sensação de uma alegria e esperança de buscar um sonho americano.	d) Mundo da fantasia <i>versus</i> tradição	sobrepondo à outras culturas.		
Inverno 2010 Pina Bausch	A passarela se transformou num palco para uma apresentação lúdica, inusitada e desconcertante. As cabeças dos modelos pareciam estar viradas, uma grande peruca estava no rosto e atrás uma máscara com uma espécie de caricatura do rosto da dançarina. “Cabeça virada com o espetáculo”. Com isso, não se	a) As possibilidades do corpo b) Desconstrução	A moda que pode sair da obviedade. As roupas misturavam o masculino e o feminino, sem distinção.	a) Moda e subjetividade	Diversidade cultural e Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	sabe se os modelos estão indo ou vindo. O cenário minimalista com a iluminação de refletores. A bailarina Paula Cançado do Grupo Corpo tocou acordeom no início e no final do desfile. Um pó branco subia quando as modelos caminhavam pela passarela.				
Verão 2010/11 O Turista Aprendiz	O cenário tinha desenho de renda renascença em tons suaves de amarelo claro, verde, azul e branco. Nas roupas, ponto cheio, ponto sombra, renda renascença. Suavidade nas cores, uma coleção romântica, com identidade regional.	a) Artesanato brasileiro b) Nordeste c) Tradição	Uma coleção rica em detalhes nos bordados.	a) Identidade regional b) Trabalho manual	Cultura brasileira Diversidade cultural Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2011	Algumas peças de roupas tinham	a) Arte abstrata	Formas, texturas, cores.	a) Efeitos	Cultura
Athos do início ao fim	desenhos característicos da obra de Athos Bulcão. O cenário era com fotos suspensas ao longo da passarela, com ilustrações de Fraga. Athos permitia que as pessoas criassem com suas obras, e, dessa forma, participassem do resultado do trabalho que desenvolvia.	b) Arte no cotidiano c) Concreto	Novas possibilidades com poucos elementos, assim como Athos.	a) Efeitos gráficos b) Formas geométricas	Cultura brasileira, Diversidade cultural e Memória
Verão 2011/12	O cenário era um salão de baile de carnaval nos anos 1930. O ator	a) Baile de carnaval	Ronaldo Fraga buscou a origem do samba com a	a) Essência do samba	Cultura brasileira e
O cronista do Brasil	Rafael Raposo interpretou Noel Rosa, acompanhado dos músicos vestidos de marinheiros, cantando, encantando e imprimindo ao desfile	b) Boemia c) Música brasileira como registro do tempo	poesia e a boemia de Noel Rosa.		Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	<p>uma alegria melancólica. Com suas músicas, Noel falou de amor, política e miséria. As roupas de marinheiros como inspiração da época da revolta da chibata, quando marinheiros negros escravizados da marinha tomaram três navios e bombardearam o Rio de Janeiro. Predominou o preto, dando certa sofisticação e elegância ao baile de carnaval.</p>				
Verão 2012/13 O Turista Aprendiz na terra do Grão- Pará	<p>Ronaldo Fraga apresentou elementos da natureza na passarela. E o ciclo de produção que perpassa pelo cuidado com o meio ambiente e com o lugar onde vivem.</p>	<p>a) Artesanato brasileiro b) Nordeste</p>	<p>Para o <i>release</i>, o estilista escreveu uma carta a Manuel Bandeira ressaltando a grandiosidade da beleza natural e do povo</p>	<p>a) Identidade regional b) Trabalho manual</p>	<p>Cultura brasileira, Diversidade cultural e Identidade</p>

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	As roupas representavam a natureza pelas cores, texturas e formas. A passarela era formada por um deck de madeira com muitas plantas ao redor.		do Pará.		cultural
Inverno 2013 Ô fim do cem fim	Ronaldo Fraga transformou o livro homônimo de Paulo Marques em uma coleção. O que se viu, além de um efeito gráfico muito presente nas peças foi o sentimento de libertação do homem através da escrita. Libertação que a moda deve trazer.	a) A liberdade através da escrita b) Isolamento social c) O universo imaginário d) Registro gráfico	O estilista se vale do trabalho de um autor considerado louco que utiliza o seu trabalho e o que ele acredita para construir sua visão de mundo.	a) Identidade pessoal	Diversidade cultural e Identidade cultural
Verão 2013/14 F.u.t.e.b.o.l	O cenário reproduziu um campo de futebol de várzea, um cenário que o pai, o avô, um tio tenha nos contado.	a) Esporte como registro do tempo b) Histórias	Foi um desfile afetuoso. Lembra um tempo da amizade, entusiasmo, do	a) Essência do futebol brasileiro	Cultura brasileira e Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	<p>O campo de futebol improvisado, mas era alegria, descontração e magia que reunia os jogadores. As roupas tinham brasões bordados, cores desbotadas, desenhos que lembravam a bola, a rede do gol. Durante o desfile as modelos encenaram em alguns momentos como se tivessem num jogo, se encarando, simulando dribles. Tinha sapato com os dedos de fora, mostrando a simplicidade que reinava no futebol. As bolas de futebol e rádios de pilha vieram nos acessórios.</p>	<p>populares c) Relacionamento afetivo</p>	<p>simples e da paixão.</p>		

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2014 Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera	O cenário era formado por cactos gigantes como se tivessem secos, uma cenografia apontando a riqueza dos saberes e fazeres brasileiros. Nas roupas predominava o couro. Fraga foi pela terceira vez aprendiz numa terra que tem um povo destemido e criativo apesar das adversidades.	a) Artesanato brasileiro b) Nordeste c) Semiárido d) Sertanejo e) Tradição	A resistência do povo que vive no sertão. O trabalho rico desenvolvido na terra áspera.	a) Identidade regional b) Trabalho manual	Cultura brasileira, Diversidade cultural, Identidade cultural
Verão 2014/15 O caderno secreto de Cândido Portinari	A iluminação era azul, no fundo da passarela. Nas roupas sobressaíram mangas recortadas, os mesmos mosaicos da passarela apareceram em algumas peças, recortes gráficos, geométricos, pontas, sobreposição e crochê artesanal.	a) Histórias pessoais	O estilista retrata a vida e a obra do artista nessa coleção, nos elementos visuais das estampas das roupas e na cenografia.	a) Patrimônio cultural	Cultura brasileira, Diversidade cultural e Memória

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2015 A terra sonâmbula	Um desfile para questionar, para refletir. Um piano trazia uma atmosfera cosmopolita, sofisticada, mas ao mesmo tempo, densa. O estilista falou das cidades sonâmbulas, sem encantamento, impessoalidade e como andamos com os olhos cansados e perdidos. Isso traduzia na maquiagem dos modelos que tinham dois olhos pintados na testa e o corpo e o rosto coberto com uma tinta vermelha. Cidades iguais, vazio, esquecimento, medo e insegurança. No fundo da passarela desenhos do artista Nilo Zack.	a) Apatia social b) Despertar olhares c) Espaço urbano d) Limites pessoais	Viver e conviver com a cidade. Ela não dorme, por isso fica sonâmbula. Não descansa, não tem o tempo de despertar, de se encantar, de ver com o olhar afetuoso e generoso, porque está cansada.	a) Identidade pessoal b) Sociedade	Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Verão 2015/16 Fúria das sereias	O cenário formado por sereias com corpos diferenciados, ressalta que beleza não tem padrão, sentadas em pneus, fala da poluição do mar. Os espelhos que elas seguravam estavam voltados para o expectador, para se olharem e enxergarem a beleza que cada um tem. Sereia remete ao feminino, às mulheres desejadas, e como o próprio nome do desfile sugere a fúria de mulheres fortes, que transformam. Um desfile muito feminino, com balanço do mar. Roupas leves e riqueza do trabalho manual com escamas de peixes.	a) Águas brasileiras b) Artesanato brasileiro c) Nordeste d) Tradição	O estilista falou da beleza, da mulher, da transformação do trabalho manual da mulher. Ainda reforçou a riqueza do Nordeste, da sua exuberância natural e o olhar generoso que precisamos ter para o outro, pela história do outro e do local.	a) Cultura regional b) Trabalho manual	Diversidade cultural e Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2016 ...E por falar em amor	O amor em tempos de guerra. O cenário formado por quatro camas ao longo da passarela, com lençóis brancos e, desarrumadas. A performance inicial com um casal ‘trocando’ a roupa e se ajudando para vestir propõe uma troca de carinho e a aproximação humana, o olhar, o cuidado, a ajuda. As peças de roupas eram para homens e mulheres. Em um momento entrou um casal abraçados vestindo peças iguais.	a) Amor b) Liberdade c) Resistência pessoal d) Revoluções afetivas e sociais como registro do tempo	O estilista expressou um sentimento de urgência diante do caos da sociedade. Ele falou de amor para contextualizar a falta de amor e a intolerância com o outro.	a) Identidade pessoal b) Intolerância c) Sociedade	Diversidade cultural
Verão 2016/17 Re-existência	Ronaldo Fraga utiliza uma imagem de uma embarcação carregada de refugiados como ponto de partida	a) Abrigo e liberdade b) Fronteiras	Um desfile que mostrou um tema áspero que precisa ser conhecido e	a) Identidade pessoal b) Intolerância	Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (continua).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
	<p>para o desfile. E ali, o estilista encontra pessoas com a única coisa material que trouxeram do seu país: a roupa que vestiam, que traz suas histórias, suas cores, sua origem. A trilha sonora ecoava a esperança, saudade e força. As roupas coloridas, alegres, os cabelos trançados caracterizavam a identidade cultural. Mistura de gentes, de ideais, de sobrevivência. A passarela cinza iluminada com refletores redondos, no fundo um vídeo com fotografias e intensidade da cultura dos países dos refugiados.</p>	<p>políticas e sociais c) Histórias cotidianas d) Refugiados e) Valores humanos</p>	<p>e reconhecido com um olhar afetuoso.</p>	<p>c) Limites territoriais</p>	

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

Tabela 3 – Categorias analíticas das coleções (conclusão).

Coleções	Elementos discursivos (imagem/verbal)	Categorias Iniciais	Justificativa	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inverno 2017	O desfile foi no Teatro São Pedro, construído em 1917, palco de estreia de Macunaíma, de Mário de Andrade, em 1973. O título da coleção vem da loja do estilista Ney Galvão, em Itabuna/BA, nos anos 70, que atendia travestis. A roupa como uma forma de libertação. A coleção apresentou o mesmo vestido. Detalhes, recortes e estampas os diferenciavam para ressaltar que o que importava era quem os vestia. Glamour das décadas de 20, 30 e 40. Todas as modelos eram mulheres trans.	a) Isolamento social b) Liberdade c) Mulheres trans d) Resistência pessoal e) Revoluções afetivas e sociais como registro do tempo f) Valores sociais	O estilista Ronaldo Fraga amplia seu posicionamento político-social na moda.	a) Identidade pessoal b) Intolerância	Diversidade cultural e Identidade cultural

Fonte: Tabela criada a partir do estudo exploratório. Do autor (2017).

As categorias finais relacionadas às coleções analisadas podem ser visualizadas a seguir, na Tabela 4. Buscou-se evidenciar a conexão temática das coleções e como estão conectadas entre si, embora distantes cronologicamente. As categorias finais se constituíram em cinco categorias: Cultura Brasileira, Diversidade Cultural, Globalização, Identidade Cultural e Memória.

Tabela 4 – Coleções relacionadas às Categorias Finais (continua)

Coleções/Categorias Finais	Cultura Brasileira	Diversidade Cultural	Globalização	Identidade Cultural	Memória
Eu amo coração de galinha				x	
Álbum de família					x
Em nome do Bispo	x	x			x
O império do falso na bacia das almas			x		
O Jantar				x	
Vendedor de milagres				x	
A Roupa				x	
Bibelôs					x
Células de Louise		x			x
A Carta		x			x
Rute Salomão		x			
Quem matou Zuzu Angel?					x
Corpo Cru				x	
Cordeiro de Deus				x	
As viagens de Gulliver				x	
Costela de Adão	x			x	
Quantas noites não durmo				x	
São Zé	x	x			
Todo mundo e ninguém	x				x
Descosturando Nilza					x
Festa no céu					x

Fonte: Formação das categorias finais. Do autor (2017).

Tabela 4 – Coleções relacionadas às Categorias Finais (conclusão)

Coleções/Categorias Finais	Cultura Brasileira	Diversidade Cultural	Globalização	Identidade Cultural	Memória
A cobra ri: uma estória de Guimarães Rosa	x	x		x	
A China de Ronaldo Fraga		x	x	x	
Nara Leão ilustrada por Ronaldo Fraga	x				x
Loja de tecidos					x
O rio São	x	x			x
Tudo é risco de giz		x			x
Disneylândia de Ronaldo Fraga		x	x	x	
Pina Bausch		x			x
O Turista Aprendiz	x	x		x	
Athos do início ao fim	x	x			x
O cronista do Brasil	x				x
O Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará	x	x		x	
Ô fim do cem fim		x		x	
F.u.t.e.b.o.l	x				x
Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera	x	x		x	
O caderno secreto de Cândido Portinari	x	x			x
A terra sonâmbula				x	
Fúria das sereias	x	x		x	
...E por falar em amor		x			
Re-existência				x	
El Dia que Me Quieras:					
Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias		x		x	

Fonte: Formação das categorias finais. Do autor (2017).

Num primeiro momento, de caráter exploratório, foram consideradas as 42 coleções do estilista Ronaldo Fraga que deram origem à descrição dos desfiles. Nesse primeiro momento, optou-se por não fazer um recorte temporal ou temático das coleções, a fim de não perder a coerência e a continuidade observada no conjunto do trabalho do estilista Ronaldo Fraga. Num momento subsequente, para o nosso *corpus* de discussão dos resultados das categorias analíticas, optou-se por selecionar os desfiles mais representativos de cada categoria final, totalizando 18 desfiles. Como critério de escolha, optou-se pelos desfiles em que os elementos estruturantes eram mais evidentes. As coleções escolhidas relacionadas com as categorias finais correspondentes podem ser visualizadas na Tabela 5.

Tabela 5 – Coleções relacionadas às categorias finais consideradas para discussão dos resultados.

Cultura Brasileira	Diversidade Cultural	Globalização	Identidade Cultural	Memória
1. Costela de Adão	1. Em nome do Bispo	1. O império do falso na	1. Vendedor de	1. Quem matou
2. O rio São	2. Fúria das sereias	bacia das almas	milagres	Zuzu Angel?
3. O Turista Aprendiz	3. El Dia que Me	2. A China de Ronaldo	2. A Roupas	2. Descosturando
4. Turista Aprendiz na	Quieras: Uma	Fraga	3. Cordeiro de	Nilza
terra do Grão-Pará	Música, Um	3. Disneylândia de	Deus	3. Loja de tecidos
5. Carneseca ou Um	Vestido, Muitas	Ronaldo Fraga	4. Re-existência	
Turista Aprendiz em	Estórias			
terra áspera				

Fonte: Coleções selecionadas a partir dos elementos estruturantes identificados na etapa da descrição dos desfiles. Do autor (2017).

4.2 A sustentabilidade na moda de Ronaldo Fraga

Busca-se nesse item discutir a ideia de sustentabilidade presente na moda de Ronaldo Fraga. O trabalho desenvolvido pelo estilista Ronaldo Fraga será apresentado com enfoque nos elementos estruturantes identificados nos desfiles analisados para a presente pesquisa, e que agrupados, resultaram nas categorias finais.

Neste sentido, através dos elementos estruturantes identificados nas análises das coleções desenvolvidas pelo estilista Ronaldo Fraga foi possível evidenciar os aspectos que apontam como a moda pode atuar e refletir sobre a sustentabilidade.

Com as análises dos desfiles do estilista Ronaldo Fraga, apoiando-se no método da análise de conteúdo, foram levantadas cinco categorias finais: Cultura Brasileira, Diversidade Cultural, Globalização, Identidade Cultural e Memória. As coleções correspondentes às categorias finais e que formam o *corpus* de discussão do presente capítulo, podem ser visualizadas na Tabela 05. Conforme foi referido anteriormente, para formar o *corpus* de discussão das análises, a partir do estudo exploratório, foram escolhidos 18 dos 42 desfiles apresentados pelo estilista Ronaldo Fraga e que foram analisados para a presente pesquisa. Os desfiles foram apresentados entre os anos de 1996 a 2016.

Devido à amplitude teórica para a qual as categorias analíticas finais apontavam, procurou-se fazer alguns recortes, buscando pontos norteadores para o desenvolvimento dos resultados e discussões que se relacionassem diretamente com o problema de pesquisa aqui construído e com o universo temático proposto por Ronaldo Fraga em seu trabalho.

Sendo assim, considerou-se tratar das categorias finais com os seguintes aspectos relacionados abaixo:

- a) Cultura Brasileira – a cultura brasileira na sua concepção antropológica. O sentir, o cuidar, o pensar, os fazeres e os saberes e o sentimento de pertencimento, na perspectiva da sustentabilidade na cultura;
- b) Diversidade Cultural – diversas formas de expressão da cultura, incluindo as subculturas marginalizadas. Formas diferenciadas de viver no mundo, que dão sentido à existência;
- c) Globalização – as reflexões acerca do local e global. Os desafios locais diante do reflexo da globalização. As relações transculturais. O multiculturalismo;

- d) Identidade Cultural – a relação do indivíduo com a sociedade, sua concepção de mundo e sua forma de atuação;
- e) Memória – o universo da nostalgia, das lembranças e recordações. A importância do conhecimento do passado, da conservação e da memória para a sustentabilidade.

4.2.1 Cultura Brasileira

Quinze desfiles se enquadram na categoria final Cultura Brasileira. São eles: *Em nome do Bispo*, *Costela de Adão*, *São Zé*, *Todo mundo e ninguém*, *A cobra ri: uma estória de Guimarães Rosa*, *Nara Leão ilustrada por Ronaldo Fraga*, *O rio São*, *O Turista Aprendiz*, *Athos do início ao fim*, *O cronista do Brasil*, *Turista Aprendiz na Terra do Grão-Pará*, *F.u.t.e.b.o.l*, *Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera*, *O caderno secreto de Cândido Portinari* e *Fúria das sereias*.

Dentre eles, foram escolhidos para análise cinco desfiles: *Costela de Adão*, *O rio São*, *O Turista Aprendiz*, *Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará* e *Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera*. Foram considerados os desfiles mais representativos e com um maior número de elementos que pudessem ser analisados.

De acordo com Roberto DaMatta (1986, p.15) “a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito de fazer coisas”. Para Botelho (2001) a cultura é produzida por meio da interação social, constituindo-se dos modos de pensar e sentir que expressam os valores construídos coletivamente e vivenciados pelos sujeitos. Botelho (2001, p.74, grifo do autor) afirma que “a cultura é tudo que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente falando”.

A dimensão simbólica da cultura fundamenta-se na ideia de que os seres humanos são os únicos capazes de simbolizar e expressar os significados construídos socialmente por meio das línguas, crenças, rituais, práticas, trabalho. As ações humanas estão intrincadas em redes de símbolos, cujos significados variam no tempo e no espaço. A variedade cultural é tanta, que só se pode falar em culturas no plural (SNC, 2011, p.33).

Dessa forma, focalizou-se nesse trabalho a acepção antropológica de cultura acima apresentada, que considera as formas de expressão, os modos de fazer, pensar e sentir de um dado grupo ou comunidade, buscando-se considerar, especificamente, as características que marcam o que chamamos de “cultura brasileira”.

Sobre cultura brasileira, Ortiz (2006, p.8) considera, “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. Contudo, Ortiz (2013) problematiza e relativiza o conceito de cultura brasileira, do nacional. De acordo com o autor,

Pode-se dizer que no Brasil e na América Latina existe uma obsessão pelo nacional, isso faz com que a problemática da identidade seja recorrente, ou como diz Ruben Oliven, um “eterno retorno”. A pergunta “quem somos nós” recebe respostas diferentes em função da inclinação teórica dos autores, do contexto histórico, dos interesses políticos, mas permanece ao longo do tempo como inquietação insaciável (ORTIZ, 2013, p.609).

Sobre a ideia de totalidade, “de vincular as pessoas no interior de um mesmo território”, Ortiz (2013) ressalta,

A ideia de totalidade é importante, vamos encontrá-la também nos escritos dos pensadores românticos alemães. Ao considerar a existência do “espírito de um povo”, sua “alma”, Herder (1964) um dos precursores do movimento, considerava que cada um deles constituía uma civilização-organismo, uma unidade singular. Os habitantes de determinada sociedade estariam vinculados pela história, língua, religião, pelas disposições espirituais. Para que as nações sejam idênticas à si mesmas e diferentes umas das outras é necessário que o ideal de integração se realize, ele agrega aquilo que se encontraria disperso. O espírito nacional é um índice, um emblema de algo que o transcende (ORTIZ, 2013, p.610-611).

Dessa forma, observou-se que diversas coleções de Fraga trabalhavam com elementos simbólicos que buscavam remeter a uma ideia de brasilidade, como os bordados manuais na coleção *O Turista Aprendiz*, o sertão e o cangaço com a coleção *A cobra ri: uma estória de Guimarães Rosa*, o *F.u.t.e.b.o.l.*, entre outras.

Nos desfiles que compõem a categoria final Cultura Brasileira, estão presentes elementos que tratam de referências às histórias de pessoas, suas visões de mundo, como se expressam e os valores transmitidos de geração em geração, como, por exemplo, a coleção *O Turista Aprendiz e terra áspera*. Bresser (2013), para o site R7 sobre esta coleção, escreve,

Um dos artistas com quem Ronaldo trabalhou foi Espedito Seleiro, de Nova Olinda, no Cariri cearense. O pai era seleiro e um dia foi obrigado, pelo bando de Lampião, a fazer uns calçados para a tropa do cangaceiro. Nascia,

sem querer (ele fazia sela, não sapato), a sandália quadrada de couro, que ajudou, muitas vezes, o bando a despistar os meganhas por não deixar pegadas típicas no solo. Espedito encantou-se com a história, cresceu, e, em vez de seleiro, virou sapateiro.

Nesta perspectiva, nas coleções que compõem esta categoria final, identificou-se o diálogo entre a moda e a cultura brasileira, traduzido nas histórias das pessoas, nos fazeres e saberes locais, na música brasileira, no artesanato.

A coleção *Costela de Adão*²⁹ apresenta no título um aspecto relacionado à religiosidade católica. Um aspecto que o estilista Ronaldo Fraga costuma relacionar em algumas de suas coleções. Tais como: *Em nome do Bispo* (Inverno 1997), *Vendedor de milagres* (Verão 1998/99), *Rute Salomão* (Inverno 2011), *Cordeiro de Deus* (Verão 2002/03), *O rio São* (Verão 2008/09). A religiosidade está no cotidiano do povo brasileiro, nos valores de sua cultura, e, por diversas vezes, na sua forma de expressão, destacando-se que no Brasil o sincretismo é uma característica marcante das formas de expressão religiosa. Como escreve Souza (2010), “é impossível ignorar o papel da religiosidade do povo brasileiro na cultura e da cultura na religiosidade. Ademais, a religião é como um espelho que mostra as vertentes da formação cultural de qualquer povo”.

O título do desfile faz uma referência à história do personagem bíblico Adão. Deus tomou-lhe uma costela enquanto ele dormia, e, da costela fez uma mulher. Dessa forma, observando o próprio título da coleção, pode-se considerar a mulher como sendo a protagonista desse trabalho. No caso, para o desenvolvimento da coleção *Costela de Adão*, o estilista foca na mulher artesã.

Esta coleção tratou do artesanato local do Vale do Jequitinhonha. De acordo com a reportagem da Revista Sagarana (2014), o Vale do Jequitinhonha fica situado no nordeste de Minas Gerais. Uma mesorregião de cerca de 62,9 mil km², na qual vivem 977,8 mil pessoas.

Em uma entrevista dada à Revista Sagarana, Rita de Podestá discute a origem do trabalho das mulheres artesãs do Vale do Jequitinhonha,

Os trabalhos com barro que criam as cerâmicas tão características do Vale têm origem no trabalho das mulheres chamadas popularmente de Viúvas de

²⁹ Adão é um personagem bíblico. Na Bíblia (2004, p.50), em Gênesis 2, 21-22 “Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e levou-a para junto do homem”.

Marido-vivo ou Viúvas da Seca. Devido à seca e dificuldades de encontrar trabalho, os homens da região foram sempre obrigados a deixar as famílias para trabalhar em outras cidades, principalmente São Paulo. Com isso, restava às esposas ficar em casa com os filhos e ir atrás de fontes de renda. A solução estava no único recurso abundante dali. A fonte veio da terra seca. As mulheres encontraram no barro a matéria-prima de vasilhas, panelas e potes e futuramente bonecas, animais e objetos de decoração (PODESTÁ, 2014).

As características e a história do trabalho que são desenvolvidas no Jequitinhonha, como aborda a reportagem acima, podem ser observadas no cenário do desfile *Costela de Adão*. Para a cenografia, o piso da passarela remetia à terra seca do Vale, uma representação da matéria-prima do artesanato local e a extensão da passarela era composta por muitas flores de cerâmica. As cores das roupas e a maquiagem dos modelos remetiam às bonecas que são feitas no Vale. Observa-se na composição do cenário e até mesmo nas cores das roupas, o enfoque nas características geográficas do Vale do Jequitinhonha e no trabalho que é desenvolvido na região.

Em entrevista à Marques (2003), nos bastidores da apresentação do desfile, o estilista Ronaldo Fraga declarou: “é um trabalho muito feminino, muito delicado e que já estava na hora de ser apropriado pela memória do país. Só se fala de pobreza no Vale do Jequitinhonha, mas se esquecem de dizer que elas (as artesãs) sabem transformar barro em ouro”. No desfile foi possível perceber o discurso indicando reflexões sobre questões relacionadas ao desenvolvimento humano e o desenvolvimento local da região através da criatividade do trabalho manual.

Através do reconhecimento e da valorização da cultura, podem-se produzir formas consistentes de organização, conhecimento, preservação e desenvolvimento. Sobre desenvolvimento e sustentabilidade, o relatório da UNESCO (2009, p. 31) afirma que “a cultura é cada vez mais reconhecida como uma dimensão transversal dos três pilares – econômico, social e ambiental – presentes em todas as formas de desenvolvimento verdadeiramente sustentado”. A dimensão da cultura tem sido apresentada como o quarto pilar do desenvolvimento sustentável.

A cultura é uma condição para o desenvolvimento humano, um componente relevante para a qualidade de vida, haja vista que a cultura é um modo de ser e se relacionar com o mundo. De acordo com o relatório *Nossa Diversidade Criadora* (1997, p.32), “o papel da cultura também deve ser considerado como um fim desejável em si mesmo, que é o de

conferir sentido à nossa existência”. No relatório, encontra-se a seguinte consideração sobre cultura,

A cultura de um país reflete sua história, seus costumes, suas instituições e atitudes, seus movimentos sociais, seus conflitos e suas lutas, e suas configurações de poder político no âmbito interno ou mundial. A cultura é, por conseguinte, dinâmica, está em evolução contínua (CUÉLLAR, 1997, p.34).

É necessário entender a cultura como um processo em transformação. E preservar a cultura pressupõe conhecê-la. O desfile *Costela de Adão* representou a tradição local onde é produzida materialmente a história de um povo, e dessa forma, a importância de seu aspecto histórico, cultural e social. Da terra seca do Vale do Jequitinhonha nasce o trabalho manual que é transmitido de geração para geração.

O desfile representou o Vale do Jequitinhonha, as mulheres e o trabalho que é desenvolvido no local. Para tanto, a pele dos modelos estava da cor do barro de que são feitas as bonecas do Vale do Jequitinhonha, como pode ser observada na maquiagem das pernas e do rosto (Figura 1). As roupas apresentaram simplicidade, delicadeza e uma atmosfera interiorana, como pode ser notado nas estampas e bordados das roupas (Figura 2). Os modelos desfilaram com os penteados e a maquiagem tal como as bonecas de barro que são produzidas no Vale (Figura 3).

Figuras 1, 2, 3 – Desfile *Costela de Adão*, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2003/04.



Figura 1. Fonte: FFW Fashion Forward (2003). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2003/07/184511-desfiles-ronaldofraga-spverao2004rtw-120.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 2. Fonte: FFW Fashion Forward (2003). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2003/07/184514-desfiles-ronaldofraga-spverao2004rtw-123.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 3. Fonte: Galeria Brasileira Arte Popular Contemporânea. Disponível em: <http://www.galeriabrasiliana.com.br/conteudo/index.php?option=com_easygallery&act=categories&cid=158&Itemid=99999999>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Na coleção *O rio São*, o estilista Ronaldo Fraga, assim como no desfile *Costela de Adão*, também abordou a cultura local de uma conhecida região brasileira. O desfile apresentou a cultura ribeirinha e o sentimento de pertencimento, em torno do Rio São Francisco. Além disso, o estilista procurou chamar a atenção para a salinização e a transposição do Rio São Francisco. Tudo isto pode ser observado nos elementos do desfile que serão abordados no decorrer do presente capítulo.

Sobre a importância do rio São Francisco, Soares (2013) ressalta,

Com mais de 2.800 km de extensão, o rio São Francisco corresponde por 73% da oferta hídrica superficial nordestina. O rio nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e escoar no sentido Sul-Norte. Sua foz, entre os estados de Alagoas e Sergipe, possui vazão média anual de 2.980 m³/s, o que corresponde a uma descarga média anual da ordem de 94 bilhões de m³. [...] O potencial hidrelétrico da bacia é de 25.795 MW, dos quais são aproveitados 10.473 MW, distribuídos principalmente nas usinas Três Marias, Queimado, Sobradinho, Itaparica, Complexo Paulo Afonso e Xingó. Rica em recursos naturais, a bacia do São Francisco abriga uma diversidade de culturas, locais históricos, sítios arqueológicos e importantes centros urbanos, que, associados à imensidão do rio e às belezas naturais da região, oferecem um grande potencial para o desenvolvimento do turismo, uma atividade ainda pouco explorada (SOARES, 2013, p.79-80).

A revista Marie Claire (2011) fez uma reportagem sobre a relação do estilista Ronaldo Fraga com o rio São Francisco e as histórias do rio,

Em dezembro de 2006, o estilista mineiro Ronaldo Fraga, saiu de Belo Horizonte, onde vive com a mulher e os dois filhos, Ludovico e Graciliano, e foi até Pirapora. Nessa cidadezinha, no norte de Minas, o São Francisco se torna navegável. Lá embarcou no Benjamin Guimarães, o único barco a vapor (movido à lenha) no mundo que, segundo ele, ainda viaja por um rio. Construída em 1913, a embarcação foi trazida do Mississippi, nos Estados

Unidos. No auge da Companhia de Navegação do São Francisco (Franave), fundada na década de 60, o Velho Chico chegou a ter mais de 100 barcos desse tipo deslizando sobre ele. Alguns eram até maiores e mais bonitos que o resistente Benjamin. Podiam ser mais chiques também, como o Venceslau Braz, o mais refinado da frota, que tinha lustres de cristal, tapetes persas e até piano. Esse era tão famoso que muita criança nascida em cidadezinhas à beira do rio foi batizada com seu nome (VILAR, 2011).

Esta foi a primeira viagem que o estilista Ronaldo Fraga fez para conhecer o rio. Depois dessa viagem, vieram inúmeras outras. Antes disso, o estilista só conhecia o rio através das histórias contadas pelo seu pai, quando era criança.

No *release*³⁰ da coleção *O rio São*, o estilista Ronaldo Fraga discorre sobre as características e histórias do rio para compor as cores das roupas desta coleção,

Mergulhei literalmente nesse universo de lendas e conflitos numa paisagem humana colorida e bordada por marinheiros, caboclos d'água e mulheres-peixe. De lá, trouxe laranjas desenvergonhadas, brancos sujos, verde-água transparente. Bebi azuis, cheirei a opulência dos opacos e nobres beges. Lambi a base amarela dos sedimentos caídos dos verões e os marrons das cheias das cabeceiras. O lado morto do rio vem colorido de preto. Vieram bordados e aplicações de alma artesã. [...] Mesmo com tanta beleza, o rio padece. Entretanto, espero que o São Francisco desassombre as almas dos carcarás carregados de poder.

As águas do São Francisco estão envoltas em questões polêmicas sobre a transposição do seu leito. De acordo com Alves e Nascimento (2009),

A polêmica que recrudescer em torno da transposição do rio São Francisco, divide opiniões entre aqueles que apoiam o projeto e aqueles que se posicionam contra o mesmo. Dentre os vários argumentos dos opositores do projeto, o principal é o alerta para o risco de colapso do rio, e que os interessados pelo mesmo objetivam apenas à proposição de fazendas agrícolas e não priorizam o abastecimento humano. Também, aponta-se a existência de alternativas mais simples para solucionar o problema e que pode beneficiar numa amplitude ainda muito maior o contingente populacional do semiárido. Enquanto que para os favoráveis a implantação do projeto, prevê-se o desenvolvimento socioeconômico do semiárido através da transposição e alegam que a disponibilidade hídrica do rio São

³⁰ Parte do *release* da coleção *O rio São*. O *release* completo e a ficha técnica do desfile: Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

Francisco não será afetada com o empreendimento (ALVES; NASCIMENTO, 2009, p.40-41).

As questões acerca da transposição do rio São Francisco não são recentes. Porém, são questões que, ora são deixadas de lado, ora são retomadas pelo governo brasileiro. Sobre o histórico referente a transposição das águas do rio São Francisco, Alves e Nascimento (2009) contribuem,

O atual projeto de transposição das águas do rio São Francisco, em processo de execução, tem aproximadamente 160 anos de história. Foi originalmente concebido em 1847 pelo Intendente do município do Crato e deputado provincial pelo Ceará, Antônio Marco de Macedo, em função dos impactos socioeconômicos dos três anos de seca, de 1844 a 1846. A ideia não progrediu de imediato, sendo retomada em 1861, pela Comissão Científica de Exploração (CCE), criada por D. Pedro II. O traçado das obras do projeto de 1847 foi reavaliado em 1913, por engenheiros da Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS). Dada à magnitude das obras requeridas - que incluía a construção de um túnel com cerca de 300 km de comprimento, a uma profundidade máxima de 250 metros - o parecer emitido foi desfavorável. Nova referência ao projeto foi feita em 1938 pelo engenheiro Joanny Bouchardet, de Minas Gerais (ALVES; NASCIMENTO, 2009, p.40).

Com o desfile *O rio São*, Ronaldo Fraga apresentou uma reflexão sobre o Rio São Francisco no aspecto socioambiental. No *release* dessa coleção, o estilista ressalta a preocupação com o rio quando escreve: “o lado morto vem colorido de preto” e “mesmo com tanta beleza, o rio padece”. Na cenografia do desfile foram utilizadas grandes bacias com sal ao longo da passarela, chamando a atenção para a salinização do Rio São Francisco. De acordo com Maia e Barreto (2014, p.8), “o processo de salinização, causador de desertificação ocorre quando existe deficiência de drenagem nos solos, sendo potencializado quando estes apresentam pequena espessura e se localizam em áreas de clima seco, devido ao elevado déficit hídrico.” Ainda de acordo com as autoras (2014, p.8), sobre o Rio São Francisco, “no caso das áreas da transposição muitas já apontam sinais de salinização o que logo avançaria para a desertificação, e o mais espantoso é o fato de que não consta no Relatório de Impacto Ambiental desta obra, nem uma palavra sobre este problema.” Podem-se observar diversos aspectos de discordância sobre a transposição do rio São Francisco. Aspectos que geram polêmicas e que são pesquisados e discutidos na sociedade contemporânea.

Dessa forma, pode-se considerar que, com a apresentação de desfiles como *O rio São*, o estilista Ronaldo Fraga contribui para pensar sobre as questões contemporâneas. Com isso, o trabalho do estilista aponta para a possibilidade da moda se referir e interferir na realidade.

A expressão da fé e da religiosidade do povo ribeirinho pode ser observada nos colares com crucifixos que alguns modelos desfilaram (Figura 4). Algumas peças de roupas foram bordadas pelas bordadeiras que vivem nas cidades no entorno do rio (Figuras 5 e 6). Nos bordados, nas estampas das roupas e em recortes que imitavam escamas de peixes, o estilista apresentou a característica das casinhas das cidades do entorno do rio e os peixes do rio.

Figuras 4, 5 e 6 – Desfile *O rio São*, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2008/09.



Figura 4. Fonte: FFW Fashion Forward (2008). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2008/07/101579-desfile-rfraga-spfwverao2009rtw-127.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 5. Fonte: FFW Fashion Forward (2008). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2008/07/101584-desfile-rfraga-spfwverao2009rtw-132.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 6. Fonte: FFW Fashion Forward (2008). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2008/07/101559-desfile-rfraga-spfwverao2009rtw-107.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

No vídeo “Conversa sobre exposições, livro e roupa”, em que Ronaldo Fraga participou do Programa Sem Censura, da TV Brasil (2011), o estilista caracterizou a cultura do entorno do Rio São Francisco, “é um bordado de resistência, e a cultura ribeirinha é uma cultura resistente”. A valorização da cultura local permite o reconhecimento da herança

histórica. E a sustentabilidade aqui se apresenta através da integração das pessoas da comunidade ao ambiente e ao lugar através da cultura local.

As coleções *O Turista Aprendiz*, *Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará* e *Carneseca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera* fazem referência ao título do livro e ao conjunto da obra de Mário de Andrade: “O Turista Aprendiz”.

Para discutir os elementos dessas três coleções do estilista Ronaldo Fraga foi preciso conhecer tal obra. O livro *O Turista Aprendiz* de Mário de Andrade é resultado das anotações diárias de uma viagem etnográfica que Mário fez pelo Norte e Nordeste do país, no final da década de 20. Mário de Andrade realizou a viagem em dois momentos, de maio a agosto de 1927 e posteriormente de novembro de 1928 a fevereiro de 1929. Sobre o livro “O Turista Aprendiz”, Santos (2009, p.112), escreve: “em determinados momentos, há reflexões sociológicas e políticas sobre o Brasil e o povo brasileiro, em outros momentos há a criação literária, além de ideias que foram desenvolvidas posteriormente, tanto na vertente literária como na ensaística de Mário de Andrade”.

O livro é um registro da cultura brasileira, das manifestações artísticas e culturais, das músicas, das festas e do povo brasileiro. Fraga (2012, p.53), fala sobre ser turista aprendiz e sobre a obra de Mário de Andrade, “o meu grande sonho sempre foi um dia fazer o mesmo percurso, investigando o Brasil daquela época que ainda se mantém de pé e o Brasil que não existe mais”.

O estilista ressalta sua vivência e experiência, e, suas considerações em relação à cultura brasileira,

Trabalho desde 2005 com projetos de geração de emprego e renda com reafirmação cultural em vários grupos de artesãos pelo Brasil afora, e foi um desses projetos que me levou até Passira, cidade do bordado, no agreste pernambucano. Foi aí que me dei conta de que já vinha há tempos registrando histórias de ofícios como o turista aprendiz de Mário de Andrade. Minha alma entra em festa diante do Brasil feito a mão. Um país bordado de avessos reveladores... pontos e linhas que desenham histórias de sobrevivência, ancestralidades, amor e dor. Ofícios que retratam a alma de um povo gentil, festivo e generoso (FRAGA, 2012, p.53).

Pode-se observar que o estilista considera que o que o aproxima da obra de Mário de Andrade são os registros de histórias de pessoas e de lugares que ele pôde conhecer através da sua participação em projetos sociais pelo país. Nas apresentações dos três desfiles que

abordaram ‘o turista aprendiz’, é possível inferir que o estilista trata das experiências e dos conhecimentos das pessoas e do universo que ele teve contato através do trabalho que desenvolveu com a participação em projetos sociais. Os elementos dessa experiência do estilista Ronaldo Fraga estão tanto no cenário, como nas roupas, nos acessórios e na trilha sonora.

Nas cenografias dos três desfiles, considerou-se o Brasil com as suas características culturais, regionais, o trabalho e as histórias de um povo. O cenário da coleção *O Turista Aprendiz*, era de desenhos de renda Renascença em tons claros e suaves. A renda Renascença é um produto artesanal e tradicional do estado da Paraíba. É a cultura que se constitui com a tradição da produção local.

Em *Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará*, o piso da passarela era irregular e cercado de muitas plantas, como se os modelos caminhassem em uma floresta, uma representação da biodiversidade do país.

Já em *Carneseca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera*, o cenário era composto por grandes cactos secos, feitos por Renato Imbroisi, tecelão e design de artesanato. Um cenário que pode ser associado à vida de luta constante do povo nordestino com a seca da região. Essa caracterização se opõe à riqueza da cultura material local apresentada no desfile.

Além do cenário, as roupas e acessórios, bem como penteados e maquiagem primaram-se pela apresentação e representação do trabalho manual. A força da tradição do trabalho manual mostra a capacidade da preservação e do desenvolvimento de uma cultura local. Ressaltando que estas três coleções contaram com a participação e o envolvimento do estilista Ronaldo Fraga em projetos sociais pelo Brasil, que visam consolidar a identidade cultural brasileira.

A coleção *O Turista Aprendiz* apresentou o bordado de Passira/PE. As roupas traduziram o trabalho manual tradicional das rendeiras e das bordadeiras. A maquiagem dos modelos reproduziu a pele bronzeada pelo sol do Nordeste.

No vídeo “Ronaldo Fraga fala de sua coleção – verão 2010 – parte 1”, o estilista ressalta,

É uma coleção onde cada peça que é bordada, ela é 100% bordada à mão. Foi feita uma pesquisa de pontos da renda renascença que estão se perdendo no tempo, que estão caindo em desuso, onde eu transfiguro, eu tiro esse ponto da estrutura da renda e levo o bordado de bastidor [...]. Uma pincelada de cor da memória. O que é cor da memória?! Sabe aquela coisa, uma vaga

lembrança de que aquilo era laranja, e esse laranja é esvanecido, então é uma coleção que se esvai. É uma coleção que mesmo a cor mais forte que é o marinho, é uma cor mais céu também. [...] Vocês vão ver vestidos bordados em bastidor sobre o tule que de longe vai parecer uma renda, mas na verdade não são (RONALDO FRAGA FALA..., 2010).

Na declaração do estilista Ronaldo Fraga pode-se observar uma remissão ao passado quando o estilista faz uso das seguintes palavras e/ou expressões: “desuso”, “cor da memória”, “lembrança”, “esvanecido”. Considera-se uma referência sobre a importância do conhecimento e da preservação dos saberes e dos fazeres tradicionais, uma condição para o fortalecimento dos aspectos culturais e sociais da sustentabilidade.

Figuras 7 e 8 – Desfile O Turista Aprendiz, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2010/11.



Figura 7. Fonte: FFW Fashion Forward (2010). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2010/06/96683-rfra-v11-025.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 8. Fonte: FFW Fashion Forward (2010). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2010/06/96658-ronaldo-fraga-detalhes-spfw-2011-31-654x986.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Para a coleção *Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará*, o destaque foi para os acessórios, produzidos com diversos tipos de sementes da flora amazônica. Foi resultado de um trabalho do estilista Ronaldo Fraga junto a uma Cooperativa de Biojoias de Tucumã.

De acordo com a reportagem “Cooperativa apoiada pela Fundação Vale estreia na SPFW”, no *site* da Vale (2012),

Nas mãos de um grupo de mulheres do município de Tucumã, cidade paraense a 937 km de Belém, sementes da flora amazônica se transformam em biojoias. A partir de um curso de qualificação profissional promovido pela Fundação Vale, em 2009, o grupo conheceu técnicas de beneficiamento de sementes, montagem de peças e noções de empreendedorismo. Passaram de "donas de casa com algum interesse por artesanato" a artesãs de uma Cooperativa que busca evolução permanente. O suporte dado pela Fundação Vale à iniciativa é um esforço de desenvolver as vocações econômicas da região, valorizar a cultura local e contribuir para o empoderamento feminino. Na parceria com o Ronaldo Fraga, foi mobilizada uma equipe de profissionais para aprimorar o conhecimento das artesãs sobre design, estimulando o estudo de novas formas e a experimentação de novos materiais. [...] Valorizando a flora amazônica, os acessórios da coleção "Turista Aprendiz na Terra do Grão-Pará" são feitos de sementes como açaí, jupati, morototó, jarina, dedo de índia, paxiubinha e ouriço de castanha, além de fragmentos de madeiras como amarelão, ipê, cumarú, muracatiara, tatajuba e roxinho. Todas fazem parte da riqueza e diversidade do Pará, região onde a Vale está presente há 50 anos (VALE, 2012).

Nessa perspectiva, pode-se considerar no desenvolvimento e na apresentação da coleção *Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará*, aspectos correlacionados à valorização da cultura local e, à importância da sustentabilidade ambiental, , como a utilização de materiais próprios da região amazônica. É interessante, contudo, observar que os saberes tradicionais acerca do próprio ambiente foram trabalhados conjuntamente a uma lógica e técnicas advindas das regiões urbanas, que buscavam desenvolver uma atitude “empreendedora” nas mulheres, contribuindo para a sua emancipação. Dessa forma, observa-se que o trabalho como “local”, perspectiva da sustentabilidade não está isolado de influências externas. A relação local-global é um dos grandes desafios para a construção de sociedades sustentáveis.

O *release* da coleção é uma carta a Manuel Bandeira, poeta brasileiro,

Ô Manuel...

Nestas andanças por este Brasil, tenho visto e vivido coisas estupendas! Agorinha mesmo minhas retinas beberam a manhã mais linda do Rio Amazonas... Mas nada que me traz saudades hoje e que me extasia ver me provocará um dia o desejo de rever com precisão absoluta e fatalizada o que as terras do Grão Pará já o fazem. Quero o Pará como se quer um amor sobressaltado, como de sobressaltado de paixão esta terra tomou-me, deixando-me doente de desejo. Aqui, Manuel, as pessoas são seres marchetados em madeira de lei. Os beijos amortecem como o jambu, os corpos têm cheiro de manga e as almas... Bom, as almas... Carregam

mistério das águas profundas. Você como mestre da escrita, meu querido poeta, conhecerá esta, como a terra do superlativo, onde ao procurares o belo e o feio encontrarás o tenebroso e o maravilhoso. Tudo cantado e encantado por certo matinta perera. Daria todos os açáis do mundo para vê-lo enfeitado por este lugar. O mesmo feitiço amazônico que transforma mulher bonita em castanheira, flores em pássaros, pepitas de ouro em sementes da mata. Impossível, Manu, descrever em palavras escritas ou faladas os assombros e desassombros deste lugar. E é neste lugar do sem palavras que sua ausência o faz mais presente! Só me resta nesta embriaguez de paixão vestir o meu linho branco e depois da chuva sentar no terraço do Grande Hotel, com vista para as mangueiras que encobrem o teatro da Paz e chupitar um sorvete de cupuaçu sem pressa de mais nada... Você que conhece o mundo, conhece coisa melhor que isso Manuel??? Com saudade, um abraço deste turista aprendiz,

Ronaldo Fraga

(Inspirada na carta que Mário de Andrade enviou a Manuel Bandeira, quando foi pela primeira vez em Belém) (FRAGA, 2012, p.26).

As roupas desta coleção apresentaram cores e estampas que lembram floresta e a riqueza da biodiversidade, tais como branco, marrom verde, azul e estampas de flores e pássaros.

Figuras 9 e 10 – Desfile Turista Aprendiz na Terra do Grão-Pará, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2012/13.



Figura 9. Fonte: FFW Fashion Forward (2012). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2012/06/desfile-ronaldo-fraga-spfw-verao2013-1471.jpg>>.

Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 10. Fonte: FFW Fashion Forward (2012). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2012/06/desfile-ronaldo-fraga-spfw-verao2013-1161-654x982.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Para o desfile *Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera*, Ronaldo Fraga tratou da história e da cultura sertaneja e do semiárido brasileiro. De acordo com o *site* do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (2012), “o semiárido brasileiro compreende cerca de 900 mil km² do território nacional, sendo parte de estados como Minas Gerais, Bahia, Alagoas e Ceará”.

As cumbucas de água e marmitas, utensílios utilizados pelos sertanejos vieram nos acessórios, como as bolsas confeccionadas por Rogério Lima, design de bolsas, que os modelos desfilaram (Figuras 11 e 12). Nas roupas, predominou o couro, com diversas formas, texturas e cores (Figuras 13 e 14).

Figuras 11 e 12 – Desfile Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 2014.



Figura 11. Fonte: FFW Fashion Forward (2013). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2013/10/desfile-ronaldofraga-spfw-inv2014-310.jpg>>. Acesso: 6 mar. 2017.

Figura 12. Fonte: FFW Fashion Forward (2013). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2013/10/detalhes-ronaldofraga-spfw-inv2014-1361.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figuras 13 e 14 – Desfile Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 2014.

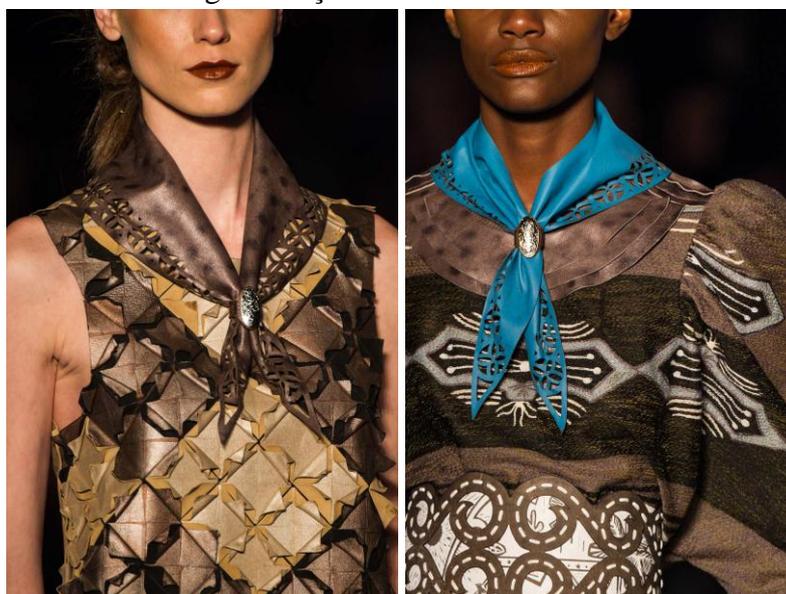


Figura 13. Fonte: FFW Fashion Forward (2013). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2013/10/detalhes-ronaldofraga-spfw-inv2014-1391.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 14. Fonte: FFW Fashion Forward (2013). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2013/10/detalhes-ronaldofraga-spfw-inv2014-1281.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Ronaldo participou de um projeto com alguns fabricantes de couro brasileiro, a convite do Sindicato de Curtumes do Brasil. Em entrevista para Bresser (2013), para o *site* R7, “Ronaldo leva carne seca para a passarela da SPFW”, o estilista falou sobre a importância do projeto, “o couro nacional, como tantas outras matérias-primas brasileiras, padece de valorização. O couro sai daqui e vai para a Europa, lá ganha novas texturas, cores e formatos, para retornar como insumo de primeira”. Trata-se de uma dinâmica relacionada ao aspecto global que, de certa forma, pode desvalorizar e desacreditar na produção local.

O fato do couro brasileiro ir para a Europa e voltar como insumo de primeira pode estar relacionado à recursos tecnológicos dos países desenvolvidos e à dificuldade do país produtor, no caso, o Brasil, ser incapaz de agregar valor a esse produto.

A apresentação deste desfile pode auxiliar a reflexão sobre como a cultura local é relevante na perspectiva da sustentabilidade social e cultural. Ainda, ressalta-se a necessidade de cooperação de países desenvolvidos para o desenvolvimento sustentável local. Os países ricos podem contribuir para o desenvolvimento das economias periféricas a partir de processos mais sustentáveis, com recursos tecnológicos, por exemplo.

Com as análises dos desfiles *O Turista Aprendiz*, *Turista Aprendiz na Terra do Grão-Pará* e *Carneseca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera*, pode-se observar que o estilista Ronaldo Fraga considerou as histórias de pessoas, meios pelos quais a cultura é produzida, desenvolvida, vivenciada e sustentada. Com as apresentações destas coleções, o estilista através da moda falou do Nordeste, das histórias do povo nordestino, das histórias do Brasil, assim como o modernista Mário de Andrade o fez com a literatura.

O poeta e escritor Ferreira Gullar (2006), fala do Brasil que foi “descoberto” pelos modernistas, e que é redescoberto em diferentes momentos da história,

Quarenta anos depois, redescobrimos o país. Já não agora meia dúzia de jovens das metrópoles a querer rivalizar com a Europa carregada e tradições, remexendo nos igarapés e pensando em Paris. Pelo contrário, são agora 25 milhões de nordestinos que começam a falar pela voz de seus líderes e a nos revelar o que há por trás das rendas do Ceará, dos candomblés da Bahia; que gente viaja nos líricos trenzinhos caipiras e nos navios-gaiola; que vida vive o homem da Amazônia. Nada tem de pitoresco o Brasil que hoje redescobrimos. Nossa geografia está assinalada pelas jazidas de manganês e ferro que o estrangeiro explora e exporta, enquanto os Estados, proprietários naturais dessas minas, não têm dinheiro para construir escolas e hospitais. Nossas fábulas são agora a história do camponês que tem as mãos cortadas porque se negou a vender ao latifundiário o feijão que plantou. Nosso herói típico é Pedro Teixeira, morto a tiro na Paraíba por lutar pela reforma agrária. O Brasil que redescobrimos é um país dramático, de poucos ricos e milhões de pobres, e que já não aceita como fatalidade a fome, a doença, a injustiça social. O Brasil que os modernistas descobriram era um Brasil lírico. O Brasil que hoje se nos descobre é um Brasil político. Para cada momento, uma poesia (GULLAR, 2006, p.103).

O Brasil que a moda de Ronaldo Fraga “descobriu” e apresentou através dos desfiles que foram analisados a partir da categoria final Cultura Brasileira é um país com potencial culturalmente sustentável, favorecendo a expressão das diferenças, celebrando e promovendo a diversidade das culturas. Gullar contribui para as reflexões acerca dos contornos sobre diversas formas de expressões da cultura do nosso país, diversos sotaques, diversas formas de manifestação, diversos desafios da existência e diversos modos de ser.

Como considera Gullar (2006), com a redescoberta da nossa realidade, “o Brasil que hoje se nos descobre é um Brasil político”. Este Brasil político pode se referir a um povo brasileiro que se mobiliza, que forma associações para garantir melhores condições de trabalho e renda. Um povo que constitui cooperativas para se fortalecer, que participa de

movimentos sociais em busca de melhoria para a comunidade local. E, além disso, um povo que produz recursos materiais e simbólicos que expressam a cultura brasileira e que são a memória do país.

Ribeiro (2006, p.232) fala da configuração histórico-cultural brasileira, “milhões de brasileiros, através de gerações, nascem e vivem toda a sua vida encontrando soluções para seus problemas vitais, motivações e explicações que se lhes afiguram como o modo natural e necessário de exprimir sua humanidade e sua brasilidade”. O autor (2006, p.232) considera a configuração histórico-cultural brasileira “composta como uma constelação de áreas culturais”.

As coleções aqui analisadas sob a categoria final Cultura Brasileira trataram da arte, da arte popular, do artesanato, da literatura, da música, dos diversos modos de ser e de se expressar, de realidades distintas e em momentos de tempo-espço diferentes.

Percebe-se que, por meio dessas coleções Ronaldo Fraga possibilita uma reflexão sobre equidade social, qualidade de vida, valorização das distintas formas de ser, pensar e sentir, os saberes e os fazeres, bem como as diversas formas de expressão cultural existentes em um mesmo país.

4.2.2 Diversidade Cultural

Conforme Relatório da UNESCO (2009),

Diversidade cultural é, antes de mais nada, um fato: existe uma grande variedade de culturas que é possível distinguir rapidamente a partir de observações etnográficas, mesmo se os contornos que delimitam uma determinada cultura se revelem mais difíceis de identificar do que, à primeira vista, poderia parecer. A consciência dessa diversidade parece até estar sendo banalizada, graças à globalização dos intercâmbios e à maior receptividade mútua das sociedades. Apesar dessa maior tomada de consciência não garantir de modo algum a preservação da diversidade cultural, contribuiu para que o tema obtivesse maior notoriedade (UNESCO, 2009, p.3).

De acordo com Santos (1994, p.19), “a diversidade não é só feita de ideias, ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais no país”. Considerou-se para compor essa categoria, o agrupamento das

coleções desenvolvidas pelo estilista Ronaldo Fraga que apresentam um diálogo da moda com as diversas maneiras de ser, estar e atuar na sociedade.

As coleções que se referem à categoria final Diversidade Cultural constituem uma representação desta multiplicidade de expressão dos indivíduos ou de grupos. Esta representação através dos desfiles pode significar a valorização e a divulgação das diversas formas de expressões culturais.

Vinte desfiles estão agrupados na categoria final Diversidade Cultural: *Em nome do Bispo, Células de Louise, A Carta, Rute Salomão, São Zé, A cobra ri: uma estória de Guimarães Rosa, A China de Ronaldo Fraga, O rio São, Tudo é risco de giz, Disneylândia de Ronaldo Fraga, Pina Bausch, O Turista Aprendiz, Athos do início ao fim, Turista Aprendiz na Terra do Grão-Pará, Ô fim do cem fim, Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera, O caderno secreto de Cândido Portinari, Fúria das sereias, ...E por falar em amor e El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias.*

Dentre eles, foram escolhidos três desfiles para análise: *Em nome do Bispo, Fúria das sereias* e *El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias*. Estes três desfiles apresentaram elementos estruturantes relevantes para serem mais discutidos nessa categoria final.

Como afirma Cuéllar (1997, p.16), “para grupos, tanto quanto para sociedades, cultura representa energia, inspiração, autonomia e capacitação, conhecimento e consciência da diversidade”. Pode-se perceber que as apresentações desses desfiles ressaltaram o potencial e a força criativa de diversas formas de criação, diversas formas de viver e se expressar no mundo. Ronaldo Fraga preocupou-se em trabalhar com pessoas e grupos marginalizados na sociedade, reconhecendo a sua legitimidade e seu direito à expressão. Nesse sentido, a diversidade cultural aponta para a equidade social, reconhecendo a diferença como legítima e necessária para a sociedade, que se referem a dimensões da sustentabilidade.

O Relatório Mundial da UNESCO (2009, p.6) considera que “a diversidade cultural, tal como a identidade cultural, estriba-se na inovação, na criatividade e na receptividade a novas influências”. É importante considerar a diversidade como diferentes modos de vida com base num processo conciliador e receptivo das diferenças. Embora deve-se considerar que com a globalização existe uma espécie de jogo de forças e que a diversidade cultural não está imune à esse jogo onde uma cultura hegemônica apresenta mais poder sobre a outra.

Dentre as considerações da Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2007)³¹ destaca-se,

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, em sua 33ª reunião, celebrada em Paris, de 03 a 21 de outubro de 2005,

Afirmado que a diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade;

Ciente de que a diversidade cultural constitui patrimônio comum da humanidade, a ser valorizado e cultivado em benefício de todos;

Sabendo que a diversidade cultural cria um mundo rico e variado que aumenta a gama de possibilidades e nutre as capacidades e valores humanos, constituindo, assim, um dos principais motores do desenvolvimento sustentável das comunidades, povos e nações;

Recordando que a diversidade cultural, ao florescer em um ambiente de democracia, tolerância, justiça social e mútuo respeito entre povos e culturas, é indispensável para a paz e a segurança no plano local, nacional e internacional;

Celebrando a importância da diversidade cultural para a plena realização dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamados na Declaração Universal dos Direitos do Homem e outros instrumentos universalmente reconhecidos;

Ciente de que a diversidade cultural se fortalece mediante a livre circulação de ideias e se nutre das trocas constantes e da interação entre culturas;

Reafirmando que a liberdade de pensamento, expressão e informação, bem como a diversidade da mídia, possibilitam o florescimento das expressões culturais nas sociedades;

Reconhecendo que a diversidade das expressões culturais, incluindo as expressões culturais tradicionais, é um fator importante, que possibilita aos indivíduos e aos povos expressarem e compartilharem com outros as suas ideias e valores (UNESCO, 2007, p.2-3, grifo do autor).

Ainda reforça-se no texto da Convenção, como a diversidade cultural deve ser compreendida em sua ambiência e importância,

"Diversidade cultural" refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a

³¹ Texto oficial ratificado pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006.

variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados (UNESCO, 2007, p.5).

Na coleção *Em nome do Bispo*, o estilista Ronaldo Fraga apresentou o artista plástico brasileiro Arthur Bispo do Rosário. Sobre a vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário, Figueiredo (2010) escreve,

Sua arte está impregnada de rotina, é a materialização de um ordinário extraordinário. O artista Arthur Bispo do Rosário foi um homem de origem humilde, natural do nordeste brasileiro, nascido nos primeiros anos do século XX. Desde muito jovem, deixou de sentir o cheiro de sua terra natal para viver sua história em outras paradas até fixar-se no Rio de Janeiro. A vida do homem simples seguia seu curso previsível até que em uma noite o céu se abriu, escolheu Bispo do Rosário e ofertou-lhe o imprevisível: o dia era 22 de dezembro de 1938. Nascia ali Arthur Bispo do Rosário, o enviado de Deus com a missão de catalogar o mundo em miniaturas e de julgar os vivos e os mortos no dia do Juízo Final, afinal ele era o Filho do homem (FIGUEIREDO, 2010 p.12).

Bispo do Rosário era portador de sofrimento mental. Sua obra corresponde ao seu universo imaginário, à sua vida cotidiana, ao seu pensar e ao seu sentir. O seu trabalho apresenta uma riqueza cultural artística relacionada ao misticismo, de certa forma até mesmo ingênua, por recriar um universo particular acreditando ser o enviado de Deus.

Ainda de acordo com Figueiredo (2010),

O dia 24 de dezembro de 1938 foi um divisor de águas psíquico para Arthur Bispo do Rosário, sua vida nunca mais voltaria a ser como antes. Para a sociedade ele acabara de entrar para uma nova categoria de excluídos, os alienados, mas para a arte nascia ali uma figura ímpar, com potencial criativo exacerbado, que dava demonstrações de domínio da consciência e que fizera do hospício sua morada. Naquele Natal, Bispo do Rosário foi encaminhado para seu novo endereço. O negro, sem documentos, presumíveis 27 anos, ganhava um registro no Hospital Nacional dos Alienados, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, com o diagnóstico de esquizofrenia paranoide. Pelos cinquenta anos que se seguiram em sua existência, passaria por manicômios até fixar moradia na Colônia Juliano Moreira [...]. Lugar onde cumpriria com afinco sua missão de catalogar o mundo para apresentar a Deus no dia do Juízo seria o encontro do Pai com o Filho, momento em que o mundo seria revisto por seu criador. Arthur Bispo

do Rosário resignou-se fazendo de sua passagem pela terra um período de espera para tal encontro, quando contemplaria o Pai face a face e lhe apresentaria sua obra, fruto de sua fé, no momento de seu Juízo Particular (FIGUEIREDO, 2010, p.20-21).

Com a apresentação desta coleção, Ronaldo Fraga olhou para um artista que produziu sua obra misticamente e simbolicamente num contexto social desprivilegiado, solitário, e que viveu à margem da sociedade. O título da coleção *Em nome do Bispo* indica que o estilista Ronaldo Fraga adentrou o universo de Bispo do Rosário e apresentou a coleção ‘em nome’ dele. Essa abordagem pode ser observada com a apresentação de alguns modelos desfilando com uma grande máscara com o rosto do estilista Ronaldo Fraga. Era como se o estilista Ronaldo Fraga estivesse representando Bispo do Rosário. Para este desfile, o estilista Ronaldo Fraga apresentou uma peça de roupa que remete a uma obra específica de Arthur Bispo do Rosário, o Manto da Apresentação (Figuras 15 e 16).

Sobre esta obra de Bispo do Rosário, Figueiredo (2010, p.99) destaca que “a peculiaridade dessa peça é ter sido confeccionada como um processo de constante registro do ato de representar o mundo em miniaturas”. De acordo com Figueiredo (2010, p.107-108), “ele tinha a garantia do encontro com o Pai, pois estava cumprindo sua missão de catalogar o mundo e o Manto da Apresentação, “abertura” entre céu e terra, mais do que uma vestimenta solene era o Centro do Mundo, espaço sagrado, local perfeito para o encontro” (Figura 17).

Figuras 15 e 16 – Desfile *Em nome do Bispo*, estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 1997.



Figuras 15 e 16. Fonte: Ronaldo Fraga (1997). Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 17 – Manto da Apresentação, obra de Arthur Bispo do Rosário.



Fonte: FIGUEIREDO (2010, p.102).

A apresentação do desfile *Em nome do Bispo* possibilitou reflexões acerca da importância de se considerar as questões culturais relacionadas à realização do ser, ao desenvolvimento humano e à qualidade de vida.

Tanto o desfile *Em nome do Bispo* (Inverno 1997) quanto o desfile *El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias* (Inverno 2017), contaram as histórias de indivíduos excluídos da sociedade. No caso do desfile *El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias*, as protagonistas foram as mulheres trans. Cabe ressaltar que o tempo entre as duas coleções é de vinte anos. Com isso, pode-se observar uma consonância e certa continuidade entre os temas abordados nas coleções que o estilista Ronaldo Fraga desenvolve e apresenta, mesmo com um distanciamento de tempo.

A apresentação do desfile *El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias* teve início com um texto declarado³² pelo estilista Ronaldo Fraga sobre a coleção³³,

[...] Aqui estamos em um lugar re-existente, que é o Teatro São Pedro. Prédio construído em 1917 e que dentre tantos marcos da dramaturgia brasileira, foi palco da estreia de *Macunaíma* de Mário de Andrade e com adaptação de Antunes Filhos, em 1973. O título da coleção que vamos desfilar agora é "El Dia que me Quieras". Ao contrário do que muita gente

³² No início da apresentação do desfile, o Teatro São Pedro, local da apresentação do desfile, estava com iluminação reduzida e o texto podia ser escutado pelo sistema de som do teatro, porém o estilista não estava visível nesse momento. Só se escutava sua voz.

³³ Transcrição de parte do vídeo “Ronaldo Fraga faz desfile-manifesto com modelos trans no SPFW 2016 – Desfile completo”.

pode pensar, não vem da célebre música de Gardel. Peguei o nome emprestado da loja que o estilista Ney Galvão abriu em Itabuna, no início dos anos 70. Um belo dia, Ney e sua irmã resolveram criar as roupas que eles queriam usar e não encontravam para comprar. A solução foi abrir uma loja, que rapidamente fez sucesso e virou ponto obrigatório para os travestis do Sul da Bahia. Essa clientela chegava a sair de cidades a um raio de mil quilômetros de distância para comprar botas, vestidos e perucas da El Dia Que Me Quieras. Nessa mesma época, Ney Galvão, filho de magistrados, vivia numa casa cuja mesa sentavam juízes, advogados, pessoas da alta sociedade, gays, lésbicas e travestis. Essa história me faz imaginar uma época mais tolerante, mais empática, diferente do que estamos vivendo hoje. O curioso foi que Ney só veio a conhecer o preconceito quando saiu de sua cidade interiorana para se mudar para a capital Salvador. O preconceito que existia e que ainda existe, mata. No Brasil, a população trans é diariamente dizimada. Segundo a ONG Trans Gender Europe, somos o país onde mais ocorrem assassinatos de travestis e transexuais em todo o mundo. Se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, ainda mais desvalorizado é o homem que se identifica com o feminino, desafiando a crença da maioria, segundo a qual a identidade de gênero é uma expressão de cromossomos e hormônios. A violência insurge contra quem não se encaixa nessa representação do senso comum. Durante toda a vida, uma pessoa trans luta para ser reconhecida por um gênero diferente daquele de nascimento. Em nossas cidades, a essas pessoas são negados os registros de nome e até o banheiro público com a qual se identificam. O mesmo acontece na escola, no trabalho e em todas as frentes sociais. Mas e o que isso tem a ver com um desfile na São Paulo Fashion Week? Bom, a moda tem o poder não só de ver com poesia em terreno árido, como também de lançar luz sobre a face da roupa e, nela, encontrar uma forma de libertação. Se aqui estamos falando do corpo como prisão do desejo, a roupa funciona como chave. Não raro, transgêneros se recordam como um momento libertador aquele em que, finalmente, usaram o primeiro vestido. Vocês verão uma coleção exclusivamente composta pelo mesmo vestido. Ela lembra o feminino de épocas glamorosas nas décadas de 20, 30 e 40. Poderiam ser roupas de boneca de papel, como aquelas que encantavam as crianças de antigamente. Mas a história desse desfile não está na roupa, está em quem as veste. Neste universo complexo de gênero, identificação, corpo e desejo, a roupa é um escape. Para todos, aliás, e sempre, a roupa deveria ser um vetor de apropriação do ser, ela é capaz de libertar como nossa memória do simples uso da primeira saia, do primeiro salto, do primeiro batom e de outros códigos que se alinham direta ou inexplicavelmente no ser. Esse ser que muita gente chama de alma.

Diante disto, pode-se afirmar que o intuito do estilista Ronaldo Fraga com a apresentação desta coleção era dar visibilidade às mulheres trans que desfilaram. Num tom de

protesto e indignação, o estilista Ronaldo Fraga iniciou o desfile com o texto transcrito acima, abordando o preconceito, a intolerância e a violência relacionada aos transexuais.

Dessa forma, com a apresentação deste desfile, o estilista considera a realidade da sociedade e ressalta questões sobre as relações sociais na contemporaneidade.

Para a apresentação deste desfile, o estilista utilizou um mesmo modelo de vestido, conforme texto que foi declarado pelo estilista no início do desfile. A forma da roupa se apresentaria de acordo com o corpo de cada uma. As peças se diferenciavam por algumas sobreposições, cores e estampas (Figura 18 e 19).

Com a apresentação deste desfile, e também do desfile *Em nome do Bispo* sobre o artista plástico Arthur Bispo do Rosário, Ronaldo Fraga abordou as formas diferenciadas de viver no mundo. Estes dois desfiles propõem uma reflexão sobre a importância da pluralidade cultural e social. E, ainda, a importância e a urgência de superar os estereótipos, eliminar a intolerância em relação àqueles que, historicamente, foram excluídos da sociedade.

Figuras 18 e 19 – Desfile El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 2017.



Figura 18. Fonte: FFW Fashion Forward (2016). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2016/10/rfra-lb-n42-002-654x983.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 19. Fonte: FFW Fashion Forward (2016). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2016/10/rfra-lb-n42-004-654x983.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

A terceira coleção que foi escolhida para análise nesta categoria final Diversidade Cultural, foi a coleção *Fúria das sereias*. A inspiração para o desenvolvimento desta coleção veio da participação e intervenção do estilista Ronaldo Fraga em um projeto social³⁴ junto a um grupo de mulheres de uma comunidade no litoral de João Pessoa/PB, a comunidade da Praia da Penha.

Em entrevista a TV Paraíba, o estilista Ronaldo Fraga falou sobre o potencial do projeto,

O restante do Brasil que me perdoe, mas a grande amálgama da cultura brasileira tá no Nordeste e o epicentro é a terra da Paraíba. Aqui cultura e gente é uma coisa só. [...] Quando eu fui convidado, muito em função de projetos que eu tinha desenvolvido na Amazônia com biojoias, com sementes, eu fui convidado para pensar alguma coisa com as escamas de peixe e na comunidade da Penha. E, naquela ocasião foi muito bacana, porque é muito raro você ver entidades e grupos de poder público e privado num alinhamento de uma gestão compartilhada, e isso aconteceu aqui. Daí já nasceu a Sereias da Penha. Imediatamente eu sentei e desenhei a marca e hoje é uma grife. Uma grife que não vende só biojoia, não só o colar, não só o brinco, mas vende o lugar, vende a cultura de um estado e um projeto que tem tudo para influenciar outros projetos do Brasil (SEREIAS DA PENHA..., 2015).

Na declaração do estilista Ronaldo Fraga, pode-se observar que a cultura local foi considerada pelo estilista para o desenvolvimento da coleção *Fúria das Sereias*. A categoria final Diversidade Cultural, na presente pesquisa, considera as diferentes formas de viver no mundo, que dão sentido à existência.

Leff (2010) apresenta uma compreensão da importância de uma nova forma de construir as relações entre sociais e produtivas,

Temos de aprender não apenas com a ciência, mas também com os saberes dos outros; aprender a ouvir o outro; aprender a nos sustentar em nossos saberes incompletos, na incerteza e no risco; mas também na pulsão de saber. [...] abrir nossa razão e sensibilidade para deixar *o ser ser*, para abrir

³⁴ O projeto é uma iniciativa entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), o Projeto João Pessoa Artesã, o Sebrae, o Governo Federal através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC)/Mulheres Mil e as artesãs da comunidade da Praia da Penha. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/paraiba-comunidade/videos/v/sereias-da-penha-estilista-ronaldo-fraga-fala-sobre-o-amor-ao-artisanato-da-pb-bloco-2/4641032/>>. Acesso em: 15 abr. 16.

as comportas do tempo para devir, para um porvir que não seja apenas a inércia dos processos desencadeados por um mundo economicizado e tecnologizado. Temos que abrir os espaços para um diálogo de seres e saberes em que nem tudo é cognoscível e pensável de antemão; aprender uma ética que permita desarmar e derrubar as cercas protetoras das identidades que assumimos a partir de nossa formação disciplinar e para evitar que as identidades culturais se convertam em campos antagônicos de batalha; para que possa surgir um mundo em que a diversidade e as diferenças convivam em harmonia (LEFF, 2010, p.184, grifo do autor).

Na construção do diálogo de seres e saberes, como ressalta o autor, e relacionando à análise do desfile *Fúria das Sereias*, considera-se que a moda pode indicar reflexões acerca da diversidade cultural como um caminho para um novo pensamento sobre a sustentabilidade. Nesse sentido, a moda pode contribuir para se pensar no desenvolvimento da autonomia das culturas locais e na equidade das relações sociais. Também permite reflexões sobre a construção de uma sociedade sustentável com enfoque em um processo justo e integrador e com a valorização do local, promovendo o respeito e dignidade de comunidades locais, o desenvolvimento, melhorando a qualidade de vida dos povos e das gerações futuras.

A palavra ‘fúria’ presente no título da coleção pode estar relacionada à exaltação da força feminina transformadora. Com a apresentação da coleção *Fúria das sereias*, além de ressaltar o trabalho manual transformador da mulher, o estilista Ronaldo Fraga aborda a questão dos estereótipos femininos ao apresentar na passarela diversas mulheres com idades e corpos diferentes.

Além do trabalho manual feminino que esta coleção contemplou no desenvolvimento e apresentação do desfile, fez-se referência à questão dos estereótipos femininos. As mulheres que estavam sentadas em pneus espalhados na passarela, estavam vestidas somente com uma peça confeccionada como uma calda de sereia, os seios estavam descobertos e seguravam um espelho. Os espelhos estavam voltados para o público que assistia ao desfile. Como se fosse para que o público pudesse se olhar e apreciar a sua própria beleza (Figuras 20 e 21).

Figuras 20 e 21 – Desfile Fúria das sereias, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2015/16.



Figura 20. Fonte: FFW Fashion Forward (2015). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2015/04/ronaldo-fraga-spfw-verao2016-2-654x983.jpg>>.

Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 21. Fonte: Terra (2015). Disponível em: <<https://moda.terra.com.br/spfw/desfiles/ronaldo-fraga-traz-sereias-de-todas-a-idades-e-seios-de->

[foira,360883f51cebc410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html](https://moda.terra.com.br/spfw/desfiles/ronaldo-fraga-traz-sereias-de-todas-a-idades-e-seios-de-foira,360883f51cebc410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html)>. Acesso em: 6 mar. 2017.

O cenário, composto por alguns pneus empilhados na passarela em cima de um plástico-bolha, chamava a atenção para a poluição ambiental e a degradação do meio ambiente. Em entrevista à TV Paraíba, o estilista Ronaldo Fraga sinalizou alguns aspectos abordados no desfile relacionado à sustentabilidade ambiental e social,

Primeiro, tenho que chamar muito a atenção quando eu fiz um pacto com elas. Não vai ter um metalzinho chinês, tudo vai ser feito à mão. _Ah, o abotoamento que a gente usa. _Esquece. Nada de produto que vem de fora. E ainda brinquei: _Isso você sabia que tem metal pesado, sabia que tem trabalho escravo por trás disso, então é isso que vocês querem colocar nos seus produtos?_ Não. E aí usamos a escama desse peixe e é uma coisa maravilhosa. É um peixe de águas profundas, o camorupim, que ele desova só nas águas doces da Paraíba e do Ceará e cuja escama parece uma madrepérola e quando as pessoas viram isso no SPFW e a imprensa internacional: mas isso é madrepérola! De longe parecia uma pérola. E todo esse trabalho também por trás da questão estética tem um fundo também da busca da sustentabilidade, com a apropriação e cuidado com o meio ambiente (SEREIAS DA PENHA..., 2015).

Nessa perspectiva, pode-se observar que o trabalho desenvolvido pelo estilista Ronaldo Fraga junto às mulheres da comunidade da Penha chama a atenção para o sentimento de pertencimento, para a preservação local e para o trabalho manual feminino. Borges (2011, p.216-217) ressalta o reflexo da relação entre o designer e o artesão, “funcionam como o que Ronaldo Fraga chama de ‘mecanismo de apropriação³⁵ cultural’ do lugar onde vivem. As mudanças atingem a família, o marido, os filhos, o grupo social, a vizinhança”.

Ainda de acordo com a autora, os produtos artesanais são poeticamente diferenciados,

Em vez da uniformidade e da padronização dos objetos industriais, são únicos, nunca idênticos. Tem a beleza da imperfeição – ou a “boniteza torta” de que falava a escritora e folclorista Cecília Meirelles. Envelhecem com dignidade, podendo permanecer ao nosso lado por toda a vida. Eles nos contam de um lugar preciso, onde foram feitos por pessoas concretas. São honestos, confiáveis. Transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar – e o uso do verbo tocar não é fortuito – o nosso coração, a nossa alma (BORGES, 2011, p.204-205).

Apesar de não tratar no presente trabalho sobre a questão do consumo de produtos locais, a coleção *Fúria das Sereias* perpassa por esta questão, como pode ser observado nas declarações do estilista Ronaldo Fraga citadas no presente estudo. Esta coleção remete ao fato de que boas condições de vida, de trabalho e o cuidado com o meio ambiente podem representar uma forma da relação entre cultura, economia e sustentabilidade.

Conforme Fernanda Martins (2011), do Mapinguari *Design*, de Belém/PA, empresa que atua em diversos projetos de identidade visual de marcas artesanais e locais e design participativo, sobre a importância da construção das marcas para o consumidor identificar a sua procedência e o valor da produção local,

³⁵ No livro *A retórica da perda*, José Reginaldo Santos Gonçalves (2002) apresenta a questão da apropriação, com embasamento e referência teórica de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloísio de Magalhães. Sobre apropriação, Gonçalves (2002, p.63-64) escreve, “apropriação como qualquer outra palavra na vida cotidiana, pode ser diferentemente usada para múltiplos propósitos: defender uma “tradição” para “civilizar” (como na narrativa de Rodrigo) ou preservar a “heterogeneidade cultural” para garantir o “desenvolvimento” (como no caso da narrativa de Aloísio). Nesse processo, o que é apropriado, quem se apropria e com quais propósitos são questões que trazem diferentes respostas”.

Produtos manufaturados ligados a comunidades tradicionais tendem a ser pouco valorizados na origem, porque elas não possuem as ferramentas para explicitar os valores que vêm imbuídos neles, sua origem ou qualidade. Quando bem desenvolvidos, a marca e demais produtos gráficos associados a ela são ferramentas poderosas de comunicação. Elas possibilitam que o público consumidor compreenda melhor uma realidade distante, ajudam a criar uma ligação entre ambos (MARTINS apud BORGES, 2011, p.119).

De acordo com Borges (2011, p.119), “num momento em que crescem o consumo consciente e a condenação a práticas de exploração de trabalhadores em países como a China, todas as ações servem como um atestado de procedência, ajudando o produto a se destacar dos concorrentes”.

Como apresenta o Relatório Mundial da UNESCO,

Os fatores culturais têm um papel determinante nos comportamentos consumistas, em valores relativos à gestão de recursos ambientais e nas interações com a natureza. Há muito para aprender no que tange à gestão de recursos ambientais, a partir do saber e dos conhecimentos das povoações locais, rurais ou indígenas, particularmente em termos de estratégias polivalentes de apropriação, de produção em pequena escala, pouco excedentária e pouco consumidora de energia, ou de abordagens conservadoras da terra e dos recursos naturais, que evitam o desperdício e o esgotamento de recursos (UNESCO, 2009, p.26).

Estes princípios citados no relatório da UNESCO foram vigentes no desenvolvimento e apresentação da coleção *Fúria das Sereias*. Ronaldo Fraga declarou em entrevista à TV Paraíba, “eu costumo dizer que a mudança, a força da transformação do Brasil não está nas mãos masculinas, está nas mãos femininas. É a mulher que transforma”.

Cabe ressaltar que um dos principais vetores da diversidade cultural que consta no Relatório Mundial da UNESCO (2009, p.17) trata-se da perspectiva da diversidade cultural estar relacionada à educação, “os princípios funcionais da UNESCO baseiam-se na convicção de que a educação é essencial para combater a ignorância e a desconfiança que provocam os conflitos humanos”. Ainda de acordo com o Relatório (2009, p.15), “em sociedades multiculturais cada vez mais complexas, a educação deve auxiliar-nos a adquirir as competências interculturais que nos permitam conviver *com* as nossas diferenças culturais e não *apesar* delas” (grifo do autor). Como completa Cuéllar (1997, p.212), “deve-se reconhecer que a educação em todas as suas formas é desenvolvimento humano”.

Na perspectiva da diversidade cultural considerando o processo da globalização, por exemplo, como um processo que está relacionado à dissolução de fronteiras culturais, observa-se que uma melhor compreensão, entendimento, educação, sensibilização e tolerância sobre como a diversidade pode auxiliar a não acentuar os conflitos sociais.

Ortiz (1999) chama a atenção para o discurso da diversidade relacionado à dissolução de fronteiras sociais e culturais. Segundo o autor,

É importante compreender os momentos em que o discurso sobre a diversidade oculta questões como a da desigualdade. Sobretudo quando nos movemos num universo no qual a assimetria entre países, classes sociais e etnias é insofismável. A imagem de que o mundo seria “multicultural”, constituído por um conjunto de “vozes” (muito empregada pelos organismos internacionais tipo UNESCO), é insatisfatória. O lema da “unidade na diversidade” (hoje comum entre aqueles que falam da Comunidade Europeia) pode ser um lenitivo quando enfrentamos problemas para os quais não temos ainda respostas, mas sua validade sociológica é altamente duvidosa (ORTIZ, 1999, p.85).

De acordo com a contribuição do autor, pode-se considerar que a “unidade na diversidade” não garante a coesão social. Esta consideração faz re(pensar) sobre a importância de uma perspectiva de desenvolvimento que atue na sensibilização da sociedade para o respeito às diferenças, por meio da educação e de políticas públicas. Nesse sentido, a moda de Ronaldo Fraga coloca em evidência e mesmo se propõe a causar um desconforto no público questionando padrões estéticos pré-estabelecidos, preconceitos, violências. Indica, dessa forma, a beleza e a riqueza da diversidade e nos leva a imaginar uma sociedade em que a manutenção da diversidade cultural e diversidade biológica sejam de fato uma realidade.

4.2.3 Globalização

No artigo Globalização: notas sobre um debate, Renato Ortiz (2009) considera diversas formas de pensar a globalização, dentre elas ressalta-se,

Creio que a globalização pode ser caracterizada como um processo social que define uma nova situação. Ele vem marcado por um conjunto de condições e contradições. Um processo não é nunca homogêneo, tampouco harmonioso, isento de conflitos, nele se inserem interesses e instituições (ORTIZ, 2009, p.248).

De acordo com Ortiz (2009), outro aspecto da globalização remete à noção de espaço,

As oposições local/nacional, nacional/global, local/global, ancoravam-se na existência de polos antagônicos. Do ponto de vista da nação ou da região, a globalização seria algo exterior às suas fronteiras. Entretanto, ao dizer que as partes são atravessadas e redimensionadas pelo seu fluxo, essas antinomias se rompem. O cotidiano não se limita à esfera do local, ele é o pressuposto para a existência de qualquer cultura (ORTIZ, 2009, p.249).

O fenômeno da globalização pode ser considerado um fenômeno mundial e irreversível, com características de integração entre diversas culturas, e, ainda, pode-se considerar a sua complexidade no que se refere a questões culturais no tempo e no espaço.

Giddens (1991) contribui para as questões relacionadas a tempo-espaço no que trata da globalização,

A globalização pode ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelam (GIDDENS, 1991, p.76).

Nessa perspectiva, as três coleções analisadas e que foram consideradas para maior detalhamento no presente capítulo serão apresentadas através dos elementos estruturantes identificados, acerca das considerações que tratam sobre:

- a) A relação entre o global e o local;
- b) A abordagem sobre multiculturalismo;
- c) A forma como as diversas culturas estão inseridas no nosso cotidiano e interagem entre si.

São três as coleções que se enquadram na categoria final Globalização e que serão abordadas no presente capítulo: *O império do falso na bacia das almas*, *A China de Ronaldo Fraga* e *Disneylândia de Ronaldo Fraga*.

No desenvolvimento e na concepção destas coleções foram abordados alguns territórios específicos: *O império do falso na bacia das almas* abordou Taiwan, Paraguai e a Rua 25 de março, em São Paulo/SP; *A China de Ronaldo Fraga*, a China, e *Disneylândia de Ronaldo Fraga*, a América Latina e a Disneylândia.

Para o desfile *O império do falso na bacia das almas*, o estilista Ronaldo Fraga utilizou as revistas de moda como uma referência a uma das formas como as grifes renomadas chegam até o comércio popular. Para ilustrar esta referência, os modelos usaram um tipo de adereço na cabeça com as capas das revistas (Figura 22).

Revistas de moda é um dos veículos de comunicação que apresentam as tendências das cores, estampas e modelagens das roupas das estações do ano. Algumas revistas trazem informações e imagens das marcas de grifes renomadas que são consideradas referências de luxo e exclusividade (Figura 23).

De acordo com Crane (2011, p.255), “no passado a palavra “moda” era utilizada de modo abrangente como referência a mudanças que ocorriam nos estilos de vestuário”. Nos últimos vinte anos, aproximadamente, foi aos poucos substituída pelo termo “tendências”. Ainda de acordo com a autora (2011, p. 257), “muitas tendências da moda surgem fora da indústria da moda, a partir de diversas formas da cultura popular, como o cinema, a música, a televisão e a cultura de celebridades”.

Figuras 22 e 23 – Desfile *O império do falso na bacia das almas*, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 1997/98.



Figura 22. Fonte: Ronaldo Fraga (1997). Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 23. Fonte: Ronaldo Fraga (1997). Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 mar.2017.

Sobre o desfile *O império do falso na bacia das almas*, Garcia (2007) escreveu,

Na coleção *O império do falso na bacia das almas*, verão 1997/98, há uma bolsa retangular de náilon, com o formato daquela usada como uniforme por aeromoças da extinta companhia aérea Pan Am. Naquela temporada, a bolsa havia sido resgatada por mulheres da alta sociedade e disseminada como tendência pelo *streetwear*. Nesse modelo comum ele aplica uma estampa frontal com a palavra “Fraga”, evidenciando o trocadilho com certa grife italiana de respeito. Marcas como Prada estão carregadas de valores como exclusividade, refinamento, personalização – síntese da ideia dominante de luxo. Quando seus produtos, ou apenas sua logomarca, são apropriados e reproduzidos, tais valores desgastam-se e automaticamente entram em escala reducionista para os consumidores da grife, que migram para outra linha capaz de controlar a oferta do produto no mercado, de modo a manter sua raridade. Ao parodiar a réplica e a devoração das ideias alheias pelo mercado informal, o estilista desprestigia o conceito de luxo assumido pelas grifes preponderantes, visto que o alto preço e a escassez podem ser facilmente derrubados pela proliferação das cópias. Ao mesmo tempo, ao fazer pensar, indica que a uniformização não prioriza uma ou outra classe social, já que uma celebridade com a bolsa do momento pode estar tão uniformizada quanto um *office boy* com sua sacola de correspondências (GARCIA, 2007, p.78-79).

Pode-se considerar que a palavra ‘império’ no título da coleção faz-se uma referência à questão da exclusividade das marcas, como escreve Garcia (2007), “como Prada carregadas de valores de exclusividade, refinamento e sofisticação”, o império da moda. Em contrapartida, a expressão “império do falso”, pode referir-se ao império das cópias e das falsificações das grifes de moda, que é feito pelo comércio popular. Esta dinâmica do mercado informal é o que pode caracterizar “o desprestígio do conceito de luxo assumido pelas grifes”, como destaca Garcia (2007). O comércio popular de Taiwan, do Paraguai e da Rua 25 de março, em São Paulo/SP comercializa a preços populares e com qualidade inferior, a cópia falsificada do que a grife refinada e sofisticada faz e pode ser visto nas revistas especializadas em moda.

A *China de Ronaldo Fraga* e a *Disneylândia de Ronaldo Fraga* foram coleções que apresentaram questões acerca do multiculturalismo, do global e do local. O cenário do desfile *A China de Ronaldo Fraga* representou um refeitório de uma fábrica chinesa. A extensão da passarela por onde os modelos desfilaram era como se fosse uma grande mesa do refeitório. Homens e mulheres, com traços orientais, estavam sentados em almofadas no chão em torno

da extensão da passarela e todos estavam com uma caixinha de comida chinesa. Estas pessoas representavam os operários no horário da refeição. Estes “operários” estavam uniformizados com calças, jaquetas e bonés azuis. Na parte de trás das jaquetas estavam estampadas as logomarcas³⁶ de algumas empresas, com expressiva representação no mercado globalizado, tais como a *Nike, Microsoft, Volkswagen, Adidas, Puma*, entre outras (Figura 24).

A referência a estas empresas também pode tratar do debate que envolve algumas marcas que utilizam mão de obra escrava para a sua produção. Por diversas vezes há divulgação de denúncias sobre o trabalho escravo e sobre exploração infantil relacionado às algumas marcas de moda.

Sobre a moda enquanto produto, Berlim (2012) escreve,

Ao falar de moda, estamos nos referindo a um processo que vai da produção e plantio de sementes para a obtenção da matéria-prima dos substratos têxteis até a milhões de trabalhadores e suas variadas funções em diversos países do mundo – de lavradores a *top-models* (BERLIM, 2012, p.26).

Sobre a importância das questões teóricas, discursivas e urgentes sobre os impactos sociais na moda, Berlim (2012) discorre,

Com uma frequência maior do que se pode imaginar, encontram-se emigrantes trabalhando em porões, contêineres e prédios cujas condições de segurança e higiene são altamente comprometidas; onde trabalhadores, crianças e especialmente jovens mulheres trabalham mais de doze horas por dia; onde leis trabalhistas não são cumpridas; onde a dignidade humana é atropelada pelo abuso exercido pelos donos de confecções, que se valem da extrema pobreza de algumas comunidades e seus indivíduos para obter uma maior e mais rápida produção. Onde, enfim, o trabalhador não tem direitos. Todas essas práticas configuram **a forma moderna de escravidão** [...]. A forma moderna de escravidão é chamada de **trabalho forçado**, de acordo com a Associação Mundial contra o Trabalho Escravo (*Anti-Slavery International*). [...] O panorama do trabalho em subcondições no Brasil é dramático. Embora ainda não figuremos nas pesquisas, vem crescendo a localização de pequenas e médias confecções movidas por trabalhadores emigrantes (colombianos, chilenos e até chineses) trabalhando em

³⁶ Marca é um nome, termo, sinal, símbolo ou desenho que serve para identificação dos produtos ou linha de produtos. A parte que pode ser pronunciada é chamada marca nominal. O logotipo é uma representação gráfica que tenha algum relacionamento com a empresa (logomarca) (LAS CASAS, 2009, p.192).

subcondições e sem nenhum contrato legal de trabalho (BERLIM, 2012, p.29-30, grifo do autor).

Diante deste cenário, observa-se a importância de repensar sobre as formas de atuação da moda e o diálogo necessário da moda com a sustentabilidade social. A dimensão social da sustentabilidade, de acordo com Nascimento (2012) implica em,

Uma sociedade sustentável supõe que todos os cidadãos tenham o mínimo necessário para uma vida digna e que ninguém absorva bens, recursos naturais e energéticos que sejam prejudiciais a outros. Isso significa erradicar a pobreza e definir o padrão de desigualdade aceitável, delimitando limites mínimos e máximos de acesso a bens materiais (NASCIMENTO, 2012, p.56).

A moda é um mercado economicamente representativo. Diante disso, a sustentabilidade social se torna um desafio. Foladori (2002) chama a atenção para os limites da sustentabilidade social em decorrência do capitalismo. O autor analisa e apresenta o desenvolvimento da noção da sustentabilidade social nas últimas três décadas e conclui,

Chegamos à conclusão de que, embora tenha-se avançado no que diz respeito à sustentabilidade social, tanto nas políticas de desenvolvimento quanto na discussão acadêmica, existem certas barreiras, colocadas pela própria lógica do funcionamento do sistema capitalista, que limitam a viabilidade da sustentabilidade social (FOLADORI, 2002, p.104).

Cabe ressaltar que o estilista Ronaldo Fraga com o desenvolvimento e apresentações das coleções, como por exemplo, as coleções que compõem a categoria final Globalização, o estilista faz referências à necessidade de alinhar o pensamento da moda com as questões da contemporaneidade. Questões que abarcam a noção da globalização e do capitalismo, como por exemplo, a produção de grande quantidade de peças de vestuário, processo que pode demandar mão de obra barata, geração de resíduos sólidos e uso de produtos tóxicos.

No *release*³⁷ da coleção, o estilista Ronaldo Fraga indica como a China está presente no nosso cotidiano,

³⁷ *Release* e Ficha Técnica do desfile *A China de Ronaldo Fraga*, disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Voltando de lá, trouxe comigo algo vasto, grande, complexo e disforme. E que mesmo com estas características, não pesou um grama na balança do aeroporto. Era o próprio planeta China que entrou em mim e não saiu mais. Como tudo que vi e vivi, essa sensação me pareceu um contrassenso, visto que há muito tempo este país já estava entranhado na nossa vida. Sem muito esforço, ele está vivo na cozinha de casa, nos brinquedos das crianças, no vestido de seda da minha tia e até em costumes prosaicos como o ato de jogar arroz nos noivos da saída do casamento, fogos de artifício no réveillon e até na origem da saudação “um cheiro”, muito comum no nordeste brasileiro. Isto só para citar algumas heranças de uma lista quilométrica sem fim. Entretanto a sensação de um desconfortável “sem lugar” prevalece na nossa relação com este monstro-de-mil-tentáculos, que tem se revelado muito mais que o novo império do século 21. “Ele” é a síntese do mundo moderno uma época de cultura abaixo, poluição acima, escravidão ainda, números e muitos IPODS, IFODS, XI FODS. É também assim, que a China se faz pulsante da Noruega ao Congo, de Colatina a Campina Grande. Mergulhar em uma onda de chinofobia não é a saída. Acredito que foi tirada a “tampa do formigueiro” e a humanidade está louca correndo de lá pra cá em círculos, inclusive os próprios chineses. Um bando de alfinetes se espetando para sobreviver. Mas uma coleção de roupas ou um desfile de moda pode mudar o mundo? Parafraseando Mário Quintana, moda não muda o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. A moda só muda as pessoas. E por questão de sobrevivência da espécie, acredito que a única saída é pelo estreito caminho da humanização. Humanizar todos os processos da criação, produção à venda. Em verdade, o mundo acabou, o futuro é negro, o síndico foi para Plutão e temos muita roupa para lavar.

Destacam-se dois pontos relevantes no *release* da coleção *A China de Ronaldo Fraga*. Um ponto trata-se de uma característica da sociedade globalizada: as fronteiras se misturam. Como por exemplo, os produtos que podemos consumir no Brasil e que são fabricados na China são os mesmos produtos que podem ser consumidos no Congo.

Outro ponto relevante no *release* refere-se à importância do ‘caminho da humanização’. Visto que, como os produtos são fabricados em série e em quantidades significativas, pode ser identificado no processo de fabricação dos produtos, o trabalho escravo, como citado acima. Esta produção em quantidade significativa também pode representar excesso de produtos disponíveis no mercado e conseqüentemente, um volume considerável de produtos descartados. Como mencionado no *release*, ‘humanizar todos os processos da criação, produção, à venda’. A indústria da moda está na contramão dessa perspectiva de humanização, já que, questões como mão de obra escrava, o uso de produtos químicos, descarte de produtos no meio ambiente são questões que caracterizam a produção

de moda industrializada. As análises dos desfiles do estilista Ronaldo Fraga mostram a importância de se construir discursos e ações dentro do que é possível. Não tem como desconsiderar o sistema capitalista e os limites da sociedade. No entanto, deve ser considerado que o trabalho do estilista Ronaldo Fraga pode levar ao questionamento do modelo de sociedade. E ainda, as reflexões acerca do trabalho do estilista apontam possibilidades de se pensar a sustentabilidade na moda, como por exemplo, o trabalho do estilista desenvolvido com culturas locais.

O trabalho apresentado pelo estilista no desfile *A China de Ronaldo Fraga* possibilitou referências com o sistema capitalista, com os impactos sociais e ambientais na indústria da moda e ainda, reflexões sobre local e global. Além de abordar a modernização da China, Ronaldo Fraga também apresentou a cultura milenar do país que mesmo tão distante, pode ser considerado tão familiar (Figuras 25 e 26).

De um lado, a coleção fala do trabalho escravo, dos maus-tratos aos animais, da poluição e da produção em série. De outro, mostra a rica tradição chinesa que influenciou costumes no mundo todo. Um trabalho rico em estampa, sobre tingimentos, modelagens e volumes, inspirados nos trajes da China imperial e nos uniformes comunistas (QUEIROZ; BOTELHO, 2007, p.114).

Figura 24 – Desfile A China de Ronaldo Fraga, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 2007.



Figura 24. Fonte: FFW Fashion Forward (2007). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2007/01/84866-rfra-d-fm-i07-067-654x434.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figuras 25 e 26 – Desfile A China de Ronaldo Fraga, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 2007.



Figura 25. Fonte: FFW Fashion Foorwrđ (2007). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2007/01/167107-desfiles-ronaldofraga-saopauloinverno2007rtw-117.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 26. Fonte: FFW Fashion Foorwrđ (2007). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2007/01/167122-desfiles-ronaldofraga-saopauloinverno2007rtw-132.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

O desfile da coleção *Disneylândia de Ronaldo Fraga* abordou como as fronteiras entre os países estão se tornando imprecisas, e, pontuou questões sobre aproximação e distanciamento das culturas. Para contextualizar esta abordagem, o estilista considerou os seguintes territórios: a América Latina e a Disneylândia.

No *release*³⁸ da coleção *Disneylândia de Ronaldo Fraga*, o estilista relaciona alguns aspectos locais através da cultura, da música, da arte, da tradição. Pode-se observar que o estilista Ronaldo Fraga considerou estes aspectos como facilitador na aproximação entre as pessoas de diversos países,

Meus olhos se derretem pelas festas mexicanas, pelo artesanato têxtil colombiano, pela emoção do cinema argentino, pelos confetes e serpentinas do carnaval de Olinda, pelas letras de Borges, Drummond, Garcia Marquez, Cortázar... frentes de resistência cultural em um mundo movediço e sem fronteiras. Tempos de superficialidades, como é superficial a relação de nós

³⁸ Parte do *release* da coleção *Disneylândia de Ronaldo Fraga*. *Release* completo disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

brasileiros com o vizinho de porta (Dona América Latina) que mal cumprimentamos no encontro diário no elevador. Aqui, nesta coleção, ensaio uma troca de xícaras de açúcar com um vizinho que não fala a minha língua, mas que conversamos através da música, do universo gráfico, do desconforto político e religioso e na sensação de um lugar possível no mundo contemporâneo.

Com a globalização, as culturas se interpenetram. A apresentação do desfile *Disneylândia de Ronaldo Fraga* pode levar a uma reflexão sobre como as culturas podem se aproximar, sem deixar de reconhecer e valorizar o conhecimento local. Mas, o desfile também faz referências sobre como a interação com outras culturas pode descaracterizar a cultura local quando uma cultura sobrepõe à cultura local.

Giddens (1991) apresenta uma perspectiva otimista sobre a interação entre as culturas,

A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto da extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. [...] Ao mesmo tempo em que as relações sociais se tornam lateralmente esticadas e como parte do mesmo processo, vemos o fortalecimento de pressões para autonomia local e identidade cultural regional (GIDDENS, 1991, p.76-77).

Na apresentação do desfile *Disneylândia de Ronaldo Fraga*, a referência sobre a extensão das conexões com as culturas e a sobreposição de cultura pode ser observada no final da apresentação do desfile. Para finalizar a apresentação desta coleção, os modelos voltaram à passarela enrolados em bandeiras de diversos países. As bandeiras tinham desenhos dos personagens da Disneylândia. Esta performance pode conduzir a ideia da cultura de um país sobrepondo e interferindo na outra. (Figura 27).

Figura 27 – Desfile Disneylândia Ronaldo Fraga, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2009/10.



Figura 27. Fonte: Desfile Ronaldo Fraga verão 2010 SPFW. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bw81M_QgEc8>. Acesso em: 6 mar. 2017.

O desfile contemplou também a representação da saga dos imigrantes que tentam atravessar a fronteira do México para irem à busca de trabalho e oportunidades no EUA. São histórias reais e cotidianas. A fronteira dos Estados Unidos com o México é o ponto que imigrantes ilegais tentam entrar nos Estados Unidos. Para tanto, o cenário, composto por estruturas de madeiras com diversas portas abertas, dava a impressão de casas abandonadas. Os modelos desfilaram circulando por entre essa estrutura de madeira. A apresentação do desfile *Disneylândia de Ronaldo Fraga* “contou” esta história estabelecendo uma relação entre o sonho dos imigrantes e a fantasia que representa o parque temático da Disneylândia, localizado na Califórnia, nos Estados Unidos. As referências a esse mundo de fantasia estão presentes, com seus símbolos e personagens, na cultura de outros países. Segundo Ortiz apud Carvalho (1997, p.181), “a humanidade se reconhece na Disneyworld, por ser esse já não um lugar de símbolos norte-americanos, mas mundiais”.

A coleção *Disneylândia de Ronaldo Fraga* abordou através dos elementos imagéticos e simbólicos a busca por um sonho em um território americano. Como por exemplo, o colar com mini passaportes e os sapatos em forma de marmita. Elementos que remetem a travessia (passaporte) e as condições precárias de trabalho e de vida que os imigrantes podem encontrar em outro país (sapatos no formato de marmita). E ainda, para a caracterização do desfile, o penteado de alguns modelos era uma espécie de dois coques grandes no alto da cabeça, uma

alusão às orelhas do Mickey³⁹. Outros modelos desfilaram com uma pequena trouxa de roupa na cabeça, retratando os imigrantes que deixam o seu país e atravessam a fronteira carregando seus pertences. E ainda, tinha como acessório, uma bolsa dourada com o símbolo cifrão⁴⁰, uma alusão ao dinheiro que podem ganhar buscando viver e trabalhar em um país rico (Figuras 28 e 29).

Figuras 28 e 29 – Desfile Disneylândia Ronaldo Fraga, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2009/10.



Figura 28. Fonte: FFW Fashion Forward (2009). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2009/06/4360-rfra-v10-036.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 29. Fonte: FFW Fashion Forward (2009). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2009/06/4300-rfra-v10-016.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Como foi mencionado no *release*, o desfile também apresentou os territórios: roupas com elementos do artesanato colombiano, as caveiras e as bandeirinhas coloridas mexicanas, as rendas e os paetês coloridos do carnaval de Olinda, colares com vários “mini passaportes” sugerindo as viagens por diversas culturas. E nesse sentido, sugere a materialização das culturais locais. De acordo com Kopytoff (2008),

Do ponto de vista cultural, a produção de mercadorias é também um processo cognitivo e cultural: as mercadorias devem ser não apenas

³⁹ Mickey é um personagem de desenho animado criado em 1928 por Walt Disney (o personagem Mickey Mouse é um rato).

⁴⁰ É o nome que se dá ao sinal (\$), representando atualmente valor, dinheiro. (BUENO, 2010, p.105).

produzidas materialmente como coisas, mas também culturalmente sinalizadas como um determinado tipo de coisas (KOPYTOFF, 2008, p.89).

Ainda de acordo com o autor (2008, p.100), “a cultura assegura que algumas coisas permaneçam inconfundivelmente singulares, e resiste à mercantilização de outras coisas. Por vezes, ela re-singulariza o que foi mercantilizado”.

Esta singularização é a afirmação simbólica da cultura local. E, como se pode observar com a abordagem dos elementos estruturantes do desfile *Disneylândia de Ronaldo Fraga*, este simbolismo por vezes pode ser ameaçado com a sobreposição da cultura local pela cultura global.

Um dos principais efeitos da globalização é a fragilização do vínculo entre um fenómeno cultural e a sua situação geográfica, ao permitir transportar até a nossa proximidade imediata influências, experiências e acontecimentos que na realidade se encontram distantes. Em alguns casos essa fragilização do vínculo com o lugar é considerada como fonte de oportunidades, enquanto em outros se vê como uma perda de rigor e identidade (UNESCO, 2009, p.6).

A receptividade a outras culturas não deve ser considerada como uma ameaça à cultura local. Até mesmo porque, a globalização é um fenómeno que promove a aproximação das culturas, e com isso, contribui para diminuir as diferenças. Mas o cuidado com a descaracterização da identidade cultural, que a globalização pode acarretar, é que não deve ser negligenciado.

De acordo com Santos (2002),

A globalização é a escala que nos últimos vinte anos adquiriu uma importância sem precedentes nos mais diversos campos sociais. Trata-se da escala que privilegia as entidades ou realidades que alargam o seu âmbito a todo o globo e que, ao fazê-lo, adquirem a prerrogativa de designar entidades ou realidades rivais como locais (SANTOS, 2002, p.14).

Propondo uma nova forma de pensar, que o autor chama de razão cosmopolita, Santos (2002), critica o modelo de racionalidade ocidental, o de uma razão indolente. O autor considera que o modelo da razão indolente não valoriza o multiculturalismo, o conhecimento, os saberes. Santos (2002, p.239) acredita que hoje em dia “sofremos um gigantesco desperdício de experiências”. O autor chama a globalização de escala dominante.

Numa perspectiva de sustentabilidade é importante considerar a valorização local para o processo global. A cultura local é fonte de valores, conhecimentos, saberes e fazeres.

4.2.4 Identidade Cultural

A categoria final Identidade Cultural trata da relação entre o indivíduo e a sociedade. Sobre as diversas formas do indivíduo se relacionar com a sociedade.

Vinte desfiles fazem parte desta categoria: *Eu amo coração de galinha, O Jantar, Vendedor de milagres, A Roupa, Corpo Cru, Cordeiro de Deus, As viagens de Gulliver, Costela de Adão, Quantas noites não durmo, A cobra ri: uma estória de Guimarães Rosa, A China de Ronaldo Fraga, Disneylândia de Ronaldo Fraga, O Turista Aprendiz, Turista Aprendiz na terra do Grão-Pará, Ô fim do cem fim, Carnesecca ou Um Turista Aprendiz em terra áspera, Terra sonâmbula, Fúria das sereias, Re-existência e El dia que me quieras: Uma música, Um vestido, Muitas estórias.*

Serão abordados ao longo do presente capítulo quatro desfiles: *Vendedor de milagres, A Roupa, Cordeiro de Deus, Re-existência e El Dia que Me Quieras: Uma Música, Um Vestido, Muitas Estórias.*

Hall (2001) apresenta a concepção de identidade,

A identidade, na concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-se “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2001, p.11-12).

Segundo Hall (2001, p.8), “as identidades culturais são aspectos de nossa identidade que surgem de nosso “pertencimento”, culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Estes aspectos podem ser observados nas análises dos desfiles do estilista Ronaldo Fraga que compõem esta categoria final e que serão abordados no presente estudo. Estes desfiles apresentaram elementos estruturantes que abordaram o sujeito no seu mundo pessoal o no mundo público, como pode ser visto no decorrer do capítulo.

Os desfiles *Vendedor de milagres* e *A Roupa* apresentaram questões relacionadas ao significado da roupa para o indivíduo e/ou para a sociedade. Estes desfiles trataram da roupa

como um artefato que pode de alguma forma, posicionar o indivíduo na sociedade. Através do vestuário os indivíduos podem ter uma identificação, podem ser aceitos e se sentirem pertencente a um determinado grupo, se diferenciarem, ou ainda, lhes garantir uma personalidade.

Conforme Hall (2001, p. 39, grifo do autor), “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”. Sendo assim, a representação social que a roupa pode dar ao indivíduo pode ser considerada um processo de construção de auto identificação.

O desfile *Vendedor de milagres* permitiu uma reflexão sobre a função da roupa como uma possibilidade de assegurar que todas as pessoas tenham um padrão estético “ideal”. No título da coleção observa-se uma referência a quem faz a moda como um ‘vendedor de milagre’ de algo que considera quase impossível de ser obtido. O padrão estético ideal é anunciado pelas revistas de moda, pela mídia, pelos desfiles, pelas roupas perfeitas nos corpos perfeitos dos modelos, e então, este padrão estético “ideal” passa a ser idealizado por diversas pessoas, com tipos físicos diferenciados e diferentes modos de vida.

Na apresentação desta coleção, a moda representou o meio para a realização do milagre de se conseguir o padrão estético de beleza idealizado. De acordo com o Catálogo verão 98/99 da coleção *Vendedor de milagres*,

Esta coleção fala basicamente de fé. A fé que as pessoas depositam nas salas de ex-votos⁴¹ - ou salas de promessas - lugar onde clamam pelo milagre da perna quebrada, pelo braço torto, pela criança que sobreviveu ao nascimento, por casamento, pela gravidez, pelo fim da seca, pela doença incurável, pela graça concedida por Deus... E fala também da fé das pessoas na moda, que, de uma forma ou de outra, promete um corpo mais esbelto e sedutor, a bunda que você não tem, um peito em pé, pernas esguias e longas e, principalmente, o milagre mais fantástico, que é te transformar na pessoa que você pensa que não é.

Portanto, a palavra “milagre” presente no título da coleção pode ser considerada uma analogia entre a moda que pode ser uma forma de “corrigir/curar” o corpo, e a fé que as pessoas têm na cura de uma doença ou na resolução de problemas. Para sinalizar o corpo que

⁴¹ Lembrança, oferta que se deixa num santuário, como agradecimento por determinada graça recebida, tais como retratos, pés, mãos de cera, etc. (BUENO, 2010, p.206).

precisa de um milagre, os modelos se apresentaram com a cabeça, as pernas e os braços enfaixados (Figuras 30 e 31). Os modelos desfilaram com matracas⁴² nas mãos, símbolo de religiosidade.

Figuras 30 e 31 – Desfile Vendedor de milagres, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 1998/99.



Figura 30. Fonte: Ronaldo Fraga (1998). Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 31. Fonte: Ronaldo Fraga (1998). Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Os elementos estruturantes identificados nas coleções *Vendedor de milagres* e *A Roupas* permitiram reflexões sobre a atribuição do papel social da moda e a roupa como um artefato para uma representação social. Nestas duas coleções pode-se considerar também a abordagem sobre a passividade do espectador⁴³ diante da mensagem que recebe da moda, aceitando um modelo instituído pela moda, como sendo um modelo de beleza ideal.

⁴² Instrumento formado por duas tábuas que se batem umas e outras, produzindo rumor (BUENO, 2010, p.346). “A matraca tem um lado lúgubre, triste, sendo mais usada, inclusive, na procissão do enterro de Jesus Cristo”, destaca o Padre José Geraldo Sobreira, da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Belo Horizonte/MG. MAGIOLI, Ailton, Procura-se matraqueiro para manter a tradição viva em Minas. *EM*, 13 de março de 2013. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/03/13/interna_gerais,356539/procura-se-matraqueiro-para-manter-tradicao-viva-em-minas.shtml>. Acesso em: 7 jan. 2016.

⁴³ A palavra espectador no presente texto vem definir as pessoas e/ou o público, de uma maneira geral, que assiste e acompanha desfiles de moda ou que de alguma forma, considera a moda uma referência para se vestir. A palavra espectador no dicionário (BUENO, 2010, p.204), “pessoa que

Na coleção *A Roupa*, os modelos desfilaram com um tecido branco na cabeça que pode ser associado a um chapéu de cozinheiro ou a uma touca de dormir. A cozinha é um local de trabalho onde todos trabalham uniformizados, não há diferenciação, a não ser por uma questão de hierarquia. Nesse sentido, relacionando à apresentação do desfile, pode-se considerar que a busca pela estética ideal pode se tornar um processo de padronização. E quanto à touca de dormir, pode ser associado ao papel social da roupa. Tem roupa para cada ocasião, até para dormir (Figura 32).

Sobre o aspecto de ser para cada ocasião, o *release*⁴⁴ da coleção apresenta: “Roupa para comer, roupa para dormir, roupa para viajar, roupa para morrer e até roupa para vestir. A roupa como estandarte para emoldurar um monte de coisas”.

De acordo com Miller (2013, p. 22-23), “as roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser”. Neste sentido, vale ressaltar a frase presente no *release* “um monte de coisas” que pode ser associada à roupa como sendo um meio de enquadrar e ajustar o que é preciso para atingir o padrão ideal de beleza instituído pela moda. Pode se referir também à variedade de informações e de artefatos materiais disponíveis para atingir este padrão. Ou ainda pode relacionar “a um monte de coisas” que foram mencionadas no presente capítulo, que se referem às questões como: identidade pessoal, à diferenciação e à passividade.

espera por alguma coisa”, “que está na expectativa de”. Poderia ter optado, sem nenhum comprometimento para o texto, a palavra “espectador”, que no mesmo dicionário significa “pessoa que assiste a um espetáculo” (BUENO, 2010, p.191). Pode acontecer, em algumas citações, a palavra utilizada pelos autores ser plateia.

⁴⁴ *Release* disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

Figuras 32 e 33 – Desfile A Roupa, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 1999.



Figura 32. Fonte: Ronaldo Fraga (1999). Disponível em:

<<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 33. Fonte: Ronaldo Fraga (1999). Disponível em:

<<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Sobre os carneiros bordados, Aguiar (2014) colabora,

Um exemplo que pode ser utilizado para elucidar a questão são alguns ditados populares, utilizados como clichês designativos de formas de ação humana. Um deles, em especial, pode ser representativo para o contexto desta coleção: “Lobo em pele de carneiro”. Ligando-se à moda, o clichê propõe uma possibilidade de que a indumentária pode camuflar quem realmente se é, representando os sistemas emblemáticos de identificação (AGUIAR, 2014, p.247).

Ainda de acordo com a autora,

O carneiro também pode representar a moda que muitos seguem sem questionar. O carneiro segue o seu pastor⁴⁵, assim como algumas pessoas seguem à risca as tendências de moda, tornando-se “vítimas” dela, o que faz lembrar o ditado popular “Maria vai com as outras” e o livro infantil⁴⁶ com o mesmo título que remete a esse contexto: o de falta de personalidade (AGUIAR, 2014, p.248).

⁴⁵ Aguiar (2014) faz referência a um capítulo da Bíblia (2004, p.1399): O bom pastor, em João 10, 27: “As minhas ovelhas ouvem minha voz, eu as conheço e elas me seguem”.

⁴⁶ A autora refere-se ao livro infantil “Maria vai com as outras” da autora Sylvia Orthof.

Alguns desfiles dessa categoria trataram do estigma social. Nas coleções *Cordeiro de Deus e Re-existência* podem ser identificados elementos que se referem a esta questão.

A coleção *Cordeiro de Deus* apresentou o estigma do indivíduo na condição de presidiário. Vale ressaltar que o número da população prisional no Brasil é de 607.731 pessoas, de acordo com Moura e Ribeiro (2014, p.11) através do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN)⁴⁷.

Já a coleção *Re-existência* apresentou o estigma social na condição de refugiado. De acordo com o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), no Brasil o número total de refugiados é de 8.863 pessoas⁴⁸. Conforme dados referentes a 2015, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), no mundo, o número de refugiados corresponde um total de 65,3 milhões de pessoas. O estigma social pode resultar na marginalidade⁴⁹.

O título da coleção *Cordeiro de Deus*, pode ser considerado uma referência a um trecho bíblico: “eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo⁵⁰”. Como se, Jesus, “o cordeiro de Deus que tira todos os pecados” tirasse os pecados dos detentos e, assim, tirasse a condição de marginalidade dos detentos.

Ronaldo Fraga ministrou uma oficina na Penitenciária José Maria Alckmin⁵¹, em Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte/MG. O presídio, local genuinamente explorado pelo estilista para o desenvolvimento desta coleção e o estigma do presidiário foi apresentado no desfile.

O *release* da coleção trata de uma carta de amor, uma história fictícia escrita por um detento Jesus da Silva Santos para sua amada que nunca aparece,

⁴⁷ Dados referentes a junho de 2014.

⁴⁸ Dados referentes a abril de 2016.

⁴⁹ A ideia de marginalidade considerada no texto é no sentido de uma distância da ideia da realidade. Segundo Bordenave, (1993, p.18-19) “marginalidade significa ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo sem nele intervir”. De acordo com o autor, “o conceito de marginalidade é mal entendido entre nós. Basta ver a aplicação da palavra marginal aos criminosos de qualquer tipo, como se eles não intervissem ativamente, embora a seu próprio modo, nos processos sociais”. O autor considera, “a marginalidade de alguns grupos, é resultado lógico e natural do desenvolvimento modernizador numa sociedade onde o acesso aos benefícios está desigualmente repartido”.

⁵⁰ Na Bíblia, em João 1:29, “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. Este trecho se refere a Jesus, o cordeiro enviado por Deus como símbolo de salvação.

⁵¹ Em 2002, Ronaldo Fraga fez um trabalho com 30 presos da Penitenciária de Ribeirão das Neves/MG. O estilista contou que não foi um processo fácil, além da dificuldade para entrar no presídio com agulhas de bordar, durante uma rebelião muitas peças foram queimadas. Mesmo assim, a empreitada deu certo, e o resultado foi a coleção *Cordeiro de Deus* (MAGALHÃES, 2015, p.47).

São Paulo, 15 de julho de 2002.

Querida amada,

Em todos os domingos, a expectativa da sua visita me transporta para um mundo maravilhoso e perfeito. Já pela manhã, a privada do meu pequeno catre se transforma em um banheiro de hotel cinco estrelas. O velho chuveiro de lata furada dá lugar a uma ducha farta e quem na janela o frasco de desodorante avanço abraça apaixonadamente o de leite de rosas, ambos presenteados por ti. Rita Cadillac e Magda Cotroffe são substituídas por Nossa Senhora Aparecida e Nosso Senhor Jesus Cristo. Mesmo o meu velho uniforme cáqui listado, me faz sentir dentro da melhor beca de festa. Nesse momento, imagino o seu corpo de sereia mergulhado nos meus braços, vestido de tecido mole que me deixa de pau duro. O bem e o mal passam a ser uma única coisa. Faço e refaço a barba pensando nos minutos que estarei com o rosto colado ao seu. Na pressa de descer para o pátio, visto a cueca por cima da calça, o que me faz rir de mim mesmo. Os portões deste hotel gradeado é aberto e os visitantes que já faziam fila do lado de fora desde a madrugada, se misturam à massa de presos. Meus olhos te procuram na procissão de tribos. Parece um caldeirão de feijoada humana. Evangélicos, católicos e macumbeiros são os primeiros a chegar na tentativa semanal de atrair ovelhas desgarradas para os seus rebanhos. Neste dia, hinos religiosos misturados com rap e pagode, me soam como canções de amor. Este pátio, antes estéril, vira uma festa, que parece até quermesse lá no norte. Mulheres, na imensa maioria, namoradas, prostitutas, irmãs, esposas, crianças e as mães. Sim, amor verdadeiro, talvez só de mãe. Elas trazem sacolas de plástico transbordando de frutas, biscoitos, frituras e frango assado, álbuns de debutantes, de batizado e bíblias. O tempo passa e mesmo para quem parece ter todo o tempo do mundo, ele é doído e cruel, quando a espera é por quem se ama. Tento pensar em um futuro ideal ao seu lado, mas o peso do passado não me deixa ir além do presente. O sol já está se pondo, e de você nem o perfume apareceu por aqui. E com o passar dos dias, tudo vai voltando ao normal. As cores antes fosforescentes e brilhantes, vão se desbotando pouco a pouco. Nada mais tem graça a festa que eu esperava não aconteceu. No pátio, no fim da tarde, só as pombas fazem a festa com as migalhas de comida. Você não veio, mas lhe confesso meu amor: parte de mim talvez torcesse por isto, porque sendo assim esperarei ansiosamente pelo próximo domingo e essa é a forma que eu encontrei para não ser engolido pelo tempo.

Do eternamente seu,

Jesus da Silva Santos*

* (personagem fictício criado por Ronaldo Fraga como protagonista da coleção de verão CORDEIRO DE DEUS) (QUEIROZ; BOTELHO, 2007, p.45-49).

O *release*, além de apresentar as características e o cotidiano de uma penitenciária, dá ênfase aos sentimentos que engendram o presidiário, principalmente a esperança.

Muitos elementos visuais podem ser identificados nas roupas caracterizando o universo prisional. Tais como:

- Estampas de pombos (estes animais são frequentemente capturados por agentes penitenciários por levarem drogas, celulares para dentro do presídio);
- Estampas de espelhos de camelô (com moldura laranja, muito comum nas celas dos presídios);
- Estampas de cordeiros (elemento que foi descrito acima relacionado ao título da coleção);
- Riscos contínuos (uma espécie de contagem dos dias que os presos estão na carceragem);
- Números (referência ao número de identificação do sistema prisional nos uniformes dos presos);
- Sereias bordadas com pedrarias (no *release*, a carta do detento José da Silva Santos compara o corpo da amada ao corpo de sereia);
- Estampas com desenhos do rosto de Jesus, desenhos de Jesus na cruz e desenhos de coração com os dizeres “amor só de mãe” (referências a tatuagens e desenhos nas paredes das celas de presos).

Além de algumas estampas, como descritas acima, foi possível identificar elementos nos acessórios, na cenografia e na maquiagem. Quanto aos acessórios, os modelos desfilaram carregando frutas em sacolas transparentes e chinelos nas bolsas. Uma alusão aos alimentos e aos itens pessoais que os familiares costumam levar durante as visitas aos presidiários. As pulseiras lembraram as algemas usadas por escravos, pontuando a falta de liberdade no território abordado neste desfile. Na cenografia, ao longo da passarela havia lâmpadas penduradas por um fio preto, como uma iluminação improvisada de uma cela de presídio e fotografias espalhadas pelo chão da passarela, por onde os modelos caminhavam. As fotografias se referiam ao registro do preso no sistema prisional, com o rosto do detido e uma placa com um número do registro.

Os modelos estavam maquiados com grandes hematomas no rosto. Pode estar relacionado às brigas internas nos presídios, às brigas externas que os levaram à prisão ou, ainda talvez sinalizasse essa mulher que nunca voltou para visitar Jesus da Silva Santos por ter apanhado (Figuras 34, 35, 36 e 37).

Figuras 34 e 35 – Desfile Cordeiro de Deus, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2002/03.



Figura 34. Fonte: FFW Fashion Forward (2002). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2002/07/217937-desfile-ronaldofraga-verao2003spfw-046.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 35. Fonte: FFW Fashion Forward (2002). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2002/07/217901-desfile-ronaldofraga-verao2003spfw-025.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figuras 36 e 37 – Desfile Cordeiro de Deus, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2002/03.



Figura 36. Fonte: FFW Fashion Forward (2002). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2002/07/217968-desfile-ronaldofraga-verao2003spfw-064.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 37. Fonte: FFW Fashion Forward (2002). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2002/07/217952-desfile-ronaldofraga-verao2003spfw-054.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Assim como na coleção *Cordeiro de Deus*, na coleção *Re-existência*, o estilista Ronaldo Fraga também tratou de um tema áspero e delicado, considerando a perspectiva da marginalização das pessoas. Tratou novamente dos excluídos. Falou de pessoas e da condição do outro, antes de falar de moda e de roupas.

Fraga viajou à África e se inspirou no continente africano, na literatura do angolano Valter Hugo Mãe e do moçambicano Mia Couto para o desenvolvimento da coleção *Re-existência*. Esta coleção mostrou como a identidade cultural está se incorporando no país na contemporaneidade. O estilista abordou sobre a questão dos refugiados e a condição de estigma social destes.

Para iniciar o desfile, modelos estavam sentados no centro da passarela com máscaras de tricô e com camisas manchadas de sangue, nas costas a palavra *refugee*. Sobre esta representação, o *site FFW Fashion Forward* informa,

Localizado na África Central e um dos países mais pobres do mundo, Burundi vive uma guerra civil há décadas, desde que, nos anos 90, o primeiro presidente eleito democraticamente foi assassinado. O conflito já fez mais de um milhão de refugiados e pelo menos 200 mil mortos. No ano passado, Pierre Nkurunziza, no poder desde 2005, tentou a reeleição e acionou nova onda de protestos. Muitos dos manifestantes usavam máscaras, e foi inspirado por elas que Ronaldo criou os seis modelos de tricô coloridos que abriram o desfile, no grupo de modelos que vestia camisas brancas, com furos e manchas de sangue, com a inscrição “Refugee” nas costas. Segundo Ronaldo, a ideia era também remeter à cultura islâmica das burcas femininas (VASONE, 2016).

Estas máscaras usadas no desfile era uma representação das máscaras que manifestantes usavam durante os protestos, em Burundi, na África Central, região de conflitos. Muitos refugiados saíram de lá fugindo da guerra civil.

No *release*⁵² da coleção, o estilista Ronaldo Fraga ressalta questões sobre o processo multicultural, sobre os estereótipos culturais e sobre a intolerância,

À primeira vista um pingo manchando o azul profundo do Mar Mediterrâneo. Para o emaranhado humano que forma essa mancha, o azul é a cor do inferno. Muitos barcos abarrotados de pessoas não chegam ao seu destino final. Nesta nova onda migratória, a Europa recebeu mais de um milhão de refugiados no ano passado, número já ultrapassado nos três primeiros meses desse ano. São pessoas fugindo de guerras civis, étnicas ou religiosas. Aos olhos de quem vê, mas não enxerga, os refugiados são apenas “os eles do lado de lá”. Ignoramos o novo movimento mundial onde conflitos rompem fronteiras e se estendem como água densa correndo para o mar e chegando rápido demais aos nossos pés. Sob o choque desse movimento a união europeia corre o risco de se desintegrar e se desconstruir. A extrema direita tenta barrar essa corrente alegando a necessidade de se preservar o perfil cultural, religioso e histórico da Europa. Todas as tentativas têm sido em vão frente a enorme panela de pressão que está para explodir. E o que a moda tem a ver com isso? Documento eficiente como registro de um tempo, a moda tem diferentes faces e formas para se registrar uma estória e a que desde sempre me seduz é a face politico-cultural desse fascinante vetor de comunicação e consumo criado pelo homem. No computador amplio as imagens dos barcos-túmulo, procurando ali o indivíduo e os mastros de esperança que o sustenta. Com o zoom, o ocre desaparece revelando flores e grafismos multicoloridos impressos em vestidos, calças e camisas. De perto todo sujeito é uma estória particular. Aqui a roupa é casa, é abrigo, é memória, é país. Aqui a roupa é a única herança de sua terra e elemento da identidade cultural que o manterá de pé. Aqui a roupa é também uma arma de “re-existência”. Moda e arte são instrumentos que conseguem lançar luz sob poesia insuspeita em terreno árido. A intolerância que gera essa aridez não é privilégio dos países de lá. Ela se espalha como uma nuvem espessa sobre todo o mundo. São tempos perigosos. Nesse momento somos todos refugiados. Na viagem dessa coleção, me guiei pela literatura renitente do moçambicano Mia Couto e a do angolano Valter Hugo Mãe. E é do angolano esse alento: “não sei se a arte pode nos salvar, mas tenho a certeza de que ela pode nos conduzir ao melhor que há em nós para que não nos desperdicemos na vida”.

Para a apresentação desta coleção, desfilaram cinco refugiados: dois sírios, uma congolesa, um senegalês e um palestino. Com a apresentação deste desfile, o estilista Ronaldo Fraga ‘ressignificou’ algumas histórias. Histórias de ausências, intolerância, angústia, medo, indiferença e histórias de esperança. Desenhou um mapa sem fronteiras com vínculos transculturais. A apresentação do desfile *Re-existência* permitiu uma reflexão sobre as

⁵² BELLI, Mainá. Coleção Ronaldo Fraga – Desfiles SPFW 41. 28 de abril de 2016. Disponível em: <<http://viroutendencia.com/2016/04/28/colecao-ronaldo-fraga-desfiles-spfw-41/>>. Acesso em: 20 fev. 17.

peessoas, as suas raízes, as suas escolhas ou a falta delas. Além disso, as questões sobre identidade cultural envolta deste desfile têm considerações significativas: os aspectos sobre o pertencimento que os refugiados trazem com a sua forma de vida e com a forma de se expressar e, sobre o multiculturalismo que promove a convivência com outras culturas, criando uma relação intercultural.

De acordo com o Relatório Mundial da UNESCO (2009),

A identidade cultural é um processo que se transforma por si mesmo e deve ser considerado não tanto como herança do passado, mas como projeto de futuro. Num mundo cada vez mais globalizado, as identidades culturais provêm frequentemente de múltiplas fontes; a plasticidade crescente das identidades culturais é um reflexo da complexidade crescente da circulação mundializada de pessoas, bens e informações (UNESCO, 2009, p.7).

Figuras 38, 39 e 40 – Desfile Re-existência, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2016/17.



Figura 38. Fonte: FFW Fashion Forward (2016). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2016/04/tak1762-654x983.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 39. Fonte: FFW Fashion Forward (2016). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2016/04/tak2733.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 40. Fonte: FFW Fashion Forward (2016). Disponível em:

<<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2016/04/tak3007-654x983.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017

4.2.5 Memória

A categoria final Memória está relacionada a lembranças e à importância do conhecimento de histórias e acontecimentos. São dezoito desfiles que estão relacionados a esta categoria final: *Álbum de família, Em nome do Bispo, Bibelôs, Células de Louise, A Carta, Quem matou Zuzu Angel?, Todo mundo e ninguém, Descosturando Nilza, Festa no céu, Nara Leão ilustrada por Ronaldo Fraga, Loja de tecidos, O rio São, Tudo é risco de giz, Pina Bausch, Athos do início ao fim, O cronista do Brasil, F.u.t.e.b.o.l e O caderno secreto de Cândido Portinari*. As coleções abordadas neste capítulo serão três. São elas: *Quem matou Zuzu Angel?, Descosturando Nilza e Loja de tecidos*.

Para Simson (2003, p.14), “memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.)”. Com as análises das coleções que se relacionam à Memória, observa-se que o estilista Ronaldo Fraga transmite informações de suas experiências pessoais, que fizeram parte de sua trajetória e também trata das influências e referências para o seu ofício. Duas destas coleções estão relacionadas à memória afetiva do estilista Ronaldo Fraga: *Loja de tecidos e Descosturando Nilza*.

O primeiro emprego do estilista foi em uma loja de tecidos. Ronaldo Fraga descreveu no *release*⁵³ desta coleção a sua experiência, sua relação afetiva e a importância da loja de tecidos para a sua formação como estilista,

Vão demolir esta casa,
Mas meu quarto vai ficar,
Não como forma imperfeita,
Neste mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar!

Manuel Bandeira

Não foi na Parson’s em N.Y., na Saint Martin’s em Londres ou no curso da UFMG em BH que aprendi o muito do pouco que eu sei no que se refere a ouvir a voz, entender a alma e dialogar com os “panos”. Agora em que

⁵³ *Release* da coleção *Loja de tecidos*. Disponível em:
<<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

completo 25 coleções “vasculho” a história da minha formação, e vou até o meu primeiro emprego, numa loja de tecidos. Neste momento movediço, em que **tudo no mundo muda de lugar o tempo todo, coisas e profissões se extinguem**, e tendemos a guardar a memória dentro de uma caixa, na última prateleira da estante do quarto de despejo. **Nunca escondi de ninguém que a memória é o meu prato predileto**, sendo assim, nesta estação investigo este **universo em extinção**, quando o cheiro emanado no corte de algodão e do linho, ou o emocionante barulho empapelado do tafetá no ar, junto a fitas métrica com os números quase apagados, nos proporcionavam a experiência mágica da busca na construção do personagem principal nas mãos do homem comum. Com certeza em pouco tempo a loja de tecido será coisa do século passado. E já hoje, no lugar das preciosas “fazendas⁵⁴”, quinquilharias chinesas ocupam as prateleiras mudas sem alma, expulsando para o esquecimento **o exercício de autonomia sob o próprio corpo na escolha do tecido e do “feito” prontos** para o batizado, a formatura, o casamento e a festa.

Com o desejo de uma coleção delicada,
Ronaldo Fraga. (grifo nosso)

De acordo com o *release* pode-se observar que o estilista representou a memória para falar do passado, do extinto, das mudanças e das substituições que ocorrem o tempo todo. Esta representação da memória é evidenciada através dos elementos estruturantes na caracterização da apresentação do desfile.

O uso da roupa no desfile *Loja de tecidos*, para tratar da memória teve a capacidade de aproximar o passado do presente sem apontar um distanciamento temporal. De acordo com Stallybrass (2008, p.29-30), “as roupas têm uma vida própria: elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais.” Ainda de acordo com Stallybrass (2008, p.14), “a roupa tende, pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória”.

Nesse sentido, pode-se observar a roupa como elemento estruturante no desfile *Loja de tecidos* servindo de códigos materiais e imateriais. Importante destacar a descrição que o estilista fez sobre as sensações que a memória do passado apresenta. Estas sensações podem ser identificadas no *release*, com o uso das palavras e expressões como: cheiro, emocionante barulho, experiência mágica e prateleiras sem alma.

Cabe ressaltar que o estilista considerou a roupa como representação social e como ocasião com o uso das seguintes palavras no *release*: “batizado, formatura, casamento e festa”. Mencionou também, que as roupas prontas sobrepõem à identidade pessoal, “hoje, no

⁵⁴ Pano que é vendido aos metros, tecido (BUENO, 2010).

lugar das preciosas “fazendas”, quinquilharias chinesas ocupam as prateleiras mudas sem alma, expulsando para o esquecimento o exercício de autonomia sob o próprio corpo na escolha do tecido e do “feito” prontos”. Um modelo pronto não permite que se faça uma escolha pessoal, que considere a personalidade de cada pessoa. Na loja de tecidos, comprava-se o tecido e o desenhista mesmo que reproduzisse o modelo da revista de moda, adaptava ao corpo do cliente detalhes que faziam da roupa uma peça exclusiva que considerava a personalidade do cliente.

Como indica Guedes (2010, p.3), “há uma busca de identidade e de raiz porque, perante a atualidade, as pessoas têm necessidade de voltar a ter algo a que se agarrar. É a busca de uma época com alguma conotação positiva em termos de valores e de estética”. Nos desfiles que compõem a categoria final Memória pode-se identificar esta “busca de uma época”, como a autora sugere. No release do desfile *Loja de tecidos*, o estilista Ronaldo Fraga, pontuou certa nostalgia, buscou retratar uma época que guarda lembranças dos momentos, dos cheiros, das texturas, além dos valores.

Sobre as roupas apresentadas pelo estilista Ronaldo Fraga no desfile *Loja de tecidos*, o Jornal Estadão publicou,

A coleção trouxe vários tipos de texturas e se transformou praticamente em uma metalinguagem. Um vestido, por exemplo, tinha como estampa os moldes antigos de diversas coleções suas, como as inspiradas em Nara Leão, Zuzu Angel e Lupicínio Rodrigues. Bispo do Rosário também voltou a inspirar Fraga, como em uma peça na qual o estilista aplicou diversos pedacinhos de tecido, cada um com o nome de um tecido escrito, da mesma forma como fazia o artista em suas obras. Em outra criação, um vestido preto sem manga, na altura do joelho, ganhou diversos pedaços de tecidos, como um verdadeiro mostruário, com direito a alfinetes bordados (EZABELLA, 2008).

A reportagem faz referência aos elementos que fizeram parte da memória do estilista para o desenvolvimento e apresentação deste desfile. Esta coleção considerou o passado como uma referência. Como pode ser observado também na cenografia que tinham peças de roupas das coleções anteriores confeccionadas em tecido transparente e penduradas ao longo da passarela (Figuras 41 e 42).

Figuras 41 e 42 – Desfile Loja de tecidos, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Inverno 2008.



Figura 41. Fonte: FFW Fashion Forward (2008). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2008/01/148629-desfiles-ronaldofraga-saopauloinverno2008rtw-124.jpg>>. Acesso: 6 mar. 2017.

Figura 42. Fonte: FFW Fashion Forward (2008). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2008/01/148615-desfiles-ronaldofraga-saopauloinverno2008rtw-110.jpg>>. Acesso: 6 mar. 2017.

Com a coleção verão 2005/06 *Descosturando Nilza*, o estilista abordou sobre uma profissão em extinção: a costureira⁵⁵, homenageando sua costureira mais antiga, Nilza Vilela.

O desfile apresentou a história de uma costureira traduzida no seu ofício, e, os saberes e fazeres manuais na concepção da memória. A coleção lembrou uma costureira do bairro que fazia a roupa sob medida para as famílias tradicionais, tentando reproduzir igual às roupas das revistas de moldes.

Na perspectiva de sustentabilidade na moda, iniciativas e novos conceitos têm surgido em contraposição com a moda industrializada, como por exemplo, moda ética, moda responsável, eco *fashion*, moda consciente, *slow fashion*. Neste sentido, novas formas de atuação e produção ressaltam-se, como o reuso, a reforma de roupas, a costura artesanal, os bazares de trocas.

⁵⁵ Cabe ressaltar que a ‘costureira’ que o estilista Ronaldo Fraga se refere como extinta, é a costureira de família, da rua, aquela vizinha, por exemplo. Isto porque, na indústria de confecção, a profissão de costureira apresenta um número representativo. Segundo dados da Associação Brasileira do Vestuário (ABRAVEST), no Brasil há 1,3 milhão de profissionais da costura. Dados referentes a maio de 2014. Disponível em: <<http://csbbrasil.org.br/blog/2014/05/25/25-de-maio-dia-da-costureira/>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

A partir do *release*⁵⁶ desta coleção, observa-se questões do desfile relacionadas a simplicidade do trabalho manual e o significado simbólico dos ofícios,

Roupas de Festa, Vestido de Noiva, Batina de Padre, Camisolas do dia, Ternos e Vestidos para cortejo fúnebre.

Ela já vestiu todas as possibilidades do vestir, costurando há mais de 40 anos. Nos cruzamos há uns 15 anos e nunca mais nos separamos. Ela deixou suas digitais na minha estreia no Phytoervas com “Coração de galinha”, montou um “Álbum de Família” no primeiro desfile do São Paulo Fashion Week, costurou com os judeus de “Rute Salomão”, chorou com “Zuzu Angel”, torceu para que o carrossel de “Corpo Cru” funcionasse até o final, rezou para os detentos de “Cordeiro de Deus”. Ela está em todas as peças de todas as minhas coleções. Falar de Dona Nilza é falar da própria história da moda no Brasil. Profissão em extinção, as costureiras de família foram os primeiros estilistas brasileiros, mudavam as golas, aumentavam os babados, subiam ou desciam os decotes, tudo seguindo, “quase” à risca, os modelos do “figurino”. Para esta coleção, “Descosturamos” Nilza, colocando na passarela alguém que sempre trabalhou nos bastidores. Tudo tem cara e cheiro de banho tomado. Cores de sabonete, voils, gases e sedas G Vallone, tafetás, sarjas e malhas furadinhas. Detalhes gentis e delicados, volumes discretos, godês sem vergonha, pequenos drapeados, diversos comprimentos. Flores de decalque, corações vazados, casais em roupa de gala, o mito do corpo perfeito na imagem da sereia. Universo comum de toda costureira brasileira.

Dentre as considerações do *release*, destaca-se a roupa para ocasiões, as relações sociais, as referências do passado e a busca pelo ideal de beleza das revistas de moda: “o mito do corpo perfeito na imagem da sereia”. Cabe ressaltar que tratam de questões que são recorrentes que o estilista Ronaldo Fraga aborda em algumas coleções, como foram mencionadas no decorrer desse capítulo, roupa para ocasiões nos desfiles: *A Roupa e Descosturando Nilza*. O ideal de beleza instituído pela moda: *Vendedor de milagres*, *A Roupa e Descosturando Nilza*. A sereia como estereótipo de beleza, em: *Cordeiro de Deus*, *Fúria das sereias* e *Descosturando Nilza*, dentre outras.

Sobre o desfile *Descosturando Nilza*, de acordo com Queiroz e Botelho (2007, p.98), “a cenografia simulava um salão de costura, com as quarenta costureiras da equipe de

⁵⁶ *Release* da coleção *Descosturando Nilza*. Disponível em:
<<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

Ronaldo trabalhando durante o desfile”. Os modelos desfilaram por entre as costureiras ao longo da passarela, nos cabelos, tinham com almofadas com alfinetes (Figuras 43 e 44).

Figuras 43 e 44 – Desfile Descosturando Nilza, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2005/06.



Figura 43. Fonte: FFW Fashion Forward (2005). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2005/06/168967-desfiles-ronaldofraga-saopauloverao2006rtw-119.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 44. Fonte: FFW Fashion Forward (2005). Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/app/uploads/desfiles/2005/06/168969-desfiles-ronaldofraga-saopauloverao2006rtw-121.jpg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

É possível considerar que a valorização da concepção do produto de moda no presente perpassa pela memória, pela remissão ao passado. Como aponta Sennett (2013, p.18), “podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas”. Este entendimento requer o conhecimento e a memória.

A análise do desfile da coleção *Quem matou Zuzu Angel?* ressaltou aspectos relevantes de um período da história política do país. Zuzu Angel foi a primeira estilista brasileira a utilizar a moda como protesto político.

Seu filho, Stuart Angel, militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) – entrou para a clandestinidade – ou seja, passou a militar contra a ditadura usando o codinome Paulo, sem endereço conhecido. No dia 14 de maio de 1971, aos 26 anos, ele foi preso e desapareceu. Zuzu passou a rodar quartéis em busca de Stuart, quando teve início sua saga trágica. Ela intuía como mãe que seu filho estava morto, o que só lhe foi confirmado

anos depois, por meio de uma carta enviada por outro preso político, Alex Polari Alvarenga, que testemunhara o assassinato de Stuart. O filho de Stuart havia sido sequestrado por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) e levado para a base aérea do Galeão onde sofrera torturas bárbaras, amarrado à traseira de um Jeep, fora arrastado pelo pátio e obrigado a inalar os gases tóxicos expelidos pelo escapamento aberto do veículo. Profundamente abalada, Zuzu dali por diante passou a protestar contra o arbítrio e a reivindicar o paradeiro de seu filho, pelos (poucos) meios possíveis, num país sob severa censura. Um desses modos foi a própria moda (PRADO; BRAGA 2011, p.361-363).

Em dezembro de 1995, foi instituída pela Lei nº 9.140/95 a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP) com o intuito de buscar soluções para os casos de desaparecimentos e mortes, por autoridades do Estado durante o período 1961 a 1988, de opositores e militantes políticos. Em 2006, a Comissão encerrou a primeira etapa de suas atividades. De acordo com a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP) (2007),

Zuzu Angel procurou o filho infatigavelmente, abordando autoridades nacionais e internacionais e concedendo entrevistas a quantos veículos de imprensa tivessem a coragem de publicá-las. Conseguiu fazer chegar sua denúncia ao então senador Edward Kennedy, que levou o caso à tribuna do Senado dos Estados Unidos. Pessoalmente, conseguiu entregar ao secretário de Estado Henry Kissinger, em visita ao Brasil em fevereiro de 1976, uma carta com a denúncia e um exemplar do livro de Hélio Silva, onde era relatada a morte de Stuart. Esse historiador avalia que o afastamento e a posterior reforma do brigadeiro João Paulo Penido Burnier, denunciado como autor do crime, e a própria destituição do ministro da Aeronáutica Márcio de Souza e Mello, foram desdobramentos das pressões internacionais sobre o governo Médici. Todos os principais jornais estrangeiros registraram o fato, em especial o *Washington Post* e *Le Monde*. No Brasil, os diários *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil* conseguiram publicar matérias sobre o caso, apesar da censura. Zuzu foi morta, em março de 1976, sem nunca descobrir qualquer indício do paradeiro do filho (BRASIL, 2007, p.161).

Em 1998, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP) (2007) do Ministério da Justiça reconheceu com base em um novo laudo sobre o acidente que matou Zuzu Angel, que Zuzu foi vítima da ditadura militar,

Zuzu Angel morreu em 14/04/1976, num acidente automobilístico à saída do túnel Dois Irmãos, no Rio de Janeiro. A suspeita de que esse acidente tivesse

sido provocado envolveu imediatamente todas as pessoas bem informadas sobre o que era o aparelho de repressão política do regime militar. Mas foi somente através da CEMDP que se tornou possível elucidar os fatos. Restou provado que sua morte foi desdobramento e consequência da morte de seu filho Stuart Edgard Angel Jones, em 1971. Profissional de sucesso – vestia atrizes como Liza Minnelli e Joan Crawford –, Zuzu conseguiu transformar o desaparecimento de seu filho Stuart num acontecimento que provocou forte desgaste internacional para o regime militar brasileiro. Com isso, despertou a ira dos porões da ditadura, que passaram a vê-la como ameaça. Buscando incansavelmente o paradeiro do filho, esteve nos Estados Unidos com o senador Edward Kennedy; furou o cerco da segurança norte-americana e conversou com Henry Kissinger, em visita ao Brasil; prestou detalhado depoimento ao historiador Hélio Silva; escreveu ao presidente Ernesto Geisel, ao ministro do Exército Sylvio Frota, ao cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e à Anistia Internacional. Em um de seus desfiles, estampou os figurinos com tanques de guerra e anjos tristes. Quando começou a receber ameaças de morte, alertou os amigos. Zuzu estava absolutamente sóbria na noite do acidente e uma semana antes tinha feito revisão completa em seu carro que, sem aparente motivo, desviou-se da estrada, capotando diversas vezes em um barranco. A análise das fotos e dos laudos periciais, as inúmeras contradições e omissões encontradas no inquérito e depoimentos de testemunhas oculares compuseram uma base robusta para a decisão da CEMDP reconhecendo a responsabilidade do regime militar por mais essa morte de opositor político (BRASIL, 2007, p.414-415).

O estilista Ronaldo Fraga apresentou o desfile *Quem matou Zuzu Angel?* pontuando que não se pode esquecer a violência e as torturas que aconteceram na ditadura militar. Dessa forma, a apresentação do desfile corrobora para a reflexão sobre as considerações relacionadas à história e à memória.

Nora (1993) faz um importante paralelo entre memória e história,

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido num eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura e projeções. A história, porque operação intelectual e

laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna prosaica (NORA, 1993, p.9).

A categoria final Memória reúne as coleções que trataram de experiências vividas. Experiências individuais que estabelecem uma relação com a sociedade. A dinâmica de experiências individuais que o estilista Ronaldo Fraga apresentou com as coleções que compõem a categoria final Memória, é como ressalta Nora (1993) “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução”. A memória está nas pessoas. Nos que elas fazem e no que produzem materialmente ou simbolicamente.

Em um depoimento durante a Exposição em homenagem a Zuzu Angel, em São Paulo/SP, “Ronaldo Fraga - Ocupação Zuzu (2014) - Parte 3/3”, Ronaldo Fraga falou sobre a concepção do desfile *Quem matou Zuzu Angel?*,

A história de Zuzu naquele momento eu tinha muito claro que o legado dela era muito caro ao Brasil. Era um novo país que descortinava sem conhecer a sua própria história, negando a sua própria história. Um país desmemoriado. Curiosamente na época eu me lembro de jornalistas de grandes veículos daqui de São Paulo que viravam pra mim e me perguntavam nos bastidores: _E aí, ela vem? _Ela vai estar na primeira fila? Quer dizer, existia um total desconhecimento da história da Zuzu. E muito menos, aliás, eu acho que aquela catarse coletiva que o desfile provocou. Que na história do SPFW isso nunca tinha acontecido, onde a plateia inteira chorava. Píncaros. Os fotógrafos choravam. Cântaros. As modelos também. Era um chororô sem fim. Porque ninguém nunca tinha pensado que uma página espinhenta como essa que a gente adiava e ainda adiamos para poder resolver em algum momento da nossa história, pudesse virar inspiração de moda. Então, aquilo foi desconcertante pra todo mundo. Mas, ainda hoje eu acho que meu canal de comunicação é o meu ofício. E é com ele que eu tento entender o meu tempo (RONALDO FRAGA..., 2014).

Sobre memória, Nora (1993) reforça,

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura e projeções (NORA, 1993, p.9).

Destaca-se, nesta coleção, a representação da memória relacionada ao trabalho e ao legado de Zuzu Angel. Em um debate mediado pela pesquisadora Cristiane Mesquita, em São Paulo/SP, “Em torno de Zuzu - Encontro com Ronaldo Fraga - Ocupação Zuzu (2014)”, como parte da programação da Exposição em homenagem a Zuzu Angel, o estilista descreveu a trilha sonora do desfile,

Tinha que ter carnaval, tinha que ter novela [...]. Aí eu pesquisei muito trilhas de novela, da primeira metade dos anos 70 [...]. A música orquestrada que eu escolhi era de uma novela que chamava Carinhoso, de 1975. Então eu abro esse desfile com essa música, mas só um pedacinho, como se as pessoas já entendessem que estão entrando em um grande novelão. E depois a trilha vem quase toda com o carnaval da banda Canecão 70. O Canecão 70 era uma banda do próprio Canecão que tornou um clássico o lançamento de discos de carnaval. Então música de carnaval. [...] Em um dado momento, entra um surdo e o Arnaldo cantando aquilo. Isso foi causando um desconforto tal na sala e um balãozinho na cabeça das pessoas. Ai, como eu fui otário, como eu estava pulando carnaval alegrinho da vida, quando a realidade não era essa, a história não era essa. A história era outra. Bem diferente (EM TORNO DE ZUZU..., 2014).

A trilha sonora remetia ao passado, apresentando um contexto histórico, político e social. Na descrição do estilista: “Arnaldo cantando aquilo”, é uma referência à música que encerrou o desfile: “Bandeira Branca”, composição de Max Nunes e Laércio Alves, de 1970. Esta música foi gravada por Arnaldo Antunes para o filme “Gêmeas”, de 1999. Filme baseado em um conto de Nelson Rodrigues com direção de Andrucha Waddington.

Quanto às roupas, Ronaldo Fraga primou por associar ao trabalho de Zuzu Angel. Em depoimento o estilista ressaltou o trabalho desenvolvido por Zuzu Angel,

Ela nunca teve vergonha de trazer aquilo, que se hoje por mais que se possa parecer caro e difícil ao Brasil, hoje nós já temos uma certa intimidade, que é brasil brejeiro. Que é aquele Brasil que a gente deixava escondido lá na área de serviço, sabe, no entanto ela sempre colocou isso no trabalho dela, mesmo antes da coleção de protesto. Porque ela achava e via no ofício dela uma forma de integrar a cultura de um país. De procurar um caminho independente das tendências ditas, das tendências vindas de fora. Esse lugar é o lugar que eu sempre achei o lugar seguro na moda, que fizesse a moda como um vetor, como profissão, de existir pra mim (RONALDO FRAGA..., 2014).

De acordo com o estilista sobre a produção das roupas para o desfile,

Zuzu é algodão e linho. Não tem jeito, tem que amassar, tem que ter cara de amassado. E os tecidos foram produzidos na época pela Tecelagem São José. Uma tecelagem de Minas, que também investiu em uma pesquisa de tingimentos com corantes naturais. Então toda a coleção utilizou corantes naturais quando se tratava de bases de algodão (EM TORNO DE ZUZU..., 2014).

As considerações feitas pelo estilista Ronaldo Fraga sobre o desenvolvimento das roupas para a coleção *Quem matou Zuzu Angel?* se aproxima da característica do trabalho de Zuzu Angel. A estilista primava pela utilização de elementos brasileiros nas roupas que produzia.

No desfile, Fraga apresentou as peças de roupas masculinas sem acabamento e curtas. Pode se referir ao filho da estilista Zuzu Angel que teve a vida interrompida pela ditadura. Um modelo desfilou com uma tipoia como se fosse uma faixa presidencial (Figura 45), “machucado” pelo governo militar. Uma representação da violência da ditadura. O desenho do pássaro, presente em diversas peças do vestuário no desfile, se referia ao desenho do pássaro na propaganda utilizada pela ditadura militar na época.

Na cenografia do desfile, diversos bonecos estavam pendurados ao longo da passarela, em posição de tortura. Os bonecos foram confeccionados em americano cru, e remetiam a corpos sem identificação torturados pelo regime militar brasileiro (Figura 46).

Figuras 45 e 46 – Desfile *Quem matou Zuzu Angel?*, do estilista Ronaldo Fraga. Coleção Verão 2001/02.

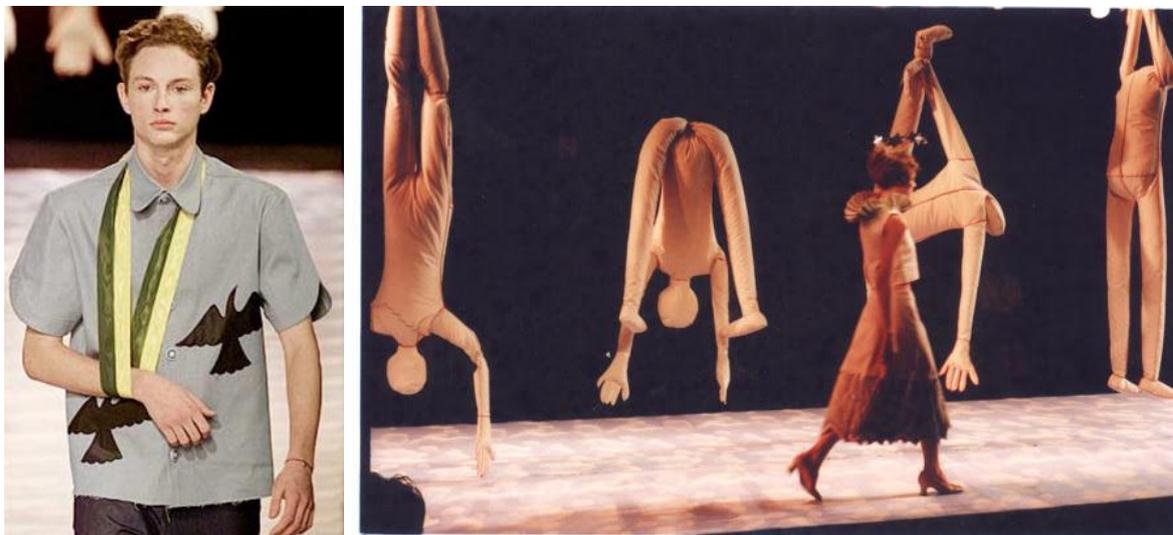


Figura 45. Fonte: FERREIRA, Aletéia. A moda é fútil? Veja o que diz o mercado da moda, 14 de fevereiro de 2007, 02h01. Blogspot. Disponível em: <http://bp1.blogger.com/_hTWTHKh3-yc/RdC5MmjRnRI/AAAAAAAAAJQ/YE8tzoYohfU/s1600-h/zuzu.jpg>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Figura 46. Fonte: FEEL A FIO POR NATI D'ANGELO. Ronaldo Fraga, 1 de março de 2013, 11h45. Blogspot. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-tbf3_I642XA/US-jqnI7b_I/AAAAAAAAACh0/vGIItXsWj88/s1600/quem_matou_01.jpg>. Acesso em: 6 mar. 2017.

A memória ajuda no conhecimento sobre diversos aspectos que implicam para uma sociedade sustentável. O entendimento sobre o sentimento de pertencimento, sobre cidadania, os saberes e os fazeres, as transformações sociais ao longo do tempo, a transmissão de conhecimento de geração para geração, são questões da memória que a sustentabilidade abarca.

Cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem podem exercer o seu poder de seleção, realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória, porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras (LOTMAN apud SIMSON, 2003, p.15-16).

A cultura de um povo, as expressões culturais, as diversas formas de viver e estar no mundo, a noção de tempo-espço, do local e global, a pluralidade de ideias, a relação passado-presente, são reflexões para se pensar em uma perspectiva de sustentabilidade na moda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero ser alguém que tem asas com raízes.
(Boaventura de Sousa Santos)⁵⁷

Os dois aspectos principais pelos quais esse trabalho de pesquisa perpassa são a moda e a sustentabilidade, à partir da obra de Ronaldo Fraga. Estes conceitos que direcionaram o desenvolvimento do presente trabalho permitiram análises e reflexões sobre a perspectiva cultural da sustentabilidade na moda. Uma perspectiva para além dos materiais, das técnicas e procedimentos sustentáveis no processo de produção de moda e que considera a relevância do papel da cultura quando se discute sustentabilidade na sociedade e na moda.

Dentre outras manifestações culturais, a moda tem um papel dianteiro em função de sua representatividade no que diz respeito às expressões culturais. A moda ocupa um lugar de destaque na sociedade por representar parte importante da manifestação cultural de todos os povos. É uma das áreas da cultura que apresenta tendências de comportamento, que conduz, inspira, provoca e discute conceitos políticos, econômicos, sociais e ambientais, retratando, dessa forma, a sociedade.

O desenvolvimento desta pesquisa teve como objetivo analisar as coleções de Ronaldo Fraga e identificar como o trabalho do estilista propicia reflexões sobre a sustentabilidade na moda. O assunto é amplo, mas é possível dizer que os objetivos traçados nessa pesquisa foram, de certa forma, atingidos. O estilista apresenta muito de suas percepções pessoais em suas coleções e, para além da percepção pessoal do estilista, tem-se ainda um caminho para a sustentabilidade na moda, relacionando aspectos que consideram a perspectiva sociocultural, ética e estética. As coleções de Ronaldo Fraga foram analisadas tendo como ferramenta metodológica a análise de conteúdo para o tratamento dos dados coletados. O período de análise tratado corresponde ao intervalo de tempo compreendido entre 1996 e 2016. Este período engloba desde o primeiro desfile apresentado pelo estilista até o último realizado antes da conclusão desta pesquisa. Ou seja, foram analisadas todas as 42 coleções do estilista Ronaldo Fraga, apresentados em um período de 20 anos.

⁵⁷ Declaração feita pelo sociólogo e professor Boaventura de Sousa Santos, no Encontro Internacional “Sinergias para a Transformação Social – Diálogos sobre Desenvolvimento”, realizado pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), em Lisboa. Disponível em: <<http://alice.ces.uc.pt/news/?p=5109>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

A escolha da totalidade das coleções para as análises foi relevante para que se pudesse identificar se havia uma coerência e uma conexão entre as coleções, uma linearidade nas convicções, nas percepções e na atuação do estilista Ronaldo Fraga, o que de fato constatou-se nesse trabalho. As ideias, valores e conceitos subjacentes aos elementos simbólicos das coleções são aspectos que estão sendo discutidos atualmente na sociedade, tais como a busca pelo modelo ideal de beleza através do que a moda oferece, a apatia social diante do crescimento desordenado das cidades, a intolerância religiosa, a fragilidade das relações humanas, a homofobia, dentre outros que foram identificados nas coleções e citados neste trabalho.

Observou-se que Ronaldo Fraga está atento aos vários aspectos que se relacionam a uma sociedade sustentável. Aspectos tais como, por exemplo: a diversidade cultural como fator de desenvolvimento humano, que pode ser observado na coleção *Em nome do Bispo*; a negligência da importância da vida humana é mostrada na coleção *A China de Ronaldo Fraga*, que remeteu ao trabalho escravo; mais recentemente, com a coleção *Fúria das sereias*, Ronaldo Fraga abordou os estereótipos do corpo feminino e a importância das pessoas serem valorizadas por sua identidade cultural, tendo essas pessoas possibilidades e condições de viverem a vida como escolheram.

Conforme foi apresentado nesse trabalho, as primeiras preocupações com a sustentabilidade na moda tiveram início na realidade da indústria da moda que é caracterizada por excessos, desperdícios e negligência nos aspectos material e social. Os excessos e desperdícios são resultados de técnicas e processos de trabalho que contam com o uso de produtos químicos, descarte de resíduos têxteis e de produtos prontos no meio ambiente, causando um impacto ambiental negativo. O impacto negativo social se refere principalmente às precárias condições de trabalho e à mão de obra escrava, ainda uma realidade na indústria da moda.

Por outro lado, o trabalho de Ronaldo Fraga chama a atenção por instigar uma reflexão sobre o potencial da moda em receber, interpretar e apresentar questões relacionadas a valores e expressões culturais, as formas diferenciadas de ser e estar no mundo. Ou seja, o trabalho do estilista tem relevância não só pela produção em si, mas pelas percepções voltadas para o ser humano. Aspectos culturais e humanos que são fundamentais no conceito ampliado de sustentabilidade.

No capítulo dos resultados e discussões trabalhou-se com categorias analíticas que possibilitaram identificar aspectos comuns nas coleções, os elementos que aproximavam umas

das outras e as coerências de sentidos entre os temas relacionados nas coleções. A categoria analítica Cultura Brasileira mostra como a moda pode contribuir para o reconhecimento, para a valorização e para a preservação da cultura brasileira. A cultura carrega símbolos e revela os modos de existência humana. A inclusão da cultura como quarto pilar do desenvolvimento sustentável e a moda como parte desta, são apresentadas no trabalho de Ronaldo Fraga através da interação da moda com os aspectos da diversidade cultural, expressões culturais, com os modos de sentir, ser e estar no mundo.

Outra categoria analítica trabalhada foi a Diversidade Cultural como forma de reconhecer diferentes modos de vida e a importância da harmonia entre as diferentes formas de viver no mundo. Conforme os elementos analíticos desta categoria, as relações sociais equilibradas é uma das condições para uma sociedade sustentável, voltada para o ser humano, para a preservação de sua cultura e de seu meio ambiente. Essa categoria enfatiza a necessidade de integrar os valores humanos, sociais, culturais e a ética como base para o desenvolvimento sustentável. Tendo em vista que a riqueza do indivíduo e da sociedade está na diversidade cultural, na liberdade do ser humano ser quem ele é e/ou quer ser, aceitar e proteger a diversidade cultural são princípios fundamentais para o desenvolvimento humano e sustentável.

Também foi possível trabalhar com a categoria Globalização, conceito que se relaciona à diversidade cultural, no sentido de integração de culturas globais com culturas locais, com enfoque nas diferenciadas visões de mundo, nos modos de fazer e nos estilos de vida locais em contraposição ao global. O resultado das análises dessa categoria conduz à reflexão sobre o paradoxo entre o global e o local, no sentido de reconhecer a importância do papel da cultura local relacionado à preservação da cultura imaterial e do patrimônio natural. Esse reconhecimento constitui uma condição para garantir a sustentabilidade ambiental, social e cultural para as gerações futuras.

Quanto à categoria Identidade Cultural, o resultado das análises reforça que os fatores ambientais, culturais, sociais e éticos podem influenciar o comportamento do indivíduo, e, ainda, trazem o sentimento de pertencimento e de integração do indivíduo com a sociedade. A questão da identidade cultural também se relaciona ao conceito de globalização e se refere a um fator importante que fortalece as relações humanas, sociais, éticas e culturais, criando condições favoráveis para o desenvolvimento sustentável.

O reconhecimento da importância da preservação da Memória foi trabalhado como uma categoria analítica e se relaciona a aspectos da história e da preservação das expressões

culturais. É comum que o discurso de desenvolvimento subestime o passado e o considere como algo sem importância. Assim como já foi mencionado, a característica da efemeridade na moda reforça esse aspecto. Porém, a sustentabilidade se contrapõe à efemeridade afirmando que o passado é relevante, tendo em vista a importância de se proteger e promover as expressões culturais, os saberes e fazeres. A memória é um fator relevante na dimensão cultural, porque proporciona a transmissão de conhecimento e a preservação da cultura. Todas as categorias analíticas trabalhadas nessa pesquisa se relacionam à cultura. O desenvolvimento sustentável integra a inclusão social, a responsabilidade social, a viabilidade econômica e a cultura.

A preocupação com o desenvolvimento sustentável é hoje um discurso muito presente na sociedade e na moda, embora as práticas sociais não estejam em tanta sintonia com os debates. As ações são pontuais e por vezes, isoladas, diante de uma imensidão de possibilidades. A integração da cultura como pilar da sustentabilidade é um fator importante para pensar a sustentabilidade na moda. Nessa perspectiva, como foi visto com o resultado das categorias analíticas, tem-se o trabalho do estilista Ronaldo Fraga que conduz a reflexões sobre a sustentabilidade na moda na perspectiva cultural, e ainda, propicia uma autocrítica à própria moda. Como o próprio estilista Ronaldo Fraga já declarou: “a moda brasileira pode muito mais”⁵⁸.

O presente estudo pretendeu colaborar com a ampliação do debate sobre a sustentabilidade na moda e para isso foi considerada a perspectiva cultural do conceito. Os resultados discutidos nesta dissertação corroboram as discussões que consideram cada vez mais importante os fatores humano e cultural no conceito de sustentabilidade, quais sejam: os modos de vida, hábitos, valores, características locais, sentimentos, memória, ofícios ou manifestações artísticas e culturais.

Com todas as limitações de qualquer pesquisa, este trabalho trouxe algumas análises e reflexões que, espera-se, possa inspirar e contribuir com futuros estudos que relacionem estes conceitos.

⁵⁸ OBNISKI, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENDA 21 BRASILEIRA – Resultado da Consulta Nacional/por Maria do Carmo de Lima Bezerra, Marcia Maria Facchina e Otto Toledo Ribas, Brasília MMA/PNUD, 2002.

AGUIAR, G. C. O. de. **Expressão do imaginário na moda brasileira: um estudo dos processos de criação do estilista Ronaldo Fraga**. 2014. 558 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ALVES, J. J. A. A.; NASCIMENTO, S. S. do. Transposição do rio São Francisco: (des) caminhos para o semi-árido do Nordeste brasileiro. **REA – Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, PR, v. 9, n. 99, p. 39-45, ago. 2009.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Agência da ONU para Refugiados. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/o-acnur/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARAÚJO, J. **Folha de São Paulo Online**. Caderno Ilustrada. São Paulo, 19 jan. 2005. Ronaldo Fraga se inspira em Drummond. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1901200507.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BERLIM, L. **Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 160ª edição. Revisada por Frei José Pedreira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora. São Paulo: Editora Ave Maria, 2004.

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese biográfica. **Cadernos BAD**, Portugal, n. 2, p. 84-100, 2006.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é Participação**. 7 ed. Coleção: Primeiros Passos, n. 95. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

BORGES, A. **Design + artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v. 15, n. 2, p.73-83, abr./jun. 2001.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. **Direito à verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos**, Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

BONADIO, M. C.; PENNA, G. O. Conversas com Ronaldo Fraga. **IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo: Centro Universitário Senac, v. 9, n. 1, p. 171-180, set. 2016.

BRESSER, D. **R7 Online**. São Paulo, out. 2013. Ronaldo Fraga leva carne seca para a passarela da SPFW. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/mulher/moda-e-beleza/ronaldo-fraga-leva-carne-seca-para-a-passelela-da-spfw-02042014>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

BUENO, F. da S. **Minidicionário da Língua Portuguesa Silveira Bueno**. São Paulo: DCL, 2010.

CARVALHO, J. J. de. Imperialismo cultural hoje: uma questão silenciada. **Revista USP**, São Paulo, n. 3, v. 2, p. 66-89, dez./fev. 1996-1997.

CATÁLOGO VERÃO 98/99 DA COLEÇÃO “O VENDEDOR DE MILAGRES”. **Uol Online**. Roupas podem curar. Editorial do jornal “No Fraga!”. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/arquivo/msemoda/rona.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL, nov./2012. Disponível em: <<http://www.cicb.org.br/?p=10597>>. Acesso em: 4 abr.16

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, n. 2, v. 16, p. 221-226, 2003.

CIDREIRA, R. P. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **As formas da moda: comportamento, estilo e artisticidade**. São Paulo: Annablume, 2013.

COMITÊ NACIONAL PARA REFUGIADOS (CONARE). Sistema de Refúgio brasileiro, desafios e perspectivas. Ministério da Justiça, Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Estat>>

isticas/Sistema_de_Refugio_brasileiro_-_Refugio_em_numeros_-_05_05_2016>. Acesso em: 19 fev. 2017.

CONVENÇÃO sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), p. 1-21, 2007.

CRANE, D. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução Cristina Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

_____. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. BUENO, M. L. (Org.). Tradução Camila Fialho, Carlos Szlak, Renata S. Laureano. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

CUELLAR, J. P. (Org.). **Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e desenvolvimento**. Tradução de Alessandro Warley Candéas. Campinas, SP: Papyrus, Brasília: Unesco, 1997.

DAMATTA, R. Você tem cultura?. **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, p.1-4, 1981.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DULCI, L. C. **Da moda às modas no vestuário: entre a teoria hierárquica e o pluralismo, pelo olhar da consumidora popular em Belo Horizonte**. 2009. 151 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

EZABELLA, F. Ronaldo Fraga encerra SPFW com desfile em homenagem à memória. **Estadão**. São Paulo, 21 de janeiro de 2008. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ronaldo-fraga-encerra-spfw-com-desfile-em-homenagem-a-memoria,112849>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

FIGUEIREDO, A. de M. M. **Manto da Apresentação: Arthur Bispo do Rosário em diálogo com Deus**. 2010. 127 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

FILHO, G. M. Ecodesenvolvimento e Desenvolvimento Sustentável, conceitos e princípios. **Textos de Economia**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 131-142, 1993.

FOLADORI, G. Avanços e limites da sustentabilidade social. **Revista Paranaense de Desenvolvimento: economia, estado, sociedade**, Curitiba, n. 102, p. 103-113, jan./jun. 2002.

FRAGA, R. **Ronaldo Fraga: caderno de roupas, memórias e croquis**. Rio de Janeiro:

Cobogó, 2012.

FREITAS, M. R. de F.; CUNHA Jr., M. V. M. da; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. **RAUSP**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 97-109, jul./set. 1997.

FREYRE, G. **Modos de homem & modas de mulher**. 2 ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

GARCIA, C. **Uol Online**. São Paulo, 2000. Ampulheta. 7ª edição. Inverno 2000. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/modabrasil/acontece/calendario_semanamoda/ronaldo.htm>. Acesso em: 07 jan. 2016.

_____. Por uma poética do lugar-comum. In: QUEIROZ, J. R.; BOTELHO, R. **Ronaldo Fraga**. Coleção Moda Brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GODART, F. **Sociologia da moda**. Tradução de Lea P. Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-19, mai./jun. 1995.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Iphan, 2002.

GUEDES, L. da C. da S. Consumo e Identidade Cultural: o papel do designer na preservação da sua cultura e tradições perante o mundo globalizado. In: V ENEC – ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO e I ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE ESTUDOS DE CONSUMO. Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENEC, set. 2010, p. 1-15.

GULLAR, F. **Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GWILT, A. **Moda sustentável: um guia prático**. Tradução Márcia Longarço. 1 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KALIL, G. Mulheres fictícias. In: QUEIROZ, J. R.; BOTELHO, R. **Ronaldo Fraga**. Coleção Moda Brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 7-9.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p.89-121.

LAS CASAS, A. L. **Marketing: conceitos, exercícios, casos**. 8 ed., São Paulo: Atlas, 2009.

LEFF, E. **Discursos Sustentáveis**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAGALHÃES, F. Histórias costuradas no tempo: as narrativas de Ronaldo Fraga. **Rede: Revista Institucional do Ministério Público do Estado de Minas Gerais**. Direitos Humanos, Belo Horizonte, ano XI, ed. 24, p. 46-47, jul. 2015.

MAGIOLI, A. **Estado de Minas Online**. Belo Horizonte, 13 nov. 1998. Procura-se matraqueiro para manter a tradição viva em Minas. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/03/13/interna_gerais,356539/procura-se-matraqueiro-para-manter-tradicao-viva-em-minas.shtml>. Acesso em: 7 jan. 2016.

MAIA, R. de S.; BARRETO, L. R. P. Análise crítica do Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) do projeto de Integração do rio São Francisco. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Vitória. **Anais...** Vitória: CBG, 2014, p. 1-12.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**. Tradução de Astrid de Carvalho. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MARQUES, R. **Terra Online**. São Paulo, 30 jun. 2003. Ronaldo Fraga busca inspiração em bonecas de barro. Disponível em: <<http://moda.terra.com.br/spfw2004verao/interna/0,,OI117244-EI1526,00-Ronaldo+Fraga+busca+inspiracao+em+bonecas+de+barro.html>> . Acesso em: 30 jan. 2017.

MARTINS, T. C. **Design gráfico na moda: produto e comunicação. Uma análise sobre a coleção “Tudo é risco de giz” de Ronaldo Fraga**. 2012. 122 p. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

MICHETTI, M. **Moda brasileira e mundialização: mercado mundial e trocas simbólicas**. 2012. 502 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOURA, T. W.; RIBEIRO, N. C. T. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (IFOPEN)**. Brasília: Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). Ministério da Justiça, 2014.

NASCIMENTO, E. P. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos avançados**, v. 26, n. 74, p. 51-64, 2012.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

NOVAES, W. Agenda 21: um novo modelo de civilização. **Caderno de debate e sustentabilidade Agenda 21**. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Políticas Públicas para o Desenvolvimento Sustentável: Brasília, DF, 2003.

OBNISKI, L. **TPM Online**. São Paulo, 06 fev. 2012. Estilista critica a sociedade de consumo e dispara: “A moda brasileira pode muito mais”. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ronaldo-fraga>>. Acesso em: 4 mai. 2016.

ORTIZ, R. Diversidade cultural e cosmopolitismo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 47, p. 73-89, 1999.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. Globalização: notas sobre um debate. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr. 2009.

_____. Imagens do Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 609-633, set./dez. 2013.

PAULA de, F. B. R. Design como forma simbólica e como fenômeno de linguagem: uma conceituação possível. In: V Congresso Internacional de Pesquisa em Design, 2009, Bauru. **Anais...** Bauru: CIPED, 2009, p. 1-8.

PIAZZA, A. Coleção Folha Moda. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

PIERRE, N. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP. São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993.

PODESTA, R. de. Da terra brotam as bonecas de barro. **Revista Sagarana – Turismo e Cultura em Minas Gerais Online**, Belo Horizonte, n. 46, 2014. Disponível em: <<http://revistasagarana.com.br/artesas-do-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

PRADO, A. L. do; BRAGA J.; **História da moda no Brasil: das influencias às autorreferências**. 2 ed., Barueri, SP: Disal, 2011.

PRECIOSA, R. **Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida**. Coleção moda e comunicação/Kathia Castilho, coord.). 2 ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

QUEIROZ, J. R.; BOTELHO, R. **Ronaldo Fraga**. Coleção Moda Brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

RELATÓRIO DE ECONOMIA CRIATIVA, 2010. **Economia Criativa: uma opção de desenvolvimento viável**. Conferência das Nações Unidas para o Comércio o Desenvolvimento (UNCTAD): São Paulo, SP, 2010.

RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO. Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2009.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SÁ, I. G. de C. **ProNEA: um estudo das fontes legais da educação ambiental no Brasil**. Salvador, 2006.

SALCEDO, E. **Moda ética para um futuro sustentável**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2014.

SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, M. B. P. dos. O Turista Aprendiz: breves notas e observações sobre a viagem de formação de Mário de Andrade. **Aurora – Revista digital de Arte, Mídia e Política**. NEAMP – Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política, Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. ed. 6, p.110-124, set./dez. 2009. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/revistaurora/ed6_v_outubro_2009/index.htm>. Acesso em: 31 jan. 2017.

SANTOS, R. C. dos. **Tramas da memória social: A poética de Ronaldo Fraga e a coleção de Moda Nara Leão 2007/2008**. 2012. 181 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SENNETT, R. **O artífice**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. In: IV ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 2013, Brasília. **Anais...** Brasília: EnEPQ, 2013, p. 1-14.

SIMSON, O. R. de M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57>. Acesso em: 23 mar. 2017.

SISTEMA NACIONAL DE CULTURA (SNC), Estruturação, institucionalização e implementação do Sistema Nacional de Cultura, dez. 2011. **Ministério da Cultura**. Brasília: 2011.

SOARES, E. Seca no Nordeste e a transposição do rio São Francisco. **GEOgrafias**. Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia – IGC/UFMG. Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 75-86, jul./dez. 2013.

SOUZA, M. F. (Mauro Ferreira). **A importância da religião**. 27 de fevereiro de 2010, 6h48. Blogspot. Disponível em: <<http://mauroferreirasouza.blogspot.com.br/2010/02/importancia-da-religiao.html>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx: roupas, memórias, dor**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TORELLY, L. P. P. In: ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Brasília, DF: Iphan, 2015, p.11-12.

TRIP TRANSFORMADORES. Ronaldo Fraga. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2011/ronaldo-fraga>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

VALE. **Sala de Imprensa/Social e Cultura Online**. Jun./2012. Cooperativa apoiada pela Fundação Vale estreia na SPFW. Disponível em:

<http://saladeimprensa.vale.com/Paginas/Releases.aspx?r=Cooperativa_apoiada_pela_Fundacao_Vale_estreia_na_SPF&s=Social_e_Cultura&rID=333&sID=1>. Acesso em: 06 fev. 2017.

VASONE, C. **FFW Fashion Forward Online**. São Paulo, 26 abr. 2016. Ronaldo Fraga homenageia refugiados e africanos em desfile contra a intolerância geral. Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/ronaldo-fraga-homenageia-refugiados-e-africanos-em-desfile-contra-a-intolerancia-geral/>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VIANA, F.; PEREIRA, D. R. **Figurino e cenografia para iniciantes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

VILAR, L. **Revista Marie Claire Online**. São Paulo, 31 mar. 2011. Ronaldo Fraga e o Velho Chico: estilista monta exposição sobre o rio São Francisco. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI197166-17642,00-RONALDO+FRAGA+E+O+VELHO+CHICO+ESTILISTA+MONTA+EXPOSICAO+SOBRE+O+RIO+SAO+FRA.html>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

VIZEU, F.; MENEGHETTI, F. K.; SEIFERT, R. E. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, artigo 6, p.569-583, set. 2012.

VÍDEOS:

CONVERSA SOBRE EXPOSIÇÕES, LIVRO E ROUPAS: Programa Sem Censura, TV Brasil, 9 nov. 2011. Entrevista, 1h16min27s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3IcYObE9mi0>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

EM TORNO DE ZUZU – Encontro com Ronaldo Fraga – Ocupação Zuzu (2014). Itaú Cultural, abr. 2014. Debate, 1h21min49s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ffa9D3QhfmY>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

PALESTRA com Marina Silva sobre os desafios do Desenvolvimento Sustentável. UniCEUB, Brasília, DF, 2015. Palestra, 1h26min48. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=87fWnoAJ16g>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

RONALDO FRAGA FALA DE SUA COLEÇÃO – Verão 2010 – Parte 1. Comunidade Moda, 2010. Entrevista, 7min46s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IursvgnNKNg>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

RONALDO FRAGA FAZ DESFILE–MANIFESTO COM MODELOS TRANS NO SPFW – Desfile Completo. Clube Rosa, 6 nov. 2016. Desfile, 17min57s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-S68Kek1KhE>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

RONALDO FRAGA – Ocupação Zuzu (2014) – Parte 1/3. Itaú Cultural, ago. 2014. Depoimento, 2min55s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OyYCwfKzR4>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

RONALDO FRAGA – Ocupação Zuzu (2014) – Parte 3/3. Itaú Cultural, jul. 2014. Depoimento, 1min58s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4SMTz2aUQV4>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

SEREIAS DA PENHA: estilista Ronaldo Fraga fala sobre o amor do artesanato da PB, G1/TV Paraíba, 29 nov. 2015. Entrevista. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/paraiba-comunidade/videos/v/sereias-da-penha-estilista-ronaldo-fraga-fala-sobre-o-amor-ao-artesanato-da-pb-bloco-2/4641032/>>. Acesso em: 15 abr.16.